

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO

ISABEL APARECIDA MAFESSOLLI
JORDANA MACHADO DA ROSA

(RE)TECENDO A CULTURA CATARINENSE: UM ESTUDO SOBRE A
FIGURA DAS RENDEIRAS E A OBRA DE FRANKLIN CASCAES

FLORIANÓPOLIS
2019

ISABEL APARECIDA MAFESSOLLI
JORDANA MACHADO DA ROSA

(RE)TECENDO A CULTURA CATARINENSE: UM ESTUDO SOBRE A
FIGURA DAS RENDEIRAS E A OBRA DE FRANKLIN CASCAES

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Chirley Domingues e da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS,
2019

Dedicamos todo esse período da nossa formação acadêmica àqueles que são as nossas maiores inspirações: nossos pais. Sem eles, nada seríamos e nada conseguiríamos conquistar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter sido a nossa força em todos os momentos dessa etapa formativa, por não ter nos deixado desistir e por se fazer sempre presente na nossa vida, mesmo nos dias mais conturbados e que a vontade de desistir era grande.

Às duas mulheres mais importantes da nossa vida, nossas mães, Jussara do Rocio Machado Mafessolli e Rozinéia Pacheco Machado da Rosa, por nos amarem e apoiarem incondicionalmente. Vocês são as grandes responsáveis por termos chegado até aqui e a nossa gratidão a vocês é eterna.

Aos homens da nossa vida, nossos pais, Isaias Pedro Mafessolli, Orlandino da Rosa (*in memoria*) e Ronaldo da Costa. Vocês nos ensinaram a nunca desistir dos nossos sonhos e são nossos maiores exemplos de luta por uma vida melhor. Graças a vocês, fomos persistentes durante todo esse processo e nos mantivemos firmes nos nossos objetivos. Nosso muito obrigada!

Aos nossos familiares e amigos próximos, por toda a compreensão com as nossas ausências e por acreditarem nos nossos sonhos.

À Instituição campo de estágio, por abrir as portas para a nossa prática docente e gentilmente nos inserir no seu contexto escolar.

Ao professor regente de Língua Portuguesa, que compartilhou conosco experiências e conhecimentos e permitiu que acompanhássemos suas aulas e ficássemos à frente da sua turma por vinte e três encontros.

A nossa querida turma do nono ano, que nos acolheu e tanto nos ensinou. Vocês foram incríveis e os melhores alunos que poderíamos ter nessa fase formativa.

A nossa professora orientadora Chirley Domingues, que nos ajudou a idealizar todo esse projeto de docência e que nos acompanhou durante a primeira etapa desse estágio. Obrigada por todas as trocas, correções atentas e amizade.

A nossa professora orientadora Maria Izabel de Bortoli Hentz, sempre tão presente durante todas as nossas aulas. Professora, com toda a certeza, todo o seu auxílio, companheirismo, dedicação e acolhimento conosco e com o nosso projeto foram essenciais para o bom andamento do nosso estágio e para vivenciarmos uma experiência tão gratificante e de tanto aprendizado.

“Eu acredito na mente das pessoas, que cria tudo o que elas acreditam. Se alguém acredita em bruxas ou em Nossa Senhora ou no Demônio, então, para ele, na sua mente, essas entidades existem. O meu trabalho é o de apenas anotar as histórias que esse povo conta”.

- Franklin Cascaes

“Os seres humanos precisam narrar. Não para se distrair, não como uma forma lúdica de relacionamento, mas para alimentar e estruturar o espírito, assim como a comida alimenta e estrutura o corpo”.

- Marina Colasanti

RESUMO

A cultura catarinense é uma parte fundamental e inspiradora do nosso estado. O projeto de docência foi pensado valorizando a cultura catarinense, mais especificamente o que está acontecendo até os dias atuais de forma muito presente em Florianópolis, através de personagens culturais marcantes, literatura e variação linguística, (re)tecendo laços que já foram construídos e tecendo novos laços. O relatório final do estágio docência apresenta, então, os resultados alcançados durante nossa prática pedagógica, colocando o aluno como protagonista dos processos de ensino-aprendizagem, valorizando os laços culturais construídos e refletindo sobre a importância de manter acesa a chama de uma cultura, tão esquecida em alguns momentos, mas que faz parte de uma história muito bonita, construída há anos, desde que Florianópolis ainda era desterro. Decidimos começar esse projeto a partir da figura de uma mulher, essa que vive pela Ilha há muito tempo e é importante fonte de cultura: a rendeira. Todo o projeto foi desenvolvido através de processos de leitura e escrita, elaborados e pensados com a finalidade de resgatar a cultura catarinense, selecionando textos de autores importantes para tal. Para além disso, nosso projeto girou em torno do gênero textual *carta* e, nesse relatório, será possível observar os resultados alcançados através desse tipo de produção escrita. O autor lido e apresentado durante o projeto foi Franklin Cascaes, esse que foi responsável por registrar muitas das histórias que foram contadas por aqui. Seguindo o que acreditamos, organizamos esse relatório de forma que possamos ter certeza do quanto é importante que esses conteúdos estejam dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Cultura; Rendeira; Bilro; Tecer; Carta.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ESPAÇO ESCOLAR	11
2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	11
2.1.1 A Instituição.....	11
2.1.2 A Turma	14
2.1.3 A disciplina de Língua Portuguesa	17
2.1.4 O professor regente.....	17
2.1.5 A professora dois	18
3 O PROJETO DE DOCÊNCIA	19
3.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	19
3.2 ESCOLHA DO TEMA	24
3.3 JUSTIFICATIVA.....	26
3.4 REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.4.1 Concepção de língua	27
3.4.2 Concepção de linguagem.....	29
3.4.3 Concepção de sujeito.....	30
3.4.4 Aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem	32
3.4.5 Concepção de leitura e literatura.....	33
3.4.6 Concepção de produção escrita	36
3.4.7. Importância da tecnologia.....	38
3.4.8 Concepção de ensino	39
3.4.9 Concepção de avaliação	40
3.4.10 Síntese	43
3.5 OBJETIVOS.....	43
3.5.1 Objetivo geral.....	43
3.5.2 Objetivos específicos	43
3.6 CONTEÚDOS	44
3.7 METODOLOGIA	45
3.8 CRONOGRAMA	47
3.9 PLANOS DE AULA.....	48
3.9.1 Encontro 1 – 9 de outubro de 2019	49
3.9.2 Encontros 2 e 3 – 10 de outubro de 2019	56
3.9.3 Encontros 4 – 16 de outubro de 2019	73
3.9.4 Encontros 5 e 6 – 17 de outubro de 2019	81

3.9.5 Encontros 7 e 8 - 22 de outubro de 2019.....	94
3.9.6 Encontros 9 – 23 de outubro de 2019	98
3.9.7 Encontro 24 de outubro de 2019	106
3.9.8 Encontro 10 – 29 de outubro de 2019	107
3.9.9 Encontros 11 e 12 – 30 de outubro de 2019.....	116
3.9.10 Encontro 13 – 31 de outubro de 2019	133
3.9.11 Encontro 14 – 31 de outubro de 2019	140
3.9.12 Encontro 15 – 05 de Novembro de 2019	148
3.9.13 Encontro 16 – 06 de Novembro de 2019	154
3.9.14 Encontros 17 e 18 – 07 de Novembro de 2019	159
3.9.15 Encontros 19 e 20 – 12 de Novembro de 2019	163
3.9.16 Encontro 21 – 05 de Novembro de 2019	168
3.9.17 Encontros 22 e 23 – 12 de Novembro de 2019	172
4 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	177
4.1 RELATO DAS AULAS	177
4.1.1 Encontro 1 - 09 de outubro de 2019	177
4.1.2 Encontros 2 e 3 - 10 de outubro de 2019.....	179
4.1.3 Encontro 4 - 16 de outubro de 2019	182
4.1.4 Encontro 5 e 6 - 17 de outubro de 2019	183
4.1.5 Encontro 7 e 8 - 22 de outubro de 2019	185
4.1.6 Encontro 9 - 23 de outubro de 2019	187
4.1.7 Encontro - 24 de outubro de 2019	188
4.1.8 Encontro 10 - 29 de outubro de 2019.....	189
4.1.9 Encontros 11 e 12 - 30 de outubro de 2019	191
4.1.10 Encontros 13 e 14 – 31 de outubro de 2019.....	193
4.1.11 Encontro 15 – 05 de novembro	194
4.1.12 Encontro 16 – 06 de outubro de 2019	195
4.1.13 Encontro 17 e 18 – 07 de dezembro de 2019	196
4.1.14 Encontro 19 e 20 - 12 de novembro de 2019.....	198
4.1.15 Encontro 21 - 13 de novembro de 2019.....	200
4.1.16 Encontros 22 e 23 - 14 de novembro de 2019	201
4.2. RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA COM A ALUNA R.	202
4.3 REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DO FAZER DOCENTE.....	210
5. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	216
5.1 CONSELHO DE CLASSE	216

5.2 QUESTIONÁRIO DO GOVERNO	216
5.3 SETEMBRO AMARELO	217
5.4 SEMANA MULTICULTURAL.....	217
5.5 OUTUBRO ROSA	218
5.6 FORMAÇÃO DE PROFESSORES	219
5.7 A EXPERIÊNCIA NA SALA DOS PROFESSORES	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	222
ANEXOS.....	225
ANEXO 1 - IMAGEM DA ANEDOTA DO LIVRO DIDÁTICO.....	226
ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DA TURMA DE NONO ANO	227
ANEXO 3 – CRÔNICAS DE MARINA COLASANTI.....	231
ANEXO 4 - IMAGENS DAS VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	237
ANEXO 5 - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	241
ANEXO 6 - TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.....	243

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório final, elaborado como requisito parcial de avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, tem como objetivo central relatar a nossa experiência de docência com uma turma de nono ano. Este trabalho foi construído a partir da observação de doze aulas de Língua Portuguesa da turma mencionada, o que nos possibilitou conhecer não só a turma, como também a instituição e o ensino de Língua Portuguesa que nela se desenvolve. Também é fruto das nossas experiências de vivência durante os vinte e três encontros que ministramos e da nossa participação nas atividades organizadas pela Instituição para além do ambiente de sala de aula.

Para melhor organizar a apresentação desse relatório, este documento foi estruturado a partir das seguintes seções: “2 O espaço escolar”, “3 O projeto de docência”, “4 Reflexão sobre a prática pedagógica”, “5 Vivências no fazer docente no espaço escolar”, “6 Considerações finais”, “Referências” e “Anexos”.

Na seção “2 O espaço escolar” será apresentado um pouco sobre o histórico da instituição de ensino em que realizamos as observações e sobre os espaços físicos que tivemos a oportunidade de conhecer e frequentar. Com essa apresentação, pretendemos destacar algumas informações que contribuem para o melhor entendimento da organização dos espaços e da dinâmica escolar como um todo, a fim de melhor explicar como se deu a utilização desses espaços e dos recursos disponibilizados, para que esse período de docência fosse enriquecedor tanto para os estudantes, quanto para nós. Descrevemos ainda nossas impressões gerais sobre a turma, focalizando na postura dos estudantes durante as aulas e atentando ao ritmo de aprendizagem e participação deles durante as atividades desenvolvidas. Ademais, apresentamos também informações sobre a disciplina de Língua Portuguesa e o professor regente da turma de nono ano na qual realizamos o estágio. Entre essas informações, estão a metodologia e a filiação teórica que embasam o fazer do professor, bem como os horários das aulas. Por fim, falamos também sobre a professora dois, pois acreditamos que seja importante destacar o trabalho da professora para melhor explicar de que forma o material para a estudante foi adaptado, considerando as orientações dessa professora.

Já na seção “3 O projeto de docência” apresentamos discussões e reflexões acerca da principal problemática identificada na nossa turma de estágio: resistência à leitura. Para isso, primeiramente, será realizada uma breve análise das aulas observadas, a fim de melhor elaborar

a problematização. Posteriormente, será explicado como se deu a escolha do tema deste projeto – cultura catarinense, e, por fim, será apresentado o porquê da escolha desse tema e como ele se alia à problemática identificada. Logo em seguida, trazemos uma reflexão teórico-crítica, em que expomos as concepções de língua, linguagem, sujeito, literatura, leitura, escrita, ensino e avaliação assumidas para nossa ação docente, a fim de melhor amparar os planos de aula elaborados para este estágio. Dando continuidade, nessa seção ainda, focalizamos o fazer docente como um todo, apresentando os objetivos, conteúdos, metodologia, cronograma e todos os planos de aula com seus respectivos anexos de atividades desenvolvidas para aquelas aulas.

Na seção “4. Reflexões sobre a prática pedagógica”, por sua vez, apresentamos um relato detalhado de todas as vinte e três aulas que ministramos, destacando desde o conteúdo ministrado e atividades desenvolvidas, até o comportamento dos alunos e nossas breves avaliações sobre os acontecimentos dessa aula. Logo após, trazemos uma reflexão crítica sobre todo esse período de estágio em que ministramos nossas aulas, pensando criticamente sobre as nossas principais ações a partir do referencial teórico que pautou nosso estágio e que foi apresentado na seção anterior.

A seção “5. Vivências no fazer docente no espaço escolar” é a responsável por apresentar as atividades que ocorreram na Instituição durante o período de estágio. Nela, relatamos como ocorreu a prova do governo sobre o novo ensino médio, prova essa que acompanhamos durante o período de observação; a campanha do setembro amarelo; a campanha do outubro rosa; a semana multicultural; a formação de professores sobre a BNCC, que tivemos a oportunidade de participar e as nossas vivências no espaço da sala dos professores.

Para finalizar, trazemos nossas considerações finais sobre o estágio; as referências bibliográficas que serviram de base para as nossas reflexões e para o planejamento de todas as aulas e alguns anexos gerais dessa etapa formativa e que consideramos importante, principalmente em relação à documentação para realização do estágio de docência.

2 O ESPAÇO ESCOLAR

2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2.1.1 A Instituição

Considerado o maior colégio público da América Latina, a Instituição na qual realizamos nosso estágio de docência está localizada atualmente no centro de Florianópolis - SC. Segundo dados de 2017 disponibilizados no Projeto Pedagógico da escola, essa conta com uma equipe formada por 460 profissionais que atendem do Ensino Infantil ao Ensino Médio. Diariamente, cerca de oito mil pessoas circulam pelas instalações do colégio.

Apresentando atualmente uma estrutura moderna e que chama a atenção devido ao grande espaço territorial ocupado - são 52.000 m², dos quais, 22.000 m² são de área construída -, a história do colégio iniciou no século XIX, quando primeiramente se localizava nos porões de um palácio da capital catarinense.

Do ano da sua fundação, até 1919, a escola ficou instalada nos porões do Palácio. Todavia, o ambiente precário, que já preocupava o governo de Santa Catarina, afinal um porão não é o melhor local para abrigar estudantes, aliado à vontade de oferecer um ensino de maior qualidade, fez com que a instituição ganhasse um novo prédio em 1926, também no centro de Florianópolis. Foi, então, com essas novas instalações que a escola ganhou destaque na capital catarinense.

Após essa primeira mudança de localização, a escola passou por uma série de alterações de nome, recebendo o nome atual somente em 1969.

Em relação a sua sede atual, essa é considerada a maior mudança histórica da instituição: depois de ser transferida dos porões para uma construção na Saldanha Marinho, a escola ganhou a moderna instalação localizada na Avenida Mauro Ramos em 1963, após 10 anos de construções. Apesar do novo (e atual) projeto ter iniciado em 1950, no governo de Irineu Bornhausen, ter passado também pelo governo de Jorge Lacerda, foi Celso Ramos que inaugurou essa bela obra arquitetônica, em 1964.

Domingues (2017) destaca que

Hoje, a escola atende quase que exclusivamente alunos dos bairros próximos e, dessa forma, nela estudam alunos da classe média e classe média baixa. Até meados da década de 80, a escola era conhecida por ter um ensino tradicional e uma disciplina rigorosa. Os alunos não podiam circular pelos corredores da escola durante o horário das aulas e só podiam entrar nas dependências da instituição com a apresentação do documento de identificação da própria escola. A partir do ano 2000, passa a ter uma disciplina menos rígida e, hoje, precisa lidar com os problemas que muitas escolas públicas enfrentam, como indisciplina e violência. Mesmo sendo essa uma realidade preocupante para funcionários e professores, a escola ainda é considerada referência e tem certo reconhecimento pela tradição no ensino público, sobretudo pela estrutura que oferece. (DOMINGUES, 2017, pp. 127 - 128)

A moderna estrutura conta com laboratórios das mais variadas disciplinas, entre eles, Laboratório de Língua Portuguesa; com 144 salas de aula; dois auditórios e dois refeitórios; um

complexo esportivo que atende alunos de dentro e fora da instituição; dois laboratórios de informática; Biblioteca Central, além de sanitários em todas as Alas; duas salas de professores; salas de coordenações e rede wireless em todos os ambientes escolares.

Durante todo o período em que estivemos na escola, foi possível perceber que a organização, manutenção e limpeza da escola seguem um padrão de qualidade excelente. Os espaços, além de sempre estarem limpos, estão constantemente sendo reformados, assim garantindo um ambiente mais propício para o processo de ensino-aprendizagem e para a permanência estudantil. Os banheiros, há pouco tempo, haviam sido reformados, tornando-se inclusivos, ou seja, diminuindo as barreiras arquitetônicas para a permanência de estudantes com deficiências. Além disso, acompanhamos um período de obras, tanto na sala dos professores como no pátio do colégio, procurando melhorar o espaço físico do ambiente escolar.

Sobre a sala de aula da turma do nono ano em que realizamos o estágio, é importante destacar que o ambiente é amplo, possui dois grandes murais em que os alunos costumam colar seus trabalhos, há um grande número de carteiras, que ficam enfileiradas, geralmente, como é padrão na grande maioria das escolas, possui também *projektor multimídia* projetor multimídia e um armário, em que ficam guardados os livros didáticos utilizados pela turma. Há ainda um quadro branco que ocupa todo o espaço da parede central da sala e uma mesa e cadeira para o professor.

O espaço da Biblioteca também é bem amplo, com várias mesas e cadeiras em que os alunos podem utilizar para estudarem, lerem ou apenas descansarem no seu período de intervalo. Há também dois sofás. Nas duas vezes em que visitamos a Biblioteca, observamos alguns alunos lendo. O acervo, no entanto, apesar de grande, possui muitos números repetidos e merecia uma atualização.

O Laboratório de Língua Portuguesa, por sua vez, é um dos ambientes que nós, particularmente, mais gostamos de conhecer. O acervo é muito diversificado e possui obras tanto direcionadas aos estudantes, quanto obras teóricas para os professores. O espaço é muito acolhedor e possui cerca de 8 mesas e 40 cadeiras que foram utilizadas para a realização de algumas atividades com os estudantes, conforme relataremos adiante. Há ainda uma televisão e um quadro de giz, além das paredes serem decoradas, criando um ambiente mais familiar.

Por fim, destacamos que o princípio norteador da Instituição, de acordo com o seu PPP, é “o exercício consciente da cidadania, não perdendo de vista o homem na sua totalidade e sua relação com os outros e o mundo” (PPP, 2018, p. 13). Por conta disso, o objetivo geral do colégio é justamente “produzir condições materiais e objetivas de apropriação e produção de

novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido e acumulado, cientificamente, pela humanidade”. (PPP, 2018, p. 7). Todas essas informações, então, de cunho históricas, sociais, pedagógicas e de espaços físicos foram consideradas e nos auxiliaram a elaborar um projeto de docência que atendesse às necessidades e a realidade não só da instituição, quanto dos estudantes.

2.1.2 A Turma

No primeiro dia da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, fomos informadas sobre o nome da Instituição campo do nosso estágio, além de ficarmos sabendo que essa etapa da nossa formação aconteceria no Ensino Fundamental II. Das opções que nos foram disponibilizadas, escolhemos uma turma do nono ano, por conta do horário das aulas que melhor se adequava as nossas necessidades.

Composta por trinta e cinco alunos, sendo que o número de meninos e meninas é próximo, essa turma de nono possui um aluno estrangeiro - haitiano - e uma aluna portadora de síndrome de down e diagnosticada também com deficiência intelectual. Por conta disso, a turma possui uma professora dois.

Foi possível perceber, durante todo o período de estágio, que se trata de uma turma que tem dificuldades no momento de socialização, pois não se sentem confortáveis em explanar a sua opinião para todos os colegas. É também uma turma com problemas de comportamento, tais como: uso de celular em sala, uso de fone de ouvido, não seguimento do espelho de classe (o que, inclusive, gerou conflitos em várias aulas durante o período de observação) e falta de organização; e uma turma que, por vezes, aparentava ser “apática”.

Apesar dessas características que, a princípio, nos deixaram receosas, é também uma turma que respeita muito a figura do professor, que demonstra ser bastante carinhosa quando dado esse espaço a eles e que tem um potencial enorme. São alunos muito especiais e que abrem a possibilidade para a criação de um vínculo com eles facilmente.

Durante as aulas em que observamos e ministramos, também notamos que não é uma turma que realiza as tarefas solicitadas para serem feitas em casa. Afirmamos isso, pois uma das nossas propostas a realização de uma pesquisa extraclasse que ampararia o *workshop* e tivemos bastante dificuldade para receber essas pesquisas prontas. Além da maioria não ter realizado a tarefa em casa, percebemos que muitos fizeram as pressas antes de começar a aula ou durante alguma atividade da aula. Durante o período de observação, ficamos sabendo também sobre uma ficha de leitura em que várias foram entregues iguais, mostrando claramente

que, além de não terem lido, os alunos copiaram uns dos outros. A nossa experiência aliada a esse relato nos mostrou, então, a dificuldade que há para eles realizarem uma simples tarefa de casa.

Prender a atenção dos alunos durante a explicação também se mostrou um grande desafio no período de observação: com raras exceções, a maioria apresentou dificuldades em se concentrar naquilo que o professor estava explicando. Esse fato fez com que ficássemos receosas para os encontros que nós ministraríamos, mas, para a nossa surpresa, o retorno que os alunos nos deram foi completamente diferente daquilo que observamos: desconsiderando duas aulas que os alunos apresentaram sérios problemas de comportamento – uma, devido a configuração da sala em grupo e a outra, devido a grande parcela de tempo de exposição -, na grande maioria das vezes, todos prestaram muito atenção àquilo que falávamos, além de se mostrarem comprometidos com as aulas e com aquilo que estava sendo ensinado.

Além disso, observamos que a aula com maior número de estudantes é a aula que começa às 10h50. Nas aulas que começam às 7h30, muitos alunos chegavam atrasados, o que fazia com que a aula de quarta-feira fosse bem vazia, se compararmos ao número total de estudantes da turma com o número que efetivamente participa da aula. Nas quintas-feiras, como a aula é faixa, grande parte dos estudantes chegava apenas para a segunda aula, que iniciava às 8h15, principalmente os meninos.

Quanto ao relacionamento dos alunos entre si, notamos que, apesar de existirem alguns grupos formados por maior afinidade, há um respeito mútuo entre todos. Durante todo o período de estágio, não houve nenhum conflito entre os estudantes e eles sempre se ajudaram. Há uma boa comunicação entre todos e o que chamou a atenção é que eles utilizam muitas gírias para se comunicarem.

Em relação ao comportamento dos alunos com os professores, observamos que a grande maioria respeita o professor regente, apesar de serem pouco participativos, conforme já mencionado. Todavia, a figura de maior liderança para a turma é a professora dois.

A nossa relação com a turma, conforme já esperávamos, foi muito boa. Criamos um vínculo muito rápido com os estudantes, talvez por conta da nossa faixa-etária que se aproxima da deles, mas provavelmente por conta das metodologias e estratégias diferenciadas que utilizamos. Esse vínculo, com toda a certeza, contribuiu para o bom andamento do nosso projeto.

Como já destacado, na turma em que realizamos o estágio, havia uma aluna deficiente. Portadora de Síndrome de Down e diagnosticada com Deficiência Intelectual Avançada, a aluna R. ainda não foi alfabetizada, mesmo tendo 15 anos.

Em conversa com a professora dois, conseguimos obter algumas informações sobre o processo de ensino-aprendizagem da aluna R. que aqui relataremos, a fim de melhor justificar a produção de atividades adaptadas para a estudante, incluindo-a assim no nosso estágio.

A aluna está inserida no contexto escolar desde os cinco anos, já que estuda nessa mesma instituição desde a Educação Infantil. Todavia, ela é acompanhada pela professora dois atual desde o início deste ano. Ao questionarmos o porquê da professora não a acompanhar a mais tempo, a professora explicou que os professores da Educação Especial mudam todos os anos, não ficando mais de um ano com o mesmo aluno, sendo essa uma organização definida pela Secretaria de Estado da Educação, a qual se vincula a Instituição.

Perguntamos também se a presença de professor dois foi uma solicitação da instituição escolar ou dos pais, visto que Síndrome de Down não se encaixa no público-alvo da Educação Especial. Sobre essa questão, a professora nos informou que a decisão da aluna R. ser acompanhada por um professor dois foi tanto da instituição, quanto uma solicitação dos pais. Com as mudanças na lei, no próximo ano, a aluna poderá perder o direito, justamente por não pertencer ao público-alvo, porém a professora argumentou que os pais irão entrar com pedido, caso isso aconteça, devido ao fato de ela possuir Deficiência Intelectual.

A professora também nos contou que a relação dela com a família da aluna R. é muito boa e que isso faz toda a diferença, pois há um auxílio da família no processo de adaptação de materiais para a aluna, que frequenta as aulas de todas as disciplinas e atividades, porém sempre adaptadas para o grau de evolução atual dela.

Sobre o processo de avaliação, esse se dá de maneira processual, diária e é todo realizado pela professora dois. Também fomos informadas que a estudante frequenta a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) em São José diariamente no contraturno.

Essas informações apresentadas são frutos de uma entrevista que realizamos com essa profissional. A impressão que tivemos sobre a aluna é de que realmente faltam estímulos no processo de ensino-aprendizagem e, apesar da professora dois ter nos informado que a aluna dificilmente conseguiria acompanhar o andamento do projeto, para a nossa surpresa, durante todas as atividades que realizamos com ela, ela não só acompanhou, como também se mostrou dedicada e comprometida, trocando informações conosco, respeitando, é claro, as suas limitações.

Por fim, percebemos que a maior problemática da turma estava relacionada com a leitura. Claramente, os alunos demonstraram ter dificuldades em ler e afirmaram não gostar de leituras. Por essa razão, tentamos oferecer práticas de leitura diferenciadas, o que, de certo modo, houve um retorno positivo, ainda que a maioria dos alunos, mesmo participando das atividades, tenha afirmado a falta de gosto pela prática de leitura.

2.1.3 A disciplina de Língua Portuguesa

A disciplina de Língua Portuguesa para a turma em que realizamos o estágio está organizada da seguinte maneira: são quatro aulas semanais, sendo que apenas um dia a aula é faixa. As aulas acontecem: terça-feira, das 10h50 às 11h35, quarta-feira, das 7h30 às 8h15 e quinta-feira, das 7h30 às 9h.

Algo que observamos e vivenciamos é que as aulas que começam às 7h30 tem um número bastante reduzido de alunos. Os estudantes geralmente começam a chegar à Instituição após às 8h, entrando apenas para a segunda aula.

Durante o período de observação, o conteúdo ministrado foi gramatical. Fomos informadas de que o trabalho com leitura e produção textual seria realizado ao fim do ano, período em que nós estivemos a frente da turma. Isso fez com que o professor solicitasse que esses conteúdos entrassem também nos nossos planejamentos, vindo de encontro àquilo que já estávamos organizando para a turma.

2.1.4 O professor regente

Atuando há 20 anos na Educação, o professor regente de Língua Portuguesa da turma em que realizamos o estágio considera-se tradicional e, além de ministrar aulas para todos os nonos anos da Instituição campo do estágio, possui outras turmas de diferentes níveis em outras instituições, totalizando uma carga de trabalho de 60h/a semanais.

A principal metodologia do professor consiste em aulas expositivas auxiliadas pelo uso do livro didático. Foi possível verificar, durante todo o período de observação, que o professor valoriza muito o livro didático e o considera essencial para um bom processo de ensino-aprendizagem. O uso do livro didático é, de fato, importante, se considerarmos o mesmo como um auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. As atividades e textos selecionados no livro que o professor regente utilizava eram reflexivos e dignos de fazer com que o aluno reflita sobre

o que está produzindo. Também nas suas falas para os alunos, durante várias aulas, o professor reforçou a importância da existência desse recurso de aprendizagem.

As doze aulas que assistimos, tiveram como temática as orações subordinadas adverbiais. Defendendo o ensino de gramática em sala de aula, o professor salientou a importância de conteúdos gramaticais para uma boa escrita de redação e, por ser professor também do Ensino Médio noite em outra instituição pública, afirmou que a maior dificuldade dos alunos em produções escritas está em não saberem utilizar adequadamente os recursos gramaticais. Essa dificuldade, segundo o professor, é fruto de um ensino deficitário de gramática no Ensino Fundamental. Para evitar tais problemas, o professor prefere ensinar gramática e disse estar ciente que alguns colegas consideram isso como algo “ultrapassado” (palavras dele).

Sobre a sua metodologia, o professor nos relatou que durante os vinte anos que está inserido no contexto escolar já tentou diversas estratégias, mas que a atual é aquela que ele percebe que dá maior resultado, sendo, portanto, para ele, a mais eficaz.

Para finalizar, durante o período em que assistimos as aulas do professor regente, fomos sempre tratadas com muito respeito e como futuras colegas de profissão. Devido a isso, tivemos várias conversas com o professor acerca de assuntos variados, como a Situação Educacional do Brasil, que ele afirma necessitar de mudanças, principalmente referente às condições de trabalho do professor e valorização da profissão. O professor, por vezes, se mostrou desanimado com os rumos que a Educação está tomando e bastante cansado, devido a sua carga de trabalho exaustiva. Ao longo das aulas que ministramos no período de estágio, poucas vezes o professor teceu algum comentário diretamente a nós, mas nas vezes que conversamos com ele, ele afirmou estar gostando da forma como estávamos conduzindo a disciplina e pediu para que refletíssemos sobre as condições do professor, pois dificilmente trabalhando 60h conseguiríamos preparar tantos materiais diferenciados, o que concordamos.

2.1.5 A professora dois

Atuando já há 24 anos na Educação, 18 deles na área de Educação Especial, a professora dois da estudante da nossa turma é formada no Magistério – formação realizada em Santos/São Paulo - e em Educação Especial - graduação a distância realizada na UNIASSELVI. A professora começou a acompanhar a aluna R. somente este ano e é funcionária da instituição campo do estágio há 8 anos.

Questionada sobre o motivo que a fez ingressar na área de Educação Especial, ela nos informou que tudo começou no momento em que uma vizinha pediu ajuda para ela ensinar a filha deficiente e ela não sabia como ensinar a criança. Isso fez com que ela decidisse se especializar mais na área, resolvendo, por fim, continuar toda a sua especialização em Educação Especial. Atualmente, a professora está aprendendo a Língua Brasileira de Sinais.

Sua relação com o professor regente da turma, segundo ela, é boa. Realmente, durante todo o período de estágio, percebemos que há uma relação de muito respeito entre os dois e o professor regente, além de tudo, admira muito o trabalho da professora dois, principalmente porque ela está conseguindo alfabetizar a aluna R.

Um dos grandes diferenciais do trabalho da professora que conseguimos perceber é que ela usa o seu próprio material, adaptado para cada disciplina com a aluna R. Há um caderno com várias atividades já preparadas que ela vai desenvolvendo. Isso mostra a dedicação da professora com a estudante. As atividades aproximam-se, na nossa visão, muito daquilo que é desenvolvido na Educação Infantil. Todavia, considerando o grau de Deficiência Intelectual da estudante, há algumas atividades que observamos que ela precisa até da ajuda da professora para realizar. Todos esses estímulos já apresentam resultado: a estudante está aprendendo a escrever e a reconhecer as letras do seu nome, o que é um grande avanço. A professora nos informou que quando recebe um novo aluno, ela realiza uma primeira avaliação da criança e depois busca outros meios para finalizar o diagnóstico do atual grau de dificuldade da criança: seja conversando com a família, seja conversando com outros professores. A partir dessa avaliação, elabora todo o material.

Por fim, perguntamos também como ela enxerga o seu papel nessa turma do nono ano e ela nos informou que se tornou uma espécie de líder dos alunos. Essa visão, segundo ela, é tanto dos estudantes, quanto dos demais professores. No curto período que convivemos com a turma, pudemos confirmar isso: os estudantes tem bastante respeito pela professora dois.

3 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1 PROBLEMATIZAÇÃO

“Não vou ler, não, professor, é um monte de coisa”

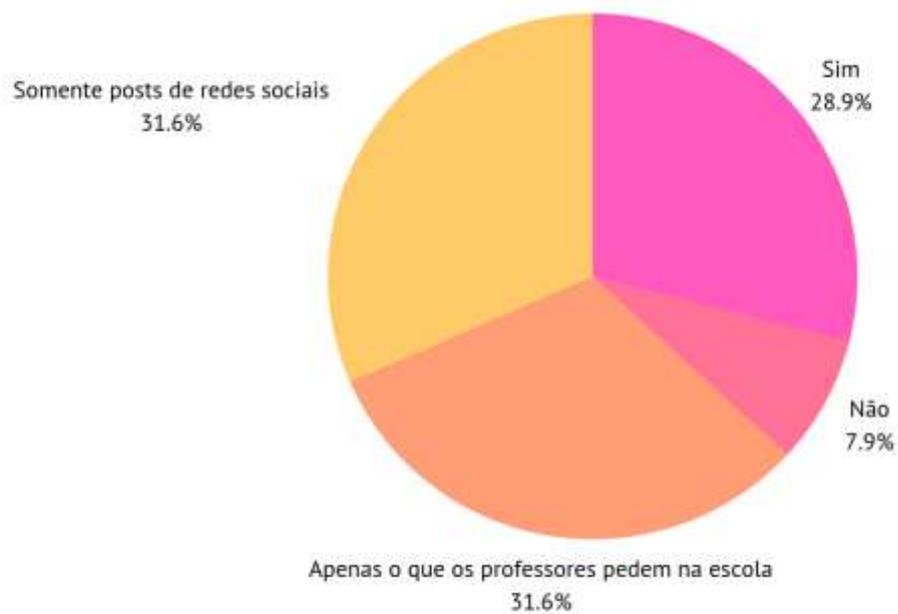
- Aluno G., turma do nono ano.

-

20 de agosto de 2019. Primeira aula de observação da turma escolhida para a realização do estágio docência: a turma de nono ano. O professor regente de Língua Portuguesa pede para que um aluno faça a leitura de uma anedota para iniciar a explicação do conteúdo gramatical que viria a ser o conteúdo ministrado durante todo o período de observação: orações subordinadas adverbiais. O aluno, ao observar a página do livro didático que continha a anedota, faz a seguinte colocação “Não vou ler, não, professor, é um monte de coisa”. O que chama a atenção é que o texto continha apenas 11 linhas (ANEXO A). Assim, o primeiro e, posteriormente ficou evidente, o maior problema da turma já é exposto logo no primeiro contato com os estudantes: resistência à leitura.

Os benefícios da leitura em sala de aula são inúmeros e inquestionáveis. Nesse sentido, identificar tal resistência logo no início do período de observação foi preocupante, visto que tivemos a consciência já no início de que a realidade diária da turma é essa. Posteriormente, em conversas particulares, o professor regente, inclusive, relatou a dificuldade em trabalhar leitura e literatura com os estudantes, que se negam a ler e quando recebem alguma atividade que envolva tal prática, acabam apenas copiando da *internet*, ou até mesmo dos próprios colegas.

No questionário realizado com a turma durante o período de observação (ANEXO B), uma das nossas inquietações relacionou-se justamente com os hábitos de leitura dos nossos estudantes. Por conta disso, questionamos se eles possuem o hábito de ler e qual a maior dificuldade que eles encontram ao ler um texto. Nessas questões, os estudantes poderiam assinalar mais de uma opção. Assim, obtivemos os seguintes dados: onze estudantes responderam que costumam ler, três afirmaram que não, doze afirmaram que leem apenas o que os professores pedem e doze afirmaram que leem somente *posts* de redes sociais. Aqui, vale destacar que dos onze que afirmaram ler, a maioria assinalou também que lê o que o professor solicita e *posts* de redes sociais. Assim, percebeu-se que poucos realizam leitura literária. Já sobre as maiores dificuldades em se ler um texto, sete assinalaram que não entendem, seis colocaram que o autor escreve difícil, um que não tem tempo, quatro que não gostam de ler, quatro que não gostam do assunto do texto e oito afirmaram não ter nenhuma dificuldade. Novamente, salienta-se que os estudantes poderiam assinalar mais de uma alternativa. Analisando as respostas, pode-se pensar que uma das causas da resistência à leitura é a falta de compreensão do texto lido que desmotiva a prática. Para auxiliar a realizar essas análises e a expor os dados coletados, elaboramos os seguintes gráficos:



HÁBITO DE LER

Imagem 1: Gráfico sobre hábitos de leitura dos estudantes da turma de nono ano



Imagem 2: Gráfico sobre dificuldades ao ler um texto dos estudantes da turma de nono ano

Dado esse contexto e considerando também que “a ação de ler não é somente para entretenimento ou uso acadêmico, é também, uma ótima ferramenta que oferece ao leitor uma visão ampla de mundo, onde o sujeito pode contextualizar suas próprias experiências com o texto lido” (ARANA; KLEBIS, 2015, p. 2), focalizamos nesse projeto de estágio o trabalho com a leitura.

Ademais, durante as doze aulas observadas, o conteúdo ministrado foi “Oração Subordinada Adverbial”. Não houve trabalho com a leitura, além das leituras de fragmentos que serviam de exemplo para a explicação de um aspecto gramatical e também não foram realizadas produções escritas. É importante ressaltar que essa observação é feita dentro de um recorte de aulas do professor. Sendo assim, não podemos afirmar se em outros momentos houve o trabalho com leitura e escrita, visto que não estávamos presentes em sala.

Essa observação fez com que surgisse outra inquietação: qual os hábitos de produção escrita dos nossos estudantes? Por conta disso, uma das questões do questionário se pautava justamente nesses hábitos. Desse modo, sobre o costume de produzir textos, três estudantes afirmaram não produzir, oito afirmaram que produzem, dezesseis assinalaram que só escrevem aquilo que o professor pede na escola e um colocou que escreve somente *posts* de redes sociais.

Dos oito que afirmaram escrever, somente dois indicaram o gênero. Os demais, colocaram “sim” e “apenas o que os professores pedem na escola”, conforme se pode observar no gráfico abaixo.

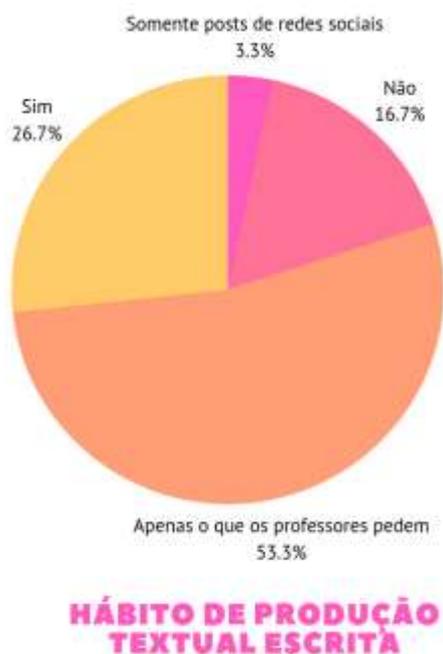


Imagem 3: Gráfico sobre os hábitos de produção textual escrita dos estudantes da turma de nono ano

Esses dados mostram que a produção textual não é uma prática frequente na vida dos estudantes e só ocorre se tiver o caráter de obrigatoriedade escolar.

Considerando que escrever textos é também uma forma de “participar de processos em que o sujeito é ativo, assume posições axiológicas e é interpelado a todo momento por suas ideologias” (TOMAZONI, 2013, p. 4), ou seja, de o sujeito se colocar diante do mundo, consideramos importante que houvesse esse trabalho com a escrita em sala de aula aliado ao trabalho com a leitura.

Por fim, vale ressaltar que observamos nas respostas do questionário realizado antes da elaboração do projeto de docência que poucos alunos tinham conhecimento sobre a cultura catarinense. Em relação à pergunta sobre autor catarinense, vinte e sete alunos afirmaram não conhecer e apenas um estudante afirmou que conhece. Todavia, perguntado qual era esse autor conhecido, o estudante afirmou não saber. Isso nos fez perceber que, possivelmente, a literatura catarinense é pouco abordada em sala de aula. Já sobre a cultura catarinense em geral, a grande maioria colocou que conhece “nada”. Os que apontaram algum aspecto cultural, utilizaram as

seguintes palavras: comidas, principalmente tainha; pesca; lendas; boi de mamão; saci-pererê; bruxas; fantoche gigante; curupira; coxinha; gudan; falar rápido; farofa e Dona Maricota. Observa-se que há uma confusão entre personagens culturais de Santa Catarina e personagens folclóricos, bem como que os personagens citados são aqueles mais famosos.

Assim, desejando ampliar o conhecimento cultural local dos estudantes, desenvolvemos no período de docência atividades que contemplassem essas três problemáticas: resistência à leitura, pouca produção textual escrita e falta de abordagem da cultura catarinense.

3.2 ESCOLHA DO TEMA

A escolha de um tema para um projeto de docência precisa considerar aspectos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, tais como concepção de língua, linguagem, leitura e ensino, assim como as necessidades dos alunos, inseridos em um espaço escolar específico. Essa escolha precisa surgir de um processo de observação que leve em consideração muitos fatores: a escola, o espaço, os conteúdos estudados pelos estudantes, as necessidades dos alunos e as metodologias utilizadas.

Considerados e analisados todos esses aspectos, definimos a escolha do tema deste projeto pensando, principalmente, no que diz respeito a duas problemáticas identificadas: a resistência à leitura no ensino fundamental II e a necessidade do resgate da literatura catarinense.

Primeiramente, fez-se necessário refletir sobre a primeira problemática destacada: a resistência à leitura. Sobre isso, foi importante considerar que

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

Foi necessário, então, pensar que os alunos não podem estar sujeitos somente à comunicação oral. Ao incentivar a leitura, abrem-se leques de possibilidades e, com isso, consideráveis mudanças na formação do aluno, não só no ambiente escolar, mas também em toda a sua realidade social, visto que a leitura é capaz de suscitar novas vivências e pensamentos aos estudantes, constituindo os sujeitos e não os instituindo, conforme propõe Geraldi (1999) ao refletir sobre a concepção de sujeito.

Para que esse processo acontecesse, levamos em consideração o que Silva (1999) aponta “[...] a escola é o principal reduto onde as novas gerações podem conseguir o devido preparo para a compreensão dos vários tipos de organização textual, que compõem o mundo da escrita (SILVA, 1999, p.18)”. Ao organizarmos o projeto, pensamos, assim, na importância do incentivo à leitura no ambiente escolar. Esse incentivo também precisou levar em consideração as vivências do aluno fora do ambiente escolar já que, em alguns casos

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição. (SOLÉ, 1998, p. 51)

Desse modo, entendemos e reconhecemos que a escola é, ainda hoje, o principal espaço de incentivo à leitura e é papel do professor auxiliar nesse processo durante toda a vivência escolar do aluno. A escolha do tema do projeto de docência frisou tal perspectiva, considerando que é papel do professor considerar a relevância do incentivo à leitura, nesse caso, através do ensino de literatura e do incentivo da prática de leitura.

Agora, feitas essas considerações, torna-se necessário refletir sobre o segundo tópico para a escolha do tema: o resgate da literatura catarinense. Essa escolha partiu, primeiramente, da observação do ambiente escolar, em que percebemos que a literatura catarinense não estava presente nos conteúdos previstos para aquele ano. Por conhecimentos prévios, conforme nos aponta Cruz (2018), sabemos que essa literatura local é pouco valorizada, principalmente no que diz respeito ao seu valor cultural e histórico. Pensando nisso, decidimos que esse seria o tema principal de um projeto que visaria elencar elementos da literatura catarinense levando em consideração a valorização da cultura local.

Ademais, é importante que a escola esteja ciente da importância dos traços culturais locais, sabendo que “utilizar a diversidade cultural local por meio da educação nas escolas é entrar em contato com as raízes do lugar onde vivemos” (CRUZ, 2018, p.34). Trazer esses traços culturais para dentro da vivência escolar é, então, recuperar a identidade cultural, partindo da premissa de que esses sujeitos estão inseridos nessa realidade, direta ou indiretamente, já que esses elementos são cruciais para a formação da história de um lugar. Partindo disso, consideramos importante o que Cruz (2018) aponta “a valorização da literatura regional no currículo escolar propõe estratégias para formação de leitores, que estejam habilitados a conhecer todo o universo de informações que a leitura envolve (CRUZ, 2018, p. 36)”.

Para finalizar, consideramos que definir esses dois pontos como norteadores deste projeto de docência permitiu que fosse possível estabelecer problemáticas pertinentes sobre temas que precisam ser inseridos e trabalhados em sala de aula. Além disso, é crucial que um projeto tenha como eixo central algo que possa ser primordial na vivência dos alunos que terão contato com as aulas que serão pensadas durante esse processo. Sendo assim, não há como desconsiderar pontos que podem ser trabalhados juntos e que podem definir um tema necessário e significativo para os processos de ensino e aprendizagem que acontecem no ambiente escolar.

3.3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de docência intitulado “(Re)tecendo a cultura catarinense: um estudo sobre a figura das rendeiras e da literatura catarinense” teve como objetivo principal aproximar os estudantes da turma de nono ano da cultura catarinense, proporcionando a eles o contato com figuras típicas dessa cultura, como as rendeiras, e também com expressões de arte, com ênfase na literatura.

Para isso, a nossa ação docente teve como atividade inicial a leitura literária do texto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, cuja personagem principal tem dom de tecer o que quiser. A leitura foi o ponto de partida para chegarmos à figura das rendeiras e, assim, adentrarmos na cultura catarinense, para, posteriormente, direcionarmos o estudo para a obra de Franklin Cascaes, importante autor do estado de Santa Catarina.

A ideia desse projeto surgiu da percepção de que a literatura catarinense é pouco lida na escola, exceto quando é obra de leitura obrigatória para o vestibular. Dessa forma, a literatura de Santa Catarina é pouco conhecida pelos alunos do nosso estado e até pelos próprios professores. Há também uma escassez de produções teóricas sobre o assunto. Tudo isso evidencia que há uma falta de valorização da produção local. Além disso, como já mencionado neste projeto, há uma resistência à leitura muito presente nessa turma de nono ano e um desconhecimento da literatura catarinense, evidenciado pelo questionário realizado com os alunos.

Desse modo, pensando nessas problemáticas, consideramos de extrema importância que houvesse um espaço em sala de aula para a prática de leituras e para se estudar a cultura catarinense. Assim, resolvemos trazer essas duas ações neste projeto.

Cruz (2018) salienta que

A escola é onde muitos alunos têm o primeiro contato com a pluralidade cultural presente no nosso país e no mundo, pelas disciplinas de arte, literatura, história e

geografia, por exemplo. Por meio também desse contato que se cria conexões para o futuro, influenciando a formação integral desse educando. O contato vai além das disciplinas, a criança ou jovem convivem com outras realidades e a escola torna-se o lugar democrático, pois cada um carrega uma identidade cultural que provém do ambiente familiar. Segundo Freire e Macedo (1990) cada pessoa tem sua compreensão do seu mundo, dos seus sonhos, tem seus próprios julgamentos a respeito do mundo, cada um na sociedade tem sua individualidade, que vai ao encontro do entrar no mundo do outro “os alunos devem alfabetizar-se quanto às próprias histórias, a experiências e à cultura de seu meio ambiente imediato” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.29). (CRUZ, 2018, p. 34).

Nessa perspectiva, o objetivo central de nosso projeto de docência foi de encontro dessa alfabetização, quanto à própria cultura proposta por Cruz (2018), uma vez que reconhecer-se como sujeito participante de uma dada cultura é essencial para que haja uma valorização da mesma, nesse caso, uma valorização da cultura local.

Observamos que há uma tendência nos ambientes escolares em se valorizar apenas aquilo que é “de fora”. Não que não possa ser trabalhado literatura de outros estados e até de outros países, uma vez que tudo isso auxilia no enriquecimento da diversidade de conhecimento que o aluno irá adquirir, mas não se pode esquecer também da importância que tem a cultura local. A literatura catarinense está cada vez mais invisível nas salas de aula e é lutando contra isso que desenvolvemos esse projeto.

Ao fim, esperou-se que, alcançando o objetivo central, os alunos (re)conhecessem a cultura catarinense ou ampliassem esse conhecimento.

3.4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciarmos a elaboração dos planos de aulas que fizeram parte deste projeto de docência foi importante refletirmos sobre a concepção de língua; a concepção de linguagem; a concepção de sujeito; a concepção de leitura e literatura e a concepção de escrita a qual nos filiamos. Além disso, torna-se necessário salientarmos, desde já, que defendemos um ensino em que o aluno seja protagonista do seu aprendizado e que acreditamos na importância de aliarmos a tecnologia ao processo de ensino-aprendizagem. É importante, ainda, discutirmos também a concepção de ensino adotada pela Instituição na qual realizamos nossa ação docente. Sobre a concepção de avaliação, acreditamos em uma avaliação que auxilie o professor a perceber o movimento do aluno de saída da Zona de Desenvolvimento Iminente para a Zona de Desenvolvimento Real.

3.4.1 Concepção de língua

Volochínov (1997 [1929]), ao discutir sobre concepção de *língua*, trabalhou, diretamente, com duas tendências: língua como subjetivismo individualista e língua como objetivismo abstrato.

Em relação à primeira tendência, o autor defende que a *língua* é um processo de criação individual que se realiza nos atos discursivos individuais de fala. Além disso, as leis de criação linguística, nessa tendência, são leis individuais e psicológicas. Isso faz com que o psiquismo individual - influenciado pela ambientação social - seja a fonte da língua. Por conta disso, a *língua* é vista como “um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo”. (VOLOCHÍNOV, 1997 [1929], p. 155).

Já sobre a segunda tendência, o autor argumenta que a língua é entendida como um sistema estável e imutável de formas linguísticas. Esse sistema é encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela. Devido a isso, o centro organizador dos fenômenos linguísticos é o próprio sistema: morfológico, semântico, sintático e fonético. Por conta desse centro, o sistema da língua é considerado independente dos atos e/ou intenções individuais e a palavra é vista como algo neutro. O autor define a língua como um arco-íris imóvel e afirma que

todo ato criativo individual, todo enunciado é individual e único, porém em todo enunciado há elementos idênticos aos dos outros enunciados de um dado discursivo. São justamente esses elementos *idênticos* - fonéticos, gramaticais e lexicais - e portanto *normativos* para todos os enunciados que proporcionam a unicidade de dada língua e sua compreensão por todos os membros de dada coletividade. (VOLOCHÍNOV, 1997 [1929], p. 155).

Nessa perspectiva, a partir da observação das aulas do nono ano, considerou-se que a concepção de língua assumida pelo professor relaciona-se com a segunda tendência, o *objetivismo abstrato*. Durante as doze aulas, o conteúdo ministrado pelo professor foi puramente gramatical. O próprio professor afirmou assumir uma postura *tradicional* diante do ensino de Língua Portuguesa e, especificamente, diante do ensino de gramática. Nas aulas observadas, percebeu-se que a língua é realmente entendida como esse arco-íris imóvel que, apesar das mudanças e variações linguísticas, possui características a nível de sistema que a proporcionam uma unidade, conforme Volochínov (1998 [1929]) analisa.

Todavia, conforme salienta Tomazoni (2013), resgatando o pensamento de Bakhtin, a língua é, na realidade, responsável por instituir relações sociais. Por conta disso,

não pode ser vista como sistema fechado e imanente, pois, para o autor, todo enunciado é uma resposta a algo previamente dito. Assim, uma compreensão que ignore qualquer resposta não pode ser vista como uma compreensão da linguagem, pois “[e]ssa última confunde-se com uma tomada de posição ativa a propósito do que é dito e compreendido” (p. 99). (TOMAZONI, 2013, p.4).

Em outras palavras, considerar a língua como um sistema fechado é pensar que

os falantes são passivos e aceitam o sistema como já está constituído e a consideração desse sistema como imutável e sem flexibilidade. Para Bakhtin [Voloshinov] (1999 [1929], p. 93), o sujeito que pertence a uma comunidade “[...] considera a forma linguística utilizada como signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo”. (TOMAZONI, 2013, p. 4)

Tendo em vista tal colocação, iremos nos opomos à concepção adotada pelo professor e elaboramos nossos planos de aula a partir da concepção de língua como interação social, pautando-nos naquilo que Bakhtin propõe.

Assim, conforme propõe Geraldi (1999) em consonância às propostas de Bakhtin sobre o interacionismo, promovemos um ensino de língua que focalize no estudo das “relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar tipos de sentença” (GERALDI, 1999, p. 42), principalmente nas aulas em que estudamos variação linguística, conforme será explicitado nos planos de ensino, em seguida.

3.4.2 Concepção de linguagem

Feitas essas considerações sobre a concepção de língua, em relação à concepção de linguagem, consideramos que a atuação do professor se aproxima justamente da noção de linguagem como instrumento de comunicação. Campos (2008), pautando-se naquilo que Perfeito (2007) propõe, afirmando que essa concepção de linguagem vê a língua como algo “ahistoricamente”, como um código, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que tem o papel de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua utilização”. (CAMPOS, 2008, p. 5). Em outras palavras, o código linguístico é convencionalizado, ou, como propôs Volochínov (1997 [1929]), é um arco-íris imóvel. Além disso, a autora também argumenta que “a concepção de linguagem como instrumento de comunicação focaliza o estudo dos fatos lingüísticos por intermédio de exercícios estruturais morfossintáticos, visando a internalização inconsciente de hábitos lingüísticos, próprios da norma culta”. (CAMPOS, 2008, p. 6). Foi esse tipo de exercícios que observamos o professor resolver em sala com os estudantes, assim como foram utilizados na atividade avaliativa realizada durante o período de observação.

No entanto, nossa filiação segue caminhos diferentes: ancora-se na compreensão de língua como interação social e a nossa concepção de linguagem também se relaciona à interação linguística.

Nessa perspectiva, é importante destacar que entendemos que a linguagem

mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 1999, p. 41)

Tal entendimento vem ao encontro também daquilo que o Projeto Político Pedagógico que a Instituição campo de estágio apresenta sobre a linguagem. Segundo o documento, “não se pode negligenciar, pois, a relação entre linguagem, sociedade e cidadania. É por intermédio dela que os indivíduos interagem com o mundo, na medida em que esta constitui e organiza a ação humana (PPP, 2017, p. 69)”.

3.4.3 Concepção de sujeito

Para discutirmos a concepção de sujeito aqui adotada, primeiramente, é necessário considerar como esse sujeito/aluno se constitui para poder pensar sobre a importância e a relevância do ensino e aprendizagem de certos conteúdos. Sendo assim, a organização das aulas deste projeto teve como base a constituição de sujeito defendida por Lev Vigotski, essa que é construída a partir de pressupostos históricos e epistemológicos da Psicologia Histórico-cultural. Também serão consideradas aqui as concepções de sujeito apresentadas por João Wanderley Geraldi em seu livro *A aula como acontecimento*.

Na concepção de Vigotski, como colocado pelos autores Alencar e Francischini (2018, p. 253) “(...) o sujeito é constituído e construído num contexto social e histórico e a cultura é uma especificidade da espécie humana”. Assim dito, é importante levar em consideração todo e qualquer processo de interação social realizado pelo sujeito, pois, como afirmam os autores já citados, “(...) o sujeito constitui-se pelo outro por meio da linguagem, nos diferentes contextos de significação. Isto é, no processo de interação social (ALENCAR; FRANCISCHINI, 2018, p. 259)”.

Considerar esses aspectos é importante para pensar a organização dos planos de aulas, que colocam os alunos em processos interacionais, considerando sempre que partem do intrapsíquico para o interpíquico. Sobre esse processo, Vigotski (1997 [1924]) afirma que:

Isto é, as respostas mediadoras ao mundo transformam-se em um processo intersíquico. É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica (VIGOTSKI et al., 1924/2012, p.27).

A concepção de sujeito também é pensada por Geraldi (2010), que aponta a diferença do sujeito instituído e constituído. Ao pensar o sujeito, o autor coloca que “(...) ele não está pronto ao nascer, é capaz de aprender e é capaz de usar os instrumentos do passado para construir o futuro (GERALDI, 2010, p. 29)”. Sendo assim, todos os processos de aprendizagem organizados precisam considerar sempre o que o aluno irá construir de aprendizado, mas também aquilo que ele traz das suas experiências anteriores, valorizando também esse conhecimento.

Os conceitos defendidos por Vigotski (1997 [1924]) no que diz respeito aos processos de aprendizagem do ser humano são importantes considerações quando se pensa as funcionalidades da mente humana e do conhecimento. A mente humana e os processos de aprendizagem estão em funcionamento total durante toda a vida. A criança, ao nascer, desenvolve o que é chamado de Zona de Desenvolvimento Iminente, que pode ser definido como “às funções psicológicas que estão emergentes no indivíduo e poderão se converter em desenvolvimento para este, dependendo do apoio recebido de outros (SILVA; HAI, 2016, p. 610)”.

Essas funções, já existentes no desenvolvimento do sujeito, são importantes e necessárias para o que virá a seguir. Os processos resultantes das interações sociais realizadas no processo de ensino-aprendizagem, que acontece dentro da sala de aula, transformam o que já existe no que poderá ser a independência do sujeito, quando ele já é capaz de realizar processos e atribuições com autonomia. Esse processo é chamado de Zona de Desenvolvimento Real, que, segundo Andrade (2007),

se refere às funções já amadurecidas, ou seja, àquelas tarefas que a criança já realiza sozinha; enquanto que o nível de desenvolvimento potencial [representa] [...] os ciclos ou processos que estão ainda começando a se desenvolver ou que se desenvolverão em um futuro próximo. (ANDRADE, 2007, p. 54, *grifos nossos*).

O que é interessante saber, a partir desses conceitos, é que o processo de ensino-aprendizagem, para ocorrer de forma satisfatória, precisa ser capaz de auxiliar o aluno a sair da Zona de Desenvolvimento Iminente para a Zona de Desenvolvimento Real. Isso só acontece quando o aluno ganha autonomia para realizar atividades, o que é feito quando o aluno é colocado como protagonista nos processos de interação social realizados no espaço da sala de aula. Assim, o sujeito é capaz de desenvolver os conhecimentos de forma autônoma,

considerando o que foi trazido e o que está sendo transmitido - assim torna-se um sujeito constituído, como propõe Geraldi (2010).

Sobre as concepções de sujeito - instituído e constituído -, Geraldi (2010) as define como:

Se as condições históricas nos fazem ser o que somos, nessa hipótese seríamos instituídos; se premidos pelas condições históricas, mas não por elas determinados, nos fazemos o que somos, nesta hipótese seríamos constituídos (GERALDI, 2010, pp. 29-30).

Pensando nessa distinção de sujeito de Geraldi (2010), é importante destacar que o papel da escola não é instituir o sujeito, mas sim colaborar com o processo de constituição: as suas vivências e condições históricas são importantes, mas não podem determiná-lo. Esse sujeito trará na sua bagagem aquilo que faz parte da sua vivência, mas também irá se formar com o auxílio do que for compartilhado pelo outro, seja esse colega ou professor, através da interação social já defendida por Vigotski (1997 [1924]).

Consideramos importante, ainda, ressaltar a concepção de sujeito defendida pela Instituição sede desse estágio de docência. Essa concepção é apresentada no subitem intitulado *concepção de homem* do Projeto Político Pedagógico, que está disponível *on-line*. Para a escola, então, o homem é visto como “[...] um ser social e histórico determinante e determinado pelo processo permanente de interações socioambientais, que busca superar as desigualdades sociais, com objetivo de atender suas necessidades humanas (PPP, 2017, p. 13)”. Essa definição acompanha o que temos defendido, indo ao encontro daquilo que Vigotski (1997 [1924]) coloca, visando a importância da interação social na formação de um sujeito.

3.4.4 Aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem

A partir dessa concepção de sujeito, pode-se pensar na importância da valorização do protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é necessário que o professor veja as aulas não como algo feito para a sua própria formação ou crescimento pessoal, mas como um acontecimento pensado para que o aluno possa adquirir novos conhecimentos, sendo colocado como peça principal de todo o trajeto percorrido. É como uma peça de teatro: há o diretor que orienta, mas o protagonismo é sempre do ator principal. Na escola, o professor precisa ser um grande orientador, mas o ator principal deve ser sempre o aluno. O processo de ensino-aprendizagem tem que ser pensado para que o aluno amplie os seus conhecimentos. Por conta disso, os objetivos devem ser formulados de acordo com aquilo que o professor deseja que o aluno aprenda depois de uma aula.

Feitas essas ponderações, é importante considerar que o aluno seja o “centro do processo ensino-aprendizagem e não mais o professor” (LOPES; RIBEIRO, 2018, p. 2) e que “se o estudante é o protagonista da sua aprendizagem é importante que sua voz seja ouvida para que as propostas e os objetivos das metodologias ativas efetivamente aconteçam” (LOPES; RIBEIRO, 2018, p. 2).

Todavia, vale lembrar que essa visão do aluno como protagonista vem sendo inserida nas escolas recentemente e que no ensino tradicional não era uma visão comum. Para que tal pensamento se desenvolva e seja eficazmente aplicado é preciso considerar que

é necessário que o estudante como elemento ativo participe, desde o início, com ideias, críticas, sugestões e proposições de novos caminhos, de outros recursos, para que assim, o protagonismo desejado seja desenvolvido ao longo do processo educativo e para que as mudanças no âmbito escolar comecem a ser percebidas. (LOPES; RIBEIRO, 2018, p. 3)

Para finalizar, é importante mencionar o que a escola considera importante sobre a questão do protagonismo do aluno. O Projeto Político Pedagógico apresentou um tópico sobre as diretrizes do NEPRE, este que é responsável por discussões relevantes dentro das escolas de todo o estado. Nesse caso, uma das diretrizes principais é “incentivar o protagonismo infanto-juvenil, garantido às crianças, adolescentes e jovens o exercício do direito à participação nas ações pedagógicas, para que possam atuar como sujeitos transformadores da realidade (PPP, 2017, p.85)”. Por essa colocação, observamos que a escola defende a questão do protagonismo do aluno, não só nos processos de ensino/aprendizagem, mas também nas vivências em outras situações dentro da escola, colocando o aluno na posição de transformador em diferentes experimentações do cotidiano e isso reforça a importância de pensarmos nos nossos estudantes do nono ano como protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem durante o período de estágio docência.

3.4.5 Concepção de leitura e literatura

A valorização do protagonismo do aluno repercutiu diretamente na concepção de leitura e ensino de literatura aqui adotadas. Assim, para iniciarmos a discussão sobre a concepção de leitura e de ensino de literatura a qual nos filiamos, foi importante destacar que defendemos que a presença do leitor deve ser levada em consideração neste movimento, ou seja, acreditamos ser de extrema importância incluir o leitor como instância da literatura. Por essa razão, nos alinhamos à teoria que propõe a leitura literária. Nesse sentido, consideramos que a literatura é composta, então, por três instâncias: autor, obra e público - neste caso, o leitor.

Seguindo essa linha argumentativa, trazemos inicialmente para a discussão as três faces que Cândido (1988) propõe para a literatura. O autor argumenta que

a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CÂNDIDO, 1988, p. 176)

Cada uma dessas faces relaciona-se com uma das instâncias da literatura já mencionadas: o autor é responsável pela visão de construção do mundo; a obra, por sua vez, responsável pela estética da literatura, ligando-se à construção da estrutura e significação; e o leitor, por fim, tem papel fundamental na literatura como forma de conhecimento.

Essa proposta de Cândido (1988) de trazer o leitor também como uma instância da literatura dialoga com aquilo que a estética da recepção propõe para o ensino de literatura. Por ser um dos principais representantes dessa estética, trazemos para a discussão os pensamentos de Hans Robert Jauss. Jauss formulou sete teses que discutem uma forma de reescrever a história literária, inserindo a participação do leitor, “daí o fato da noção de recepção, pois qualquer obra de arte literária só será efetivamente recriada ou “concretizada”, quando o leitor a legitimar. Para ele um livro sem leitor não existe”. (IURKIV; MATSUDA, 2013, p. 8)

Na estética da recepção, a leitura é vista como “uma prática que se constrói a partir do exercício interpretativo de sujeitos históricos que se localizam em um determinado contexto social e espaço-tempo” (SILVEIRA; MOURA, 2017, p. 124), ou seja, ao inserir o leitor, ela dá a ele um papel fundamental, principalmente por permitir a ele trazer para a leitura também a sua visão e a sua interpretação. Isso faz com que a leitura não seja fechada num sentido único: ela é vista como múltipla. Com isso, a obra literária ganha um caráter dinâmico que permite com que ela se renove a cada leitura e a cada nova contribuição do leitor. Tudo isso a torna ainda mais complexa, conforme Cândido (1988) já a caracterizava, mas aumenta também ainda mais seu caráter humanizador.

Essa relação entre obra, autor e leitor aproxima-se da ideia de leitura como interação proposta por Silva (1999). De acordo com o autor, quando se fala que ler é interagir

significa que o leitor, através do seu repertório prévio de experiências (conceituais, lingüísticas, afetivas, atitudinais, etc.), dialoga com um tecido verbal, que, articulando idéias dentro de uma organização específica, possibilita a produção ideacional de determinados referenciais de realidade. Ao longo dessa interação, o sujeito recria esses referenciais pela dinamização do seu repertório. Nestes termos, o texto age sobre o leitor e, retrodinamicamente, o leitor age sobre o texto. (SILVA, 1999, p. 16)

Ainda sobre a estética da recepção, um dos conceitos propostos por essa teoria que auxilia a pensarmos no papel do leitor na leitura literária é o conceito de *horizonte de expectativa*. Em síntese, esse conceito diz respeito ao

modo como nos situamos e apreendemos o mundo a partir de um ponto de vista subjectivo; o horizonte de expectativas é uma característica fundamental de todas as situações interpretativas, dizendo respeito a uma espécie de fatalismo que acompanhará qualquer ponto de vista face à visão que temos do mundo: quando interpretamos, possuímos já um conjunto de crenças, de princípios assimilados e ideias aprendidas que limitam desde logo a liberdade total do acto interpretativo; por outras palavras, quando lemos um texto literário, o nosso horizonte de expectativas actua como a nossa memória literária feita de todas as leituras e aquisições culturais realizadas desde sempre. (CEIA, 2009, p. 1)

Por meio do *horizonte de expectativas*, um texto pode responder, retificar ou até ultrapassar alguma das interpretações esperadas pelo leitor. Tais acréscimos ou modificações no pensamento do leitor trazidos justamente pela leitura literária, que prevê a participação do público, auxiliam também no carácter humanizador da literatura.

Vale ainda salientar que o leitor contemporâneo, esse que estabelece uma interação com o texto a partir da leitura, funde o seu horizonte de expectativas com o horizonte previamente proposto pelo texto. É justamente essa ação que mostra que as obras continuam significativas mesmo com o passar do tempo, porque mantêm relações entre o passado e o presente - relações essas, percebidas a partir da interpretação também do leitor.

É importante esclarecer que “entre o horizonte de expectativas do público e a experiência nova de uma obra se estabelece o valor artístico da obra de acordo com sua recepção”. (IURKIV; MATSUDA, 2013, p. 9.)

Dadas todas essas ponderações, levando em consideração a concepção de leitura defendida pelo projeto de docência, acreditamos ser importante conhecer, também, as definições e importância da leitura apresentadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Instituição onde realizamos o estágio.

Primeiramente, ponderamos que a Instituição considera a biblioteca como principal estimulador desse processo de leitura e pesquisa no ambiente escolar. Observa-se tal definição no trecho a seguir do Projeto Político Pedagógico:

Como função pública, a biblioteca deve estar sempre aberta ao seu público alvo, alavancar proposituras de estímulo à leitura e a pesquisa, buscar parcerias e projetos para sua modernização e atualização. Só assim, estará a mesma, próximo, da execução da sua função primordial: ambiente que irradia, apropria-se e socializa conhecimentos (PPP, 2017, p. 35-36).

Sobre a concepção de literatura, não há menções diretas no Projeto Político Pedagógico, além de partes que citam a literatura como parte da disciplina de Língua Portuguesa em tabelas, ou quando cita a existência do Laboratório de Língua Portuguesa.

Feitas essas considerações, salientamos que promovemos a leitura literária em sala de aula, destacando o papel do aluno-leitor e incentivando a fundir seus horizontes de expectativas com os da obra, pois acreditamos que, sem um leitor para estabelecer relações do seu tempo com o texto literário, uma obra perde o seu sentido de existir.

3.4.6 Concepção de produção escrita

Agora, em relação às produções escritas em sala de aula, é comum o professor, principalmente de Língua Portuguesa, ouvir perguntas como: “Para quê eu devo escrever? O que isso mudará na minha vida? Eu não sei o porquê de eu precisar escrever isso”. Essas inquietações mostram que, muitas vezes, os alunos não têm clareza da importância da produção escrita e isso acontece, na maioria dos casos, porque os professores acabam apenas aplicando modelos descontextualizados de escrita e pedindo para que os alunos sigam tais modelos, sem considerar que o estudante deva assumir um papel na produção. Tal movimento gera o “escrever por escrever” ou, pior, o “escrever para ganhar nota”, não permitindo que o aluno construa realmente conhecimento com a realização da atividade e não valorizando o protagonismo do aluno nesse processo.

Tendo em vista esse cenário negativo, acreditamos ser importante também trazer para a discussão as considerações de Bunzen (2009) que, ao argumentar sobre a produção escrita em sala de aula, defende que o estudante assuma o papel de locutor no momento de uma produção textual. Esse papel implica, segundo o autor, em: “i) Ter o que dizer; ii) Ter razões para dizer o que tem a dizer; iii) Ter para quem dizer o que tem a dizer; iv) Assumir-se como sujeito que diz o que diz para quem diz; v) Escolher estratégias para dizer”. (BUNZEN, 2009, p. 149). Essa é a concepção de escrita que defendemos.

Acreditamos que é preciso, então, deixar claro o propósito e os objetivos da produção escrita para não se tornar uma produção “fazer por fazer”, descontextualizada da realidade dos alunos, além de ser necessário estimular o leitor a pensar no seu interlocutor, pensando e organizando os melhores argumentos para se expressar, assumindo seu papel de locutor e protagonista da produção escrita.

Nessa mesma linha argumentativa, Geraldi (1993) também coloca que o texto é produzido para o outro e, por conta disso, o interlocutor já se insere durante o processo de

produção textual como aquele que tem a intenção de ler o texto. Assim, “um texto é o produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém” (GERALDI, 1993, p. 98), sendo também

uma sequência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado: onde publicado não quer dizer “lançado por uma editora”, mas simplesmente dado a público, isto é, cumprindo sua finalidade de ser lido, o que demanda o outro; a destinação de um texto é sua leitura pelo outro. (GERALDI, 1993, p.6)

Tudo isso salienta a relevância de se apresentar ao aluno não só os objetivos, como também propor uma atividade em que ele perceba que o outro que lerá sua produção não é apenas o professor.

Seguindo essa linha argumentativa e considerando que o texto é essa atividade discursiva, Geraldi (2008) argumenta, então, que “escrever significa conscientizar-se da sua própria “fala”, ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração”. (GERALDI, 2008, p. 169). Desse modo, o estudante se coloca num papel ativo frente o texto, assumindo o papel de locutor proposto por Bunzen (2009).

Ressalta-se ainda que Bunzen (2009) detecta uma grande problemática no processo de produção textual: o enfoque na estrutura composicional, deixando de lado a diversidade de produções e a liberdade criativa do aluno. O autor ainda coloca que tal situação resulta, em muitos casos, em alunos escrevendo textos apenas para treino da estrutura, sem considerar aspectos próprios da sua vivência. Considerando a noção aqui adotada de valorização do protagonismo do aluno proposta por Lopes; Ribeiro (2018) torna-se interessante que nas produções haja espaço para o estudante colocar também as suas vivências e expor a sua criatividade.

Nesse contexto, Bunzen (2009) alega que é uma decisão política optar por produções escritas em que os alunos elaborem textos focados em modelos ou optar por produções que levem também em conta a prática social em diversas esferas, considerando o processo de ensino-aprendizagem.

Dadas essas ponderações, a concepção de escrita aqui adotada previa, também, que o processo de reescrita deveria fazer sempre parte das atividades de produções escritas, uma vez que a sua importância

reside no fato de que provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto-criado, possibilitando um relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e exclusão de enunciados). O aluno sai, ao reescrever, do estágio emocional (inspirativo), que gera a primeira escrita, e passa ao estágio de

maior racionalização sobre o que foi materializado. (MENEGOLO; MENEGOLO, 2005, p. 74).

O processo de reescrita foi, então, aquilo que fez com que o aluno pudesse se debruçar sobre o que estava produzindo, considerando sempre que sua escrita é para o outro e não só para si.

O Projeto Político Pedagógico da Instituição pondera que a escrita está totalmente ligada aos processos de educação, como é possível ver no seguinte trecho: “Ao conferir tal valor à educação, na verdade é à escrita que a sociedade se refere, por entender que esse domínio é capaz de retirar o indivíduo de sua condição marginal e de fazê-lo reconhecer-se sujeito do processo histórico (PPP, 2017, p. 69).” Para além disso, também coloca que “é evidente que [...] a escrita não será suficiente, sozinha, para garantir uma mudança em sua totalidade e eficácia, mas constitui, sem dúvida, um forte mecanismo de colaboração nesse processo (PPP, 2017, p. 69).” Sendo assim, não há como negar que a instituição considera os processos de escrita importantes para a vivência escolar.

3.4.7. Importância da tecnologia

Além disso, pensando também nestas atividades de leitura e escrita e no contexto da sociedade atual é relevante destacar a importância da utilização dos recursos tecnológicos como aliado nas aulas de Língua Portuguesa e em todo o contexto escolar. Sobre a tecnologia, especificamente, é importante que o professor reconheça que “é indiscutível que a escola se aproxime dessa nova era, que não se feche em nome de uma tradição que não faz nenhum sentido para os alunos conectados a outras formas de acesso ao conhecimento” (DOMINGUES, 2017, p. 57). As aulas que foram ministradas nesse projeto de docência, foram pensadas levando em consideração a importância dessa ferramenta, capaz de ampliar os caminhos do conhecimento, enriquecendo assim o processo de ensino aprendizagem que acontece dentro da sala de aula.

O Projeto Político Pedagógico da Instituição não apresenta, em termos práticos, que considera importante o uso de tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem. Porém, deixa claro que a escola está altamente equipada com todos os tipos de tecnologias que o professor necessite e tudo que for solicitado estará no setor de Tecnologia Educacional. O setor é definido, no PPP, como “[...] responsável pelo processo de formação, capacitação, suporte e organização da rede lógica para todos os ambientes e Profissionais que atuam no (nome da Instituição preservado), planejados e organização pela Direção da Escola” (PPP, 2017, p.38, grifos nossos).

Esse setor cuida de toda parte tecnológica da escola, incluindo salas de informática, computadores de professores, áreas de internet, etc. Devido a isso, entendeu-se que a Instituição considera importante o uso de tecnologias nos processos educacionais, já que possui um setor para cuidar somente desses materiais, deixando-os em situação de disponibilidade ao professor sempre que preciso.

3.4.8 Concepção de ensino

Para que seja possível refletirmos sobre concepção de ensino, não podemos deixar de antes apresentar também aquilo que entendemos como currículo, uma vez que o ensino estará, de certo modo, ligado àquilo que é proposto por um currículo previamente elaborado.

Muitas são as discussões em torno dessa definição e, conforme destaca Lopes e Macedo (2011), apesar de parecer uma pergunta simples, questionar o que é currículo envolve uma série de estudos que vem desde o século passado (ou até antes) e que não apresenta uma resposta fácil, já que envolve questões ideológicas, históricas e sociais. Todavia, de acordo com o que propõem as autoras, “há, certamente, um aspecto comum a tudo isso que tem sido chamado de currículo: a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino a levar a cabo um processo educativo”. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19). Assim, em primeiro lugar, entenderemos como currículo justamente esse guia de conteúdos que orienta o processo de ensino-aprendizagem.

Temos a consciência, no entanto, que esse entendimento refere-se apenas ao currículo formalizado por documentos como os PCNs e a BNCC, quando na escola há também aquilo que chamamos de currículo oculto. Sobre currículo oculto, Szymanski e Méier (2014) apontam que ele

se manifesta por meio das relações de poder em sala de aula, o qual compreende tudo o que envolve o aprendizado dentro da instituição escola, as formas avaliativas, as formas de exposição de conteúdo, ou seja, todas as práticas escolares (SAVIANI, 2002)”. (SZYMANSKI; MÉIER, 2014, pp. 62-63).

Para esse projeto de docência elaboramos e propusemos atividades que levaram em consideração esses dois currículos - o formalizado por documentos e o oculto -, a fim de oferecermos um processo de ensino-aprendizagem que contemplasse todas as individualidades de nossos alunos e que, além de seguir esse guia que orienta o ensino, considerasse também as relações de poder que perpassam o ambiente escolar.

Feitas essas considerações iniciais, adentramos agora na reflexão daquilo que entendemos como concepção de ensino. O Projeto Político Pedagógico da Instituição apresenta como concepção de ensino:

[...]o desenvolvimento de competências, visando o prosseguimento de estudos com a aprendizagem, propiciando ao mesmo, um quadro teórico-referencial de análise que lhe permita compreender o processo pedagógico em sua totalidade e complexidade (PPP, 2017, p.20).

Tendo em vista tal concepção apresentada por esse documento da instituição em que esse projeto foi desenvolvido e em consonância também com as concepções de língua e linguagem que se filiam a correntes históricos-sociais, a concepção de ensino por nós adotada se pautou na linha proposta pela pedagogia histórico-crítica. Essa linha teórica “trata-se da educação com objetivos para além da formação de indivíduos aptos ao trabalho, que leve em consideração o conhecimento científico historicamente elaborado e a práxis social que o aluno vivencia”. (SZYMANSKI; MÉIER, 2014, p. 64). Destaca-se ainda que essa práxis relaciona-se a uma prática com caráter reflexivo. Nesse sentido, por considerar as reflexões sobre as vivências do aluno no processo de ensino-aprendizagem,

esse processo educativo envolve uma relação pedagógica bijetora, capaz de criar nos sujeitos, aluno e professor, uma forma de agir diferenciada, que possibilite pequenas alterações no modo de vida com relação às imposições sofridas pela classe social da qual fazem parte, o que consiste em uma das principais conquistas que o ensino pode alcançar. Utilizar esta abordagem em sala de aula demanda articular continuamente os conceitos científicos a serem aprendidos pelo aluno à realidade em que esse aluno se insere, a partir dos seus conhecimentos prévios, em um processo intencionalmente planejado, levando em consideração o currículo. (SZYMANSKI; MÉIER, 2014, pp. 64-65)

3.4.9 Concepção de avaliação

Para finalizarmos, considerou-se de extrema importância apresentar a concepção de avaliação a qual nos filiamos durante a docência, essa que pauta a forma como foram avaliadas todas as atividades desse projeto de docência. Essa concepção teve como base alguns textos teóricos e as indicações do Projeto Político Pedagógico da escola sobre os instrumentos de avaliação que a instituição propõe.

Sabe-se que as avaliações possuem um lugar significativo no processo de ensino-aprendizagem do aluno, até para que se possa acompanhar o movimento de passagem do aluno da Zona de Desenvolvimento Iminente para a Zona de Desenvolvimento Proximal. Para que seja possível realizar esse acompanhamento através das avaliações, foi necessário reconhecer

esse processo como um movimento processual, no qual é necessário definir cada parte como significativa e necessária para a formação social e individual do aluno.

Nessa perspectiva, tornou-se importante estabelecer critérios e instrumentos de avaliação precisos. Esses critérios e instrumentos foram informados aos alunos desde o início das atividades, para que se pudesse valorizar o protagonismo do.

Sobre os processos de avaliação, Suassuna (2017), aponta que

de acordo com Gatti (2003), a avaliação da aprendizagem é uma das formas de acompanhamento das atividades dos alunos, com o objetivo de promover sua progressão. Ela oferece informações relevantes para o desenvolvimento do ensino na sala de aula e permite acompanhar e compreender como os processos de aprendizagem escolar estão se concretizando. É inegável, portanto, a importância da avaliação para fins de orientação, planejamento, execução e replanejamento do ensino. (SUASSUNA, 2017, 277)

Ainda pensando e ressaltando a importância dos processos de avaliação, pensou-se sobre como é importante colocar que a *avaliação processual* é, nos dias de hoje, a melhor forma de verificar como se dá o processo de ensino aprendizagem, dito que a avaliação processual:

(...) permite que o aluno, através de retroalimentações sistemáticas, adquira consciência sobre seu percurso de aprendizagem: nível de compreensão de conteúdos específicos, habilidades desenvolvidas, dificuldades enfrentadas, desafios a serem superados, objetivos a serem alcançados (LORDÊLO, ROSA, SANTANA, 2010, p. 18).

Sendo assim, é necessário que o professor reconheça todos esses processos citados pelos autores, a fim de auxiliar os alunos a desenvolverem atividades em movimento; entendendo os níveis de compreensão de cada sujeito, as dificuldades e percalços que podem ocorrer no processo e a finalidade de todo e qualquer projeto desenvolvido no ambiente escolar.

Através de uma *avaliação processual*, o professor pode entender as particularidades de cada sujeito e o que cada um precisa para desenvolver suas habilidades - facilitando assim o funcionamento dos projetos desenvolvidos em conjunto para uma turma específica, composta por sujeitos distintos que estão em processos de interação social constantemente.

Além da *avaliação processual*, também é importante considerar o conceito de *avaliação emancipatória*, essa que é guiada pela mediação do professor que, a partir do movimento de avaliação processual, leva em consideração todas as atitudes do estudante ao realizar qualquer processo avaliativo.

Pensando esse conceito, leva-se em consideração que:

Cabe ao professor mediar a interação do aluno com o objeto de conhecimento, proporcionando-lhe meios para que a construção dos saberes ocorra. E professor e aluno devem aprender com a avaliação: o primeiro, ao perceber os limites e o estágio

de conhecimento do aluno em relação a determinado tema/assunto; este, por sua vez, ao detectar os temas em que tem dificuldade (MENEGHEL; KREISCH, 2009, p. 7).

Desse modo, a concepção de avaliação a que nos filiamos leva em consideração os instrumentos de interação que criamos com os alunos, estes que são determinantes para o andamento de um projeto de docência e de todas as atividades decorrentes do mesmo. Estas atividades estão totalmente ligadas ao conteúdo das aulas, levando em consideração, também, as vivências dos sujeitos.

Considerando que um projeto de docência precisa estar pautado no que a escola dá de instrução ao professor, é importante ressaltar o que o Projeto Político Pedagógico da Instituição coloca como instrumentos de avaliação os procedimentos citados a seguir:

Trabalhos de pesquisa, individual ou coletiva; Provas orais e escrita, com ou sem consulta a material didático; Análise de entrevistas e arguições; Resoluções e exercícios; Execução de experimentos ou projetos; Relatórios referentes aos trabalhos, experimentos, pesquisa de campo e estágios; Trabalhos práticos; Auto avaliação; Portfólios; Registro no caderno; Dinâmicas; Outros instrumentos que a prática pedagógica indicar e indicados pelo Professor em consonância com a prática pedagógica da escola como; Pesquisas com análises e síntese; Produção e elaboração dos conceitos científicos; atividades extraclasse e domiciliares; Atividades com uso adequado das tecnologias como instrumento de produção e comunicação, incluídos os procedimentos de recuperação paralela (PPP, 2017, p.24).

A partir dessas sugestões, definimos como principais instrumentos aqueles que melhor dialogam com nossa concepção: produção textual - com possibilidade de reescrita, atividades de pesquisa e elaboração de entrevistas. Essa possibilidade de reescrita será considerada como recuperação paralela, assim como o PPP da escola defende: “A Recuperação Paralela foi realizada após cada avaliação da aprendizagem, independente do instrumento utilizado para os estudantes que não atingiram o rendimento esperado (PPP, 2017, p. 26).”

Dadas essas considerações, destacamos, por fim, que acreditamos que um processo de avaliação deve estar pautado da seguinte forma:

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado (ANTUNES, 2003, p. 165).

Desse modo, todos os processos de avaliação presentes nesse projeto de docência levaram em consideração que o aluno deveria se sentir capacitado de realizar qualquer atividade. Acreditamos que, quando o professor está atento aos processos que realiza, acontecem trocas e contribuições positivas a tudo que o aluno produz.

3.4.10 Síntese

Feitas todas essas considerações e explicações acerca das concepções a qual nos filiamos, sintetizamos que este projeto de docência foi desenvolvido pensando em uma concepção de língua como interação social e não como um sistema fechado e imóvel; em uma concepção de linguagem que proporcionou também a interação linguística e que foi vista como proporcionadora da interação humana; em uma concepção de sujeito que se constitui no ambiente escolar a partir das interações sociais que o auxiliam a adquirir novos conhecimentos, passando da Zona de Desenvolvimento Iminente para a Zona de Desenvolvimento Real; em uma concepção de leitura como literária, considerando a participação efetiva do leitor como uma das instâncias da literatura, sendo o responsável por significar a existência de uma obra literária a partir do estabelecimento de relações entre o seu tempo e o tempo do texto, através do movimento de fundir horizontes; em uma produção escrita que priorize aquilo que o leitor têm a dizer, que o faça perceber o seu papel de locutor e que o incentive a pensar no seu interlocutor, tendo claros os seus objetivos de escrita e tornando a produção escrita como uma prática social e não só uma cópia de modelos; em uma concepção de ensino que leva em consideração a reflexão sobre a prática dos alunos e que se caracteriza por ser histórico-crítica, tudo isso, é claro, valorizando o protagonismo do aluno e promovendo uma avaliação processual e que sirva como instrumento para acompanhar justamente a passagem da Zona de Desenvolvimento Iminente para a Real.

3.5 OBJETIVOS

3.5.1 Objetivo geral

Ampliar o conhecimento sobre a cultura catarinense a partir de figuras típicas e de expressões artísticas.

3.5.2 Objetivos específicos

Para que seja possível alcançar o objetivo geral mencionado, este projeto de docência contou com os seguintes objetivos específicos:

- Construir uma relação respeitosa com as estagiárias, possibilitando a realização efetiva deste projeto de docência.
- Ler textos da esfera literária, narrativos e poético, sobre a temática estudada.
- Identificar as principais temáticas presentes no texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, a partir de leitura e discussão sobre esse, realizando uma aproximação do aluno com o texto.
- Valorizar a cultura catarinense a partir da figura da mulher rendeira, tendo como inspiração o texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.
- Relacionar a figura feminina das rendeiras com outras linguagens, especialmente cinematográfica e musical, reconhecendo as relações sociais presentes nessas linguagens.
- Construir um resumo acerca dos conhecimentos adquiridos na exibição do documentário Versos da ilha e da construção do *mind map* sobre as rendeiras.
- Reconhecer o papel da mulher que tece em outras expressões de artes, como na música e no cinema.
- Conhecer a história do escritor e artista catarinense Franklin Cascaes.
- Ler textos literários de Franklin Cascaes.
- Refletir sobre o conceito de variação linguística e sua relevância para o entendimento das variantes de fala constantemente usadas em Florianópolis.
- Reconhecer as características do gênero textual carta, desenvolvendo a habilidade de escrita deste gênero.
- Exercer o protagonismo através de um diálogo com a professora doutorada Tania Regina Ramos de Oliveira sobre o gênero textual carta.
- Demonstrar os conhecimentos adquiridos ao longo deste projeto de docência através da escrita de uma carta.
- Reescrever as cartas produzidas na aula anterior a partir das sugestões das professoras estagiárias, como uma forma de revisitar o texto e assim melhorá-lo.
- Sistematizar o conhecimento aprendido ao longo do projeto de docência.
- Exercer o protagonismo através da avaliação do projeto de docência durante a realização de uma roda de conversa.

3.6 CONTEÚDOS

Os conteúdos que foram abordados ao longo deste projeto de docência são:

- Apresentação do projeto de docência.
- Apresentação da autora Marina Colasanti.
- Leitura literária.
- Roteiro de leitura.
- História de Santa Catarina: personagens culturais marcantes.
- Introdução sobre a figura da mulher rendeira e seu papel histórico.
- Rendeiras e outras linguagens: Documentário.
- Elaboração de um resumo sobre o documentário assistido.
- Orações subordinadas adverbiais.
- *Workshop* com a tecelã Susan Aparecida Mariot.
- A presença feminina da mulher rendeira em diferentes expressões de artes: literatura, cinematográfica e música.
- Biografia de Franklin Cascaes - vida e obra.
- Roteiros de leitura sobre contos da obra *O fantástico na ilha de Santa Catarina*.
- Apresentação do conceito de variação linguística.
- Mudanças ortográficas nas cartas da *Amostra Cruz e Sousa*.
- Gênero *carta* e produção escrita do gênero.
- Escrita de carta para as rendeiras de Florianópolis.
- Diálogo com a professora doutora Tânia Regina Ramos de Oliveira sobre *cartas*.
- Visita à exposição “Bordando Florianópolis”.
- Escrita de *carta* para o “eu do futuro”.

3.7 METODOLOGIA

Quando iniciamos esse estágio, já durante as primeiras aulas de observação, constatamos que a metodologia utilizada pelo professor regente consistia em apenas aulas expositivas com o auxílio do livro didático para a realização de exercícios. Algo que notamos é que o uso recorrente da mesma metodologia criava uma rotina e uma automatização no processo de ensino-aprendizagem. Diversas foram as vezes que os estudantes já se adiantavam em relação ao que fariam, pois já sabiam quais seriam os encaminhamentos da aula, já que esses seguiam um padrão. Observamos ainda que isso parecia colaborar para um desinteresse por parte dos estudantes em relação à disciplina de Língua Portuguesa.

Nessa perspectiva, consideramos importantíssimo diversificar a metodologia e trazermos estratégias de ensino-aprendizagem que explorassem recursos diferenciados, sejam eles em relação ao espaço físico ou aos recursos tecnológicos. Nicola e Paniz (2016, p. 357), ao refletirem sobre as vantagens da utilização de diferentes metodologias em sala de aula, afirmam que “quando o recurso utilizado demonstra resultados positivos, o aluno torna-se mais confiante, capaz de se interessar por novas situações de aprendizagem e de construir conhecimentos mais complexos”.

Com o desejo justamente de despertar o interesse dos nossos alunos para aquilo que estávamos querendo ensinar e também querendo valorizar o protagonismo deles no seu próprio processo de ensino-aprendizagem intercalamos nas nossas aulas momentos de aulas expositivas, trabalhos em grupo, dinâmicas em grupo, saídas de campo, uso do espaço do Laboratório de Língua Portuguesa, uso do espaço físico externo à sala de aula para a prática de leitura literária, momentos de socialização, em que os alunos precisavam se posicionar criticamente e atividades diferenciadas organizadas por convidadas especiais.

Já como suporte das nossas aulas, destacamos que os planos de aula organizados nesse projeto de docência foram construídos utilizando alguns recursos, considerando a importância de tê-los em favor das aulas e das atividades propostas. Entre eles, estão recursos materiais e bibliográficos.

Primeiramente, sobre os recursos materiais utilizamos: fotocópias de atividades e textos; computador; caixa de som; projetor multimídia; objetos de artesanato, como um bilro e um boi de mamão; slides; vídeos; músicas; cartões com pinturas de Franklin Cascaes; envelopes de cartas; quadro branco e canetas e televisão.

Os recursos bibliográficos foram, por sua vez, o conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti; a obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes; o livro ilustrado *Nos passos de Cascaes: bruxas, lobisomens e outros seres encantados*, de Juliana Dalla e crônicas de Marina Colasanti disponibilizadas no site oficial da autora.

Todos esses diferentes recursos e metodologias foram essenciais para que as nossas atividades de estágio obtivessem êxito. Observamos que os alunos, na grande maioria das atividades, estavam envolvidos e se mostraram dedicados e comprometidos com as nossas propostas. Em vários momentos, eles nos relataram sobre o quanto estavam gostando das aulas diferentes e o quanto estavam aprendendo, comentários que surgiram inclusive no *feedback* realizado na última aula. Tudo isso nos ajudou a confirmar aquilo que Nicola e Paniz (2016, p. 358) já afirmavam, ao dizerem que “tais recursos favorecem o desenvolvimento da

aprendizagem dos alunos, pois propiciam meios de motivá-los e envolvê-los ao conteúdo que está sendo discutido, proporcionando, assim, uma melhor compreensão e interpretação do que está sendo trabalhado”.

3.8 CRONOGRAMA

Data	Conteúdo
9 de outubro de 2019	Apresentação geral
10 de outubro de 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da autora Marina Colasanti. - Características gerais das obras de Marina Colasanti. - Leitura literária. - Roteiro de leitura. - Entrega dos roteiros de pesquisa.
16 de outubro de 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Retomada do texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. - História de Santa Catarina: personagens culturais marcantes. - Introdução sobre a figura da mulher rendeira e seu papel histórico.
17 de outubro de 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do documentário <i>Versos da ilha</i>, disponível no youtube. - Apresentação breve sobre o gênero textual <i>resumo</i>. - Elaboração de um resumo do documentário assistido.
22 de outubro de 2019	- <i>Workshop</i> com a psicóloga e bordadeira Susan Aparecida Mariot.
23 de outubro de 2019	- Reescrita do resumo sobre o documentário <i>Versos da ilha</i> .
24 de outubro de 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Franklin Cascaes. - Leitura literária.

	- Roteiro de leitura. - Conceito de variação linguística.
29 de outubro de 2019	- Variação linguística: análise de cartas em equipe.
30 de outubro de 2019	- Gênero <i>carta</i> .
31 de outubro de 2019	- Gênero <i>carta</i> .
05 de outubro de 2019	- Escrita de uma carta.
12 de outubro de 2019	- Fechamento do projeto de docência.

Importante: Considerando que cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem, preparamos contos de autores catarinenses e roteiros de leituras para entregarmos aos alunos (ANEXO C) nos momentos em que alguns terminaram as atividades e outros não. Isso também aconteceu nos dias em que estavam programadas atividades de produção escrita em sala de aula para os alunos que terminaram primeiro.

3.9 PLANOS DE AULA

Nas próximas páginas, apresentaremos todos os planos de aula idealizados para este estágio e os seus respectivos anexos.

3.9.1 Encontro 1 – 9 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 1 – 9 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 10h50 - 11h35

Responsável: Isabel Aparecida Mafessolli

Tema: Apresentação geral do Projeto de Docência

Conteúdos:

- Orações subordinadas adverbiais
- Gênero textual: carta pessoal
- Oralidade

Objetivos:

Objetivo geral:

Compreender a proposta do Projeto de Docência “(Re)Tecendo a cultura catarinense: um estudo sobre a figura das rendeiras e da literatura catarinense”.

Objetivos específicos:

- Compreender a proposta do projeto de docência a ser desenvolvido com a turma nas próximas 20 aulas.
- Expressar-se oralmente com clareza e objetividade.
- Demonstrar conhecimento das orações subordinadas adverbiais.
- Compreender a função do gênero carta.

Metodologia:

- Com o intuito de criar um clima mais agradável com a turma, organizar as cadeiras em um grande círculo.
- Iniciar a aula realizando a apresentação das estagiárias.
- Em seguida, apresentar brevemente o projeto de docência, destacando o objetivo principal e as atividades principais, tais como a aula especial com a professora doutora Tânia Regina Ramos de Oliveira e o *workshop* com a psicóloga e tecelã Susan Aparecida Mariot.

Essa apresentação será realizada através de uma carta (ANEXO A), visto que esse é o principal gênero textual deste projeto. Cada aluno ganhará uma carta, que trará um resumo do projeto de

docência. Pediremos para um aluno fazer a leitura. Logo após, caso alguém tenha alguma dúvida, responderemos.

- Após, organizar a apresentação dos alunos. Considerando que o professor regente da turma, solicitou que durante as atividades houvesse a revisão, bem como a avaliação do conteúdo ministrado durante as aulas de observação - orações subordinadas adverbiais -, para essa apresentação, será realizada a seguinte dinâmica envolvendo tal conteúdo gramatical:

Cada aluno receberá uma classificação de oração subordinada adverbial e uma conjunção própria dessa classificação. Em seguida, deverá elaborar uma sentença falando sobre uma característica pessoal dele, utilizando essa classificação e conjunção. Por exemplo: A aluna I. recebeu a classificação “Oração subordinada adverbial condicional” e a conjunção “se”. Então, ela deverá elaborar uma sentença a partir disso, como: “**Se** eu tiver dinheiro, eu gostaria de viajar para Paris um dia”. Durante a apresentação, primeiro o/a estudante deverá dizer seu nome e idade e depois a sentença que elaborou.

Importante: Será destinado de 5 a 10 minutos para os alunos elaborarem as sentenças e as professoras poderão auxiliá-los.

- Encerrar a aula após as apresentações e destacar que se espera que esse período de docência seja enriquecedor tanto para os estudantes, quanto para as estagiárias, além de salientar a importância do comprometimento e participação de todos durante a realização das atividades propostas. Recolher as frases que os estudantes elaboraram para a correção.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Enquanto os colegas estiverem elaborando as sentenças e realizando a apresentação, a aluna receberá uma atividade de pontilhar a letra inicial de seu nome e uma atividade de colorir todas as letras do seu nome.

Avaliação:

Instrumento: Dinâmica de apresentação.

Crterios: Nesse primeiro encontro, os alunos serão avaliados a partir da sua participação na dinâmica de apresentação. Os critérios serão comprometimento com a atividade proposta e elaboração adequada da sentença de apresentação de acordo com a oração subordinada adverbial e conjunção recebidas.

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS ESTUDANTES

Florianópolis, 8 de outubro de 2019.

Querido (a) estudante,

Escrevemos hoje para te dar uma ótima notícia: nas próximas semanas, iremos embarcar em uma viagem juntos. Uma viagem pela Ilha de Santa Catarina.

A partir das próximas aulas, você irá conhecer um pouco melhor a cultura catarinense, especialmente a cultura da nossa querida ilha da magia. Juntos, vamos tecer novos conhecimentos sobre literatura e sobre personagens culturais marcantes e vamos voar pelo mundo pessoal de algumas jovens apaixonadas. Você conhecerá também alguns autores muito importantes e poderá saber os pensamentos mais íntimos deles. Além disso, também descobrirá tudo sobre bruxas e acompanhará as mudanças linguísticas aqui da Ilha.

Você deve estar se perguntando: mas, como isso tudo será possível? Nós te adiantamos a resposta: através de cartas. Muitas cartas...

Nós esperamos que vocês possam acompanhar a gente nessa jornada, participando e compartilhando tudo que vocês conhecem das histórias. E já se preparem: muitas cartas produzidas por vocês irão surgir ao longo dessas aulas! Estamos ansiosas e felizes por estarmos com vocês!

Obrigada por toda a atenção e pela confiança em nós depositada!

Com carinho,
Isabel e Jordana.

ANEXO B – ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS ELABORADAS PELOS ESTUDANTES

Observação: As sentenças abaixo foram transcritas pelas professoras/estagiárias a partir da folha entregue pelos estudantes. A escrita foi mantida a mesma utilizada pelos alunos.

Alunos que não atingiram o objetivo:

Aluno A:

Oração subordinada adverbial concessiva

Conjunção: embora que

Sentença: Mesmo embora que não tenho uma camera, não poderei ser fotógrafa.

Aluno B:

Oração subordinada adverbial concessiva

Conjunção: conquanto

Sentença: Eu quero viajar, conquanto que eu possa conhecer o mundo.

Alunos que atingiram parcialmente o objetivo:

Aluno C:

Oração subordinada adverbial consecutiva

Conjunção: de modo que

Sentença: De modo que eu estude muito, serei uma advogada.

Aluno D:

Oração subordinada adverbial

Conjunção: de forma que

Sentença: Eu quero ser policial, de forma que eu batalhe e corra atrás dos meus sonhos.

Aluno E:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: desde que

Sentença: Eu quero ser médica, desde que eu estude.

Aluno F:

Oração subordinada adverbial causal

Conjunção: uma vez que

Sentença: Uma vez que eu viajar o mundo irá ser a melhor sensação.

Aluno G:

Oração subordinada adverbial comparativa

Conjunção: mais do que

Sentença: Mais do que estudar eu prefiro não acordar cedo.

Aluno H:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: se

Sentença: Eu gosto conhecer o Canadá e o Japão. Para aprender varias língua e cultura.

Alunos que atingiram o objetivo:

Aluno I:

Oração subordinada adverbial

Conjunção: tanto que

Sentença: Quero ser psicóloga, tanto que estudarei para isso.

Aluno J:

Oração subordinada adverbial

Conjunção: visto que

Sentença: Fiquei desanimado visto que o vídeo game tinha acabado.

Aluno K:

Oração subordinada adverbial concessiva

Conjunção: mesmo que

Sentença: Eu quero conhecer os Estados Unidos, mesmo que eu não possa conhecer todos os estados.

Aluno L:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: desde que

Sentença: Desde que eu tenha tempo livre gosto de mexer no celular.

Aluno M:

Oração subordinada adverbial proporcional

Conjunção: quanto mais

Sentença: Quanto mais eu jogar bola melhor eu fico.

Aluno N:

Oração subordinada adverbial final

Conjunção: que

Sentença: Eu sonho muito que eu posso chegar em meus objetivos.

Aluno O:

Oração subordinada adverbial

Conjunção: para que

Sentença: Eu estudo para que consiga um trabalho bom que me de dinheiro para comprar coxinha.

Aluno P:

Oração subordinada adverbial temporal

Conjunção: enquanto

Sentença: Meu robô é os treinamentos de “jiu-jitsu, boxe e muay thai” isso irá me ajudar na minha profissão do futuro que é entrar no exercito enquanto não acontece eu estudo.

Aluno Q:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: exceto se

Sentença: Gosto muito de jogar vôlei, estar com meus amigos; exceto se meus pais não me deixam sair.

Aluno R:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: desde que

Sentença: Desde que eu estude para a prova, irei ir bem.

Aluno S:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: contanto que

Sentença: Eu gosto de ler livros/mangás, contanto que eu esteja ouvindo música.

Aluno T:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: a menos que

Sentença: Sou legal e calma, a menos que me irrite muito.

Aluno U:

Oração subordinada adverbial condicional

Conjunção: caso

Sentença: Caso alguém desce uma passagem para Barcelona, eu ficaria muito feliz.

Aluno V:

Oração subordinada adverbial causal

Conjunção: porque

Sentença: Quando eu crescer quero ser medico porque gosto de ajudar pessoas.

Aluno W:

Oração subordinada adverbial causal

Conjunção: já que

Sentença: Eu vou ser veterinária já que gosto de animais.

Aluno X:

Oração subordinada adverbial causal

Conjunção: como

Sentença: Como eu faço curso de ADM eu gostaria de trabalhar em tal cargo.

ANEXO C – IMAGENS DAS SENTENÇAS ELABORADAS PELOS ESTUDANTES

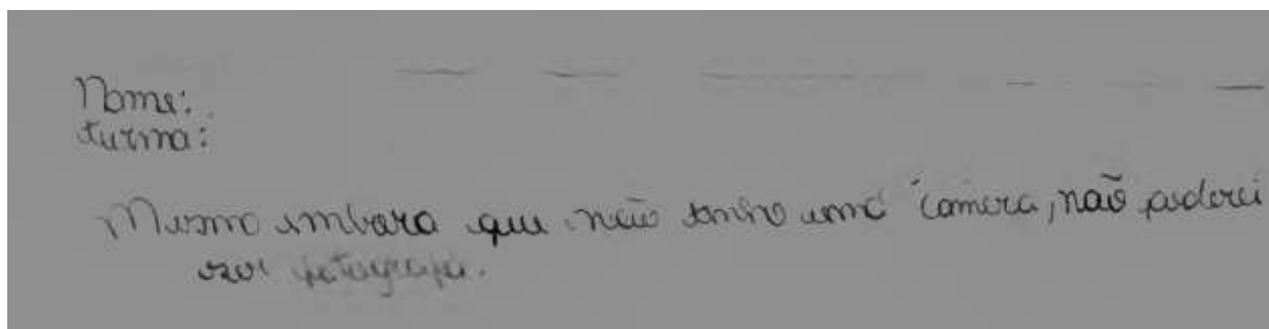


Imagem 1: Sentença de estudante que não atingiu o objetivo da atividade.

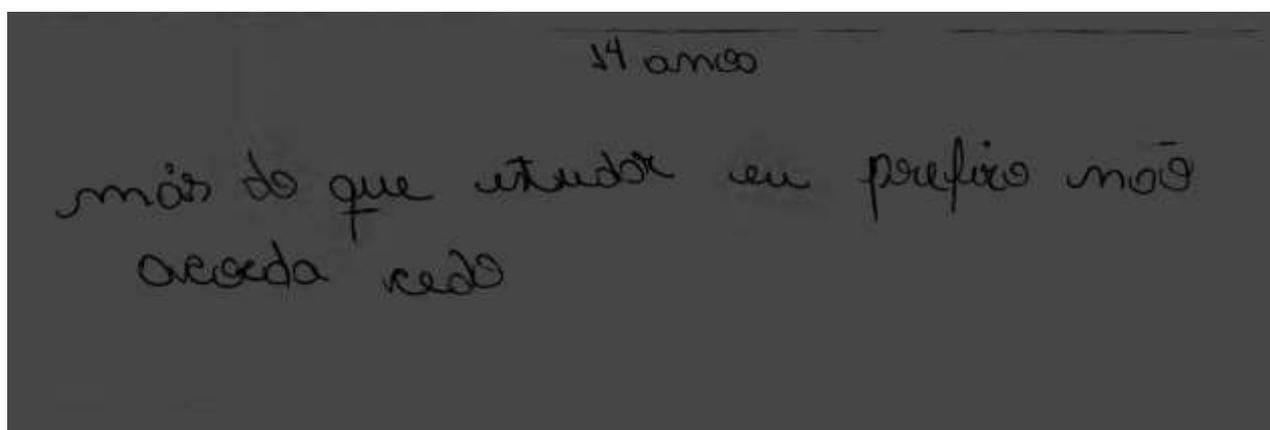


Imagem 2: Sentença de estudante que atingiu parcialmente o objetivo

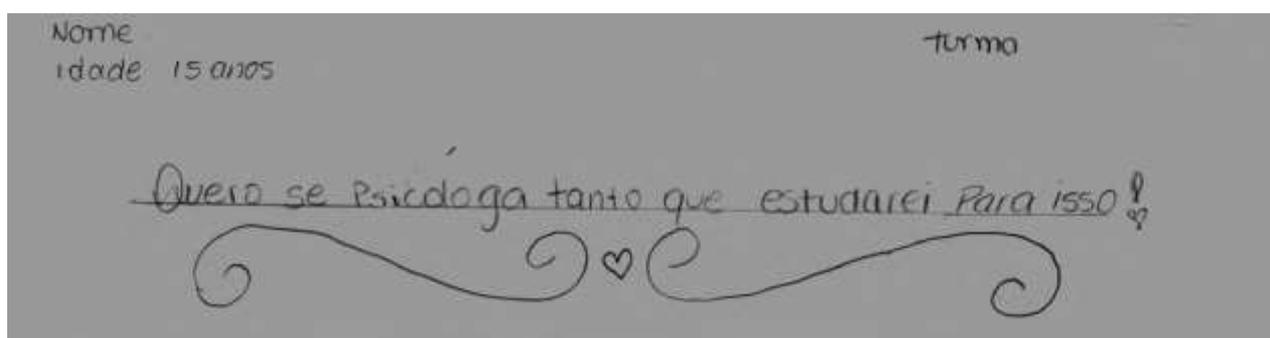


Imagem 3: Sentença de estudante que atingiu o objetivo

3.9.2 Encontros 2 e 3 – 10 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTROS 2 E 3 – 10 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 9h

Responsável: Isabel Aparecida Mafessolli

Tema: Leitura e discussão do texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Conteúdos:

- Apresentação da autora Marina Colasanti.
- Características gerais das obras de Marina Colasanti.
- Leitura literária.
- Compreensão e interpretação do texto “A moça tecelã”.
- Expressividade, entonação, fluência na leitura oral e na socialização da compreensão leitora do texto “A moça tecelã”.

Objetivos:

Objetivo geral:

Identificar as principais temáticas presentes no texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Objetivos específicos:

- Conhecer a biografia da autora Marina Colasanti.
- Aproximar-se da literatura contemporânea, especialmente das relações entre autor e leitor.
- Ler o texto literário contemporâneo: “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.
- Correlacionar o título da obra à história presente no texto.
- Analisar as atitudes da personagem principal frente às escolhas pessoais.
- Reconhecer o posicionamento adotado pela personagem principal.
- Refletir sobre o texto literário lido com o auxílio de um roteiro de leitura.
- Sistematizar as reflexões sobre o texto literário em forma de respostas às perguntas propostas pelo roteiro de leitura.
- Socializar as discussões realizadas a partir do roteiro de leitura com os colegas.

Metodologia:

- Iniciar a aula apresentando a autora Marina Colasanti. Nessa apresentação, considerar aspectos biográficos e características da escrita da autora. Exibir o *site* oficial da autora

e discutir brevemente sobre a proximidade existente entre autor e leitor proporcionada pela literatura contemporânea.

- Apresentar a produção literária da autora, destacando a obra que posteriormente será lida: “A moça tecelã”.
- Fazer circular o livro físico selecionado entre os alunos para que eles tomem conhecimento da materialidade do texto que em seguida farão leitura.
- Convidar os alunos para, com calma, irem ao pátio em frente a sala e sentarem em um círculo.
- Retomar a apresentação do texto “A moça tecelã”, questionando os alunos sobre o que eles entendem quando ouvem o título “A moça tecelã”. Nesse questionamento, focalizar no significado de “tecelã”.
- Convidar os alunos a fazerem uma leitura tecida do texto.

Para a leitura, a professora/estagiária entregará a cada aluno um parágrafo do texto. É importante destacar que esses parágrafos estarão todos unidos por uma linha de lã e, conforme a professora/estagiária for entregando aos estudantes, essa lã irá se esticando e tecendo a forma do círculo. Dessa forma, o texto estará “tecido”. Vale a pena, nesse momento, chamar a atenção para esse movimento, pois, posteriormente, ele poderá fazer parte da discussão textual.

- Pedir para que cada aluno faça a leitura, primeiramente, em silêncio do parágrafo que recebeu e, em seguida, propor para que o texto seja lido em voz alta.
- Ao finalizar a leitura, iniciar uma roda de conversa sobre o texto lido e sobre a experiência dessa leitura tecida.

Aqui, questionar aos alunos o que eles entenderam do texto e quais as impressões deles acerca da história lida. Espera-se, com essa leitura e conversa inicial, que os estudantes realizem um primeiro contato com a obra e já identifiquem características centrais da história lida.

- Após essa primeira conversa, informar aos estudantes que eles deverão responder, em equipes, um roteiro de leitura sobre o texto. Esse roteiro fará parte da nota da participação. Em seguida, realizar a organização das equipes.

Essa organização ocorrerá da seguinte forma: foram selecionadas 7 imagens de figuras importantes da cultura catarinense. Cada aluno ganhará uma dessas imagens. Haverá 5 cópias de cada uma delas. Cada estudante deverá se juntar com os colegas que tiverem a mesma imagem que a dele. Assim, serão formados 7 grupos de 5 alunos.

- Com a organização realizada, entregar um roteiro de leitura para cada equipe e organizar a volta para a sala.
- De volta à sala, pedir para que os alunos se sentem nas equipes.
- Realizar a leitura do roteiro com eles para esclarecer possíveis dúvidas.
- Após a realização da leitura, entregar a cada estudante o texto impresso em formato de caderno para que eles possam ter acesso à história completa para realizarem a releitura e responderem o roteiro. Enquanto os estudantes estiverem respondendo o roteiro, a professora estará os auxiliando. Destinar cerca de 15 a 20 minutos para essa atividade.
- Roteiros respondidos, organizar a turma para a socialização das respostas. A professora lerá cada questionamento e pedirá para que os estudantes socializassem as suas reflexões.

Com essa socialização, espera-se que os alunos percebam que a personagem principal tem o poder de tecer o que deseja para a sua vida.

- Ao finalizar a socialização, questionar os estudantes se tem alguma figura marcante da cultura catarinense que tece. Espera-se que eles falem sobre as rendeiras. Caso não falem, pedir para eles pensarem na resposta e trazerem na próxima aula.
- Em seguida, lembrar aos estudantes sobre o *workshop* com a psicóloga e bordadeira Susan Aparecia Mariot e informá-los que eles deverão realizar, em equipes, uma pesquisa para se prepararem para a atividade. As equipes serão as mesmas dessa aula. Entregar o roteiro da pesquisa para cada equipe e realizar a leitura do roteiro para esclarecer possíveis dúvidas.

Importante: Essa pesquisa será realizada como tarefa de casa, valerá nota de participação e será realizada em equipe. A data de entrega é 16 de outubro de 2019.

- Finalizar a aula recapitulando as atividades desenvolvidas nesse encontro e salientado a importância da realização da pesquisa em casa. Além disso, antes do sinal bater, reorganizar a sala.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Durante a leitura tecida, a aluna participará com os colegas segurando o barbante no início do texto e com o auxílio das professoras/estagiárias irá fazer a leitura do título da obra. Após, durante a realização do roteiro de leitura, a estagiária Jordana irá entregar o livro ilustrado de “A moça tecelã”, de Marina Colasanti para que a aluna possa visualizar a história. Além disso, a estagiária levará barbante para explicar a história à estudante.

Avaliação:

Instrumento: Roda de conversa e roteiro de leitura.

Crterios: Nesse encontro, os alunos serão avaliados pela participação durante as discussões e pela socialização e adequação das respostas dos roteiros de leitura. Essa participação será avaliada a partir das relações que os estudantes estabelecerem com o texto lido e a partir do posicionamento crítico do aluno frente às questões levantadas durante a mediação. Os alunos também serão avaliados pelo comprometimento/seriedade com a atividade proposta e pela expressividade, entonação, fluência na leitura oral do texto e das respostas.

ANEXO A – IMAGENS DA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE LEITURA TECIDA



Imagem 1: Alunos durante a atividade de leitura tecida



Imagem 2: Alunos durante a atividade de leitura tecida

ANEXO B – IMAGENS DOS CARTÕES DE ORGANIZAÇÃO DAS EQUIPES



Imagem 3: Equipe Bruxa



Imagem 4: Equipe Benzedeira

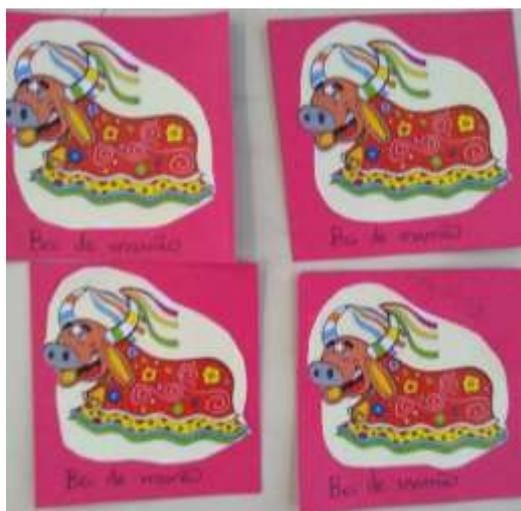


Imagem 5: Equipe Boi de Mamão



Imagem 6: Equipe Pescador



Imagem 7: Equipe Franklin Cascaes



Imagem 8: Equipe Bilro



Imagem 9: Equipe Rendeiras

ANEXO C – VERSÃO IMPRESSA DO CONTO *A MOÇA TECELÃ* ENTREGUE AOS ESTUDANTES



Imagem 10: Versão impressa do conto *A moça tecelã* entregue aos estudantes

ANEXO D – VERSÃO DO CONTO A *MOÇA TECELÃ* UTILIZADA NA LEITURA
TECIDA

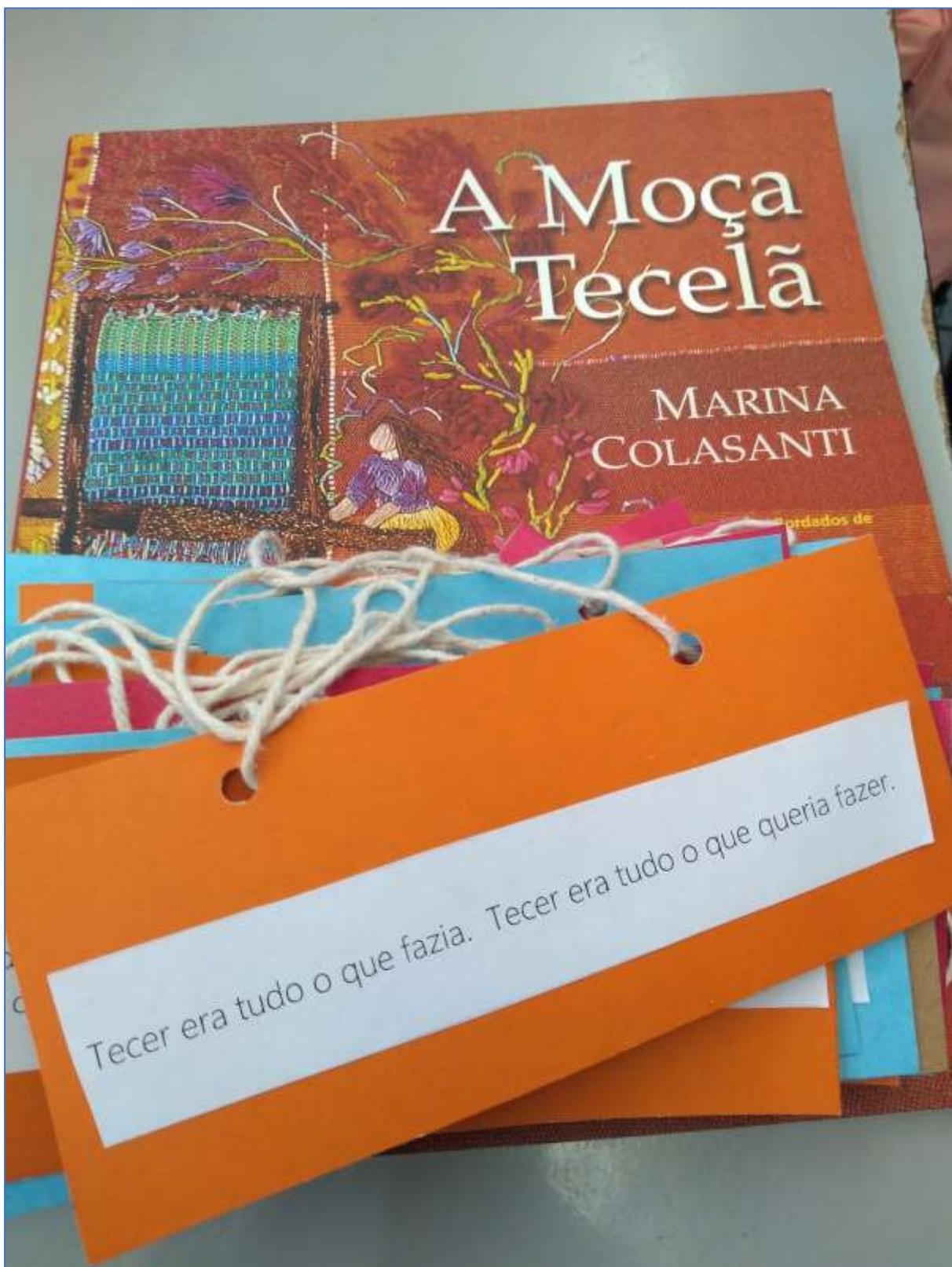


Imagem 11: Material utilizado para a realização da leitura tecida

ANEXO E – REGISTROS DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA DE AULA



Imagem 12: Parte expositiva da aula sobre a autora Marina Colasanti



Imagem 13: Equipes respondendo o roteiro de leitura

ANEXO F – AMOSTRA DOS ROTEIROS DE LEITURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Professor regente:
Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa



Equipe:

ROTEIRO DE LEITURA

Título da obra: A Meiga Tecelã

Nome do autor(a): Maira Calabanti

Personagens: Maido e Meiga que Teji

Síntese da história: Ela Teia do modo 'ela de' que ela se apaixonou e se deu conta que começou a Teia do jeito que ele queria então percebeu que tudo estava errado e acabou desfezendo tudo.

Quais os dilemas que norteiam a história? A meiga não estava feliz porque ela estava fazendo as coisas para agradar ao marido.

Qual o papel da personagem principal? Teia - a meiga.

Qual o posicionamento do marido na história? Como a personagem principal se comporta diante dele?
Inteligente a meiga se fez a ideia que agradava a ele e ela acabou com o marido que percebeu que não agradava a ela e se separou dela.

Quais as atitudes marcantes da personagem principal frente as suas escolhas? Quando ela começou a fazer as vontades do marido.

Como questões levantadas nesta história surgem na sociedade atual? de um relacionamento abusivo.

Relação entre o título e a história: A palavra conta o título e a história é que o título já diz o que se passa na história que era uma meiga que Teia.

Opinião crítica sobre a obra: Ela estava fazendo as coisas para agradar ao marido e não a ela.

Imagem 14: Roteiro de leitura respondido pelos estudantes

Professor regente:
Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Equipe:

ROTEIRO DE LEITURA

Título da obra: A meiga Tecelã.

Nome do autor(a): Marina Colasanti

Personagens: A meiga que tece e o marido.

Síntese da história: Ela gostava de telear e isso criou um ambiente que obrigava a fazer as coisas que ela não gostava e sobretudo irritava ela. E uma noite de stress ela acabou com tudo que foi obrigada a fazer, até com ele.

Quais os dilemas que norteiam a história? Ela era uma meiga feliz e gostava de fazer as coisas, mas por obrigação do marido ela perdeu encanto por aquilo.

Qual o papel da personagem principal? tecer.

Qual o posicionamento do marido na história? Como a personagem principal se comporta diante dele?
Ele era abusivo, por isso ela se submetia a ele.

Quais as atitudes marcantes da personagem principal frente as suas escolhas?
Quando ela usou o poder dela para fazer o marido, e quando se revoltou contra ele.

Como questões levantadas nesta história surgem na sociedade atual? Um relacionamento abusivo mentalmente ou até físico de que a mulher tem que obedecer uma figura masculina.

Relação entre o título e a história: Que ela era uma tecelã.

Opinião crítica sobre a obra: Se ela tivesse mais a atitude de se empor contra ele, ela poderia não ter passado por essa situação, pois não devemos nos calar a essas circunstâncias.

Imagem 15: Roteiro de leitura respondido pelos estudantes

ANEXO G – POWERPOINT UTILIZADO COMO SUPORTE DA APRESENTAÇÃO
SOBRE MARINA COLASANTI



Imagem 16: Slide inicial



Imagem 17: Slide dois



Imagem 18: Slide três



Imagem 19: Slide quadro



Imagem 20: Slide cinco



Imagem 21: Slide seis



Imagem 22: Slide sete



Imagem 23: Slide oito



Imagem 24: Slide nove

ANEXO H – A MOÇA TECELÃ, DE MARINA COLASANTI

A moça tecelã, de Marina Colasanti.

Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1413748>> Acesso em: 24 set. 2019

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte”.

3.9.3 Encontros 4 – 16 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 4 - 16 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 8h15

Responsável pela aula: Jordana Machado da Rosa

Tema: História de Santa Catarina: personagens culturais marcantes.

Conteúdos:

- Retomada do texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, através da socialização do roteiro de leitura elaborado na aula anterior.
- Expressividade, entonação, fluência na socialização da compreensão leitora do texto “A moça tecelã”.
- História de Santa Catarina: personagens culturais marcantes.
- Apresentação de vídeos sobre aspectos da cultura catarinense.
- Introdução sobre a figura da mulher rendeira e seu papel histórico.
- Entrega das pesquisas realizadas pelos estudantes.

Objetivos:

Objetivo geral:

Ampliar o conhecimento sobre a cultura catarinense a partir da figura da mulher rendeira, tendo como inspiração o texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Objetivos específicos:

- Socializar os roteiros de leitura elaborados na aula anterior.
- Praticar expressividade, entonação e fluência na socialização da compreensão leitora do texto “A moça tecelã”.
- Reconhecer outros textos da autora Marina Colasanti.
- Praticar a leitura em fruição.
- Estabelecer relação entre a personagem que tece, presente no texto-inspiração, e o papel das rendeiras na história cultural de Santa Catarina.
- Ampliar o conhecimento sobre figuras típicas da cultura catarinense.
- Conhecer a história da popular Ilha de Santa Catarina através da cultura local.

Metodologia:

- Iniciar a aula retomando as atividades desenvolvidas na semana anterior, especialmente a leitura do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

- Em seguida, devolver as atividades de roteiro de leitura iniciadas na aula anterior para que alguns grupos possam finalizá-la. Para as equipes que já terminaram na aula anterior, serão entregues crônicas da autora Marina Colasanti para a realização da leitura de fruição.

Para essa atividade, delimitar 15 minutos.

- Após esse tempo, iniciar a socialização das reflexões dos estudantes, selecionando algumas questões e destacando os pontos principais das respostas dos alunos.
- Logo após a socialização, a professora/estagiária tecerá uma ligação do dom da personagem principal com a figura da mulher rendeira em Santa Catarina. Depois dessa ligação, serão apresentados aos alunos personagens culturais marcantes de Santa Catarina.

Importante: Os alunos terão contato com esses personagens através de figuras de artesanatos trazidas pelas professoras. Os artesanatos trazidos pelas professoras serão: boi de mamão, bernuça e a renda de bilro, representando as rendeiras.

- A professora/estagiária responsável pela aula fará, enquanto os alunos manuseiam os objetos, uma síntese sobre alguns personagens culturais marcantes, ressaltando sua importância para a história de Santa Catarina.
- Depois de algumas sínteses, serão exibidos vídeos curtos sobre os seguintes personagens culturais: primeiramente, o boi de mamão e posteriormente as bruxas.

Aqui, serão exibidos os vídeos: *A bruxa de coqueiros* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HB3-2IbY1VA>>) e um vídeo de uma notícia sobre o *Encontro de Bois de Mamão*, esse que acontece anualmente em Florianópolis (disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/encontro-de-bois-de-mamao-agita-o-centro-de-florianopolis>>).

- Após a apresentação dos personagens culturais, a professora apresentará informações históricas sobre o papel das rendeiras, trazendo informações sobre a figura das rendeiras também em outros lugares do Brasil, como é o caso da história de *Maria Bonita*, que será mostrada através da música que está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yxjWPUJmVvA&feature=youtu.be>>.
- Ao final da aula, a professora recolherá os roteiros de pesquisa, entregues na aula anterior, sobre os pontos de renda que a tecelã Susan Mariot, convidada do *workshop*, costuma utilizar. Informará aos alunos que fará a devolutiva dessa pesquisa na próxima aula.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Durante a explicação dos personagens culturais marcantes de Santa Catarina, será entregue um bilro e os personagens do boi de mamão para que a estudante possa manusear. Além disso, será apresentado o livro infantil “Nos passos de Cascaes: bruxas, lobisomens e outros seres encantados” que contém imagens para que a estudante possa manusear. Por fim, será entregue uma atividade de pintura de um boi de mamão para a estudante.

Avaliação:

Instrumento: Participação na socialização e na aula.

Critérios: Nesse encontro, os alunos serão avaliados através da participação na socialização do roteiro de leitura. Também serão avaliados pela seriedade e colaboração na aula durante a exposição dos personagens culturais marcantes.

ANEXO A – SÍMBOLOS CULTURAIS DA ILHA LEVADOS PARA OS ESTUDANTES
MANUSEAREM



Imagem 1: Bilro, boi-de-mamão e bernunça



Imagem 2: Estudantes manuseando a bernunça

ANEXO B – REGISTROS DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA DE AULA



Imagem 3: Parte expositiva da aula sobre os personagens culturais marcantes da Ilha de Santa Catarina



Imagem 4: Grupos finalizando os roteiros de leitura

ANEXO C – *POWERPOINT* UTILIZADO COMO SUPORTE NA EXPLICAÇÃO DA CULTURA CATARINENSE

RENDEIRAS: A MULHER CATARINENSE QUE TECE

Professora: Jordana Machado da Rosa

Imagem 5: Slide 1

AULA ANTERIOR

- Leitura do texto *A moça teceiã*, de Marina Colasanti.

Quais os pontos principais da história?

Qual a síntese da história?

Qual a sua opinião crítica sobre a obra?



Fonte: Google Imagens

Imagem 6: Slide 2

PERSONAGENS
MARCANTES NA
HISTÓRIA DE SANTA
CATARINA

Imagem 7: Slide 3

A RENDEIRA



Fonte: Google Images

wikimapia.org

Imagem 8: Slide 4

A RENDEIRA

- Arte que começou com as mulheres.
- Rendiam na beira do mar à espera do marido.
- As cantigas falavam de seus sentimentos.
- O dom virou uma renda de trabalho.



Fonte: Google Images

Nos dias de hoje, as rendeiras estão, principalmente, na Av. das Rendeiras e no mercado público.

Imagem 9: Slide 5

A RENDEIRA EM OUTROS ESTADOS

Música: Mulher rendeira, do
Grupo Volta seca

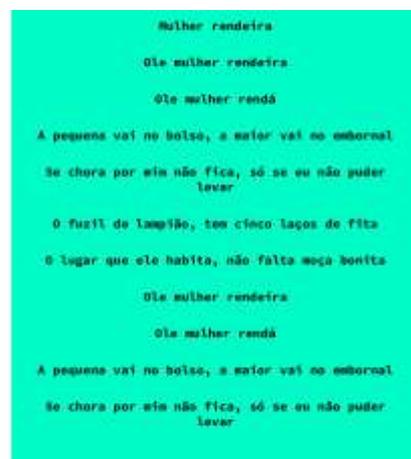


Imagem 10: Slide 6

BOI DE MAMÃO

- Tradição culturalmente importante do folclore catarinense
- Tradição açoriana - passa de geração em geração - também é muito forte em outros estados
- Narram uma história em forma de teatro - com dança e música
- Personagens criados com tecido e bambu
- Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=HcHfEmW4Kj>



Fonte: Google Imagens

Imagem 11: Slide 7

A BRUXA

- Figura lendária presente nas histórias dos pescadores
- Os nativos respeitam a figura da bruxa - acreditam que é preciso pedir permissão para morar na ilha
- História da bruxa de Itaguaçu é a mais conhecida
- Florianópolis - a ilha da magia



Fonte: Google Imagens

Imagem 12: Slide 8

A BENZEDEIRA

- Um dom que passa de geração em geração
- Responsáveis por curar as doenças dos moradores
- Benzem com um terço na mão, realizando rezas pelo necessitado



Dona Tilda, a benzeadeira mais antiga de Florianópolis - já falecida
Fonte: Google Imagens

Imagem 13: Slide 9

3.9.4 Encontros 5 e 6 – 17 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 5 e 6 – 17 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 9h

Responsável: Jordana Machado da Rosa

Tema: Apresentação de documentário e elaboração de um resumo.

Conteúdos:

- Personagens da cultura catarinense: rendeiras
- Exibição do documentário.
- Oralidade: Escuta e atribuição de sentido pela escuta.
- Linguagem poética presente no documentário.
- Gênero textual *resumo*.
- Orações subordinadas adverbiais.
- Atividade de produção escrita.

Objetivos:

Objetivos gerais:

Relacionar a figura feminina das rendeiras com outras linguagens, especialmente cinematográfica, reconhecendo as relações sociais presentes nessas linguagens.

Reconhecer o gênero textual *resumo* para a realização de uma produção textual escrita desse gênero.

Objetivos específicos:

- Assistir o documentário “Versos da ilha - Curta Documentário” sobre a figura das rendeiras da Ilha de Santa Catarina.
- Identificar as principais características dessa arte cultural catarinense.
- Reconhecer o papel social das rendeiras na cultura catarinense.
- Revisitar o gênero textual *resumo*, para que seja possível realizar a produção textual escrita.
- Fazer uso de recursos discursivos, linguísticos, textuais e estilísticos na elaboração de um resumo.
- Elaborar um resumo do documentário assistido, a fim de sintetizar as principais informações.
- Demonstrar conhecimento de orações subordinadas adverbiais durante a escrita do resumo.

Metodologia

- Iniciar a aula com a recolhendo a pesquisa dos alunos e fazendo uma revisão do conteúdo de orações subordinadas adverbiais, a partir do que foi elaborado por eles na dinâmica da primeira aula.
- Organizar a sala para apresentar o documentário “Versos da Ilha” disponibilizado no *youtube*, com o intuito de ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a figura das rendeiras. Avisá-los que, após a exibição do documentário e discussão, eles deverão elaborar um resumo do documentário, que contará como nota de avaliação. Para isso, destacar que é importante que eles prestem atenção e façam anotações sobre o conteúdo exibido.
- Após a exibição do documentário, realizar uma breve discussão das informações exibidas e expor brevemente informações sobre o gênero textual resumo.
- Logo em seguida, a professora/estagiária irá distribuir para os alunos a folha da atividade.
- Folhas de produção escrita distribuídas, a professora/estagiária fará a leitura das orientações e critérios de avaliação para responder a quaisquer dúvidas que possam surgir. Aqui, ela explicará que os estudantes deverão utilizar pelo menos duas orações subordinadas adverbiais durante a produção escrita. Além disso, eles deverão destacar essas orações e classifica-las, demonstrando conhecimento deste conteúdo.

Importante: A presença das orações subordinadas adverbiais nesta produção escrita foi um pedido do professor regente da turma.

- Expor para os alunos que o resumo deverá ter um número mínimo de 10 linhas e máximo de 20. Deixar claro também que a atividade contará como nota de avaliação e que deverá ser feita com seriedade.
- Encerrar a aula recolhendo as produções textuais dos alunos e relembrando-os que na aula seguinte acontecerá o *workshop* com a bordadeira Susan Mariot.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Primeiramente, a aluna R. assistirá o documentário junto com os alunos. Como essa aula tem como conteúdo principal a construção de um resumo sobre o documentário *Versos da ilha*, esse que fala das rendeiras na ilha de Florianópolis, será feita uma atividade de escrita da palavra RENDEIRA e uma atividade em que a estudante deverá circular as imagens das rendeiras

Avaliação:

Instrumento: Gênero textual resumo.

Crêterios: Nesse encontro, os alunos serão avaliados através da produção escrita. Essa terá os seguintes critérios de avaliação: coesão e coerência, adequação ao gênero, conteúdo apresentado, ortografia e utilização das orações subordinadas adverbiais.

ANEXO A – *POWERPOINT* UTILIZADO COMO SUPORTE NA REVISÃO DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS



Imagem 1: *Slide 1*

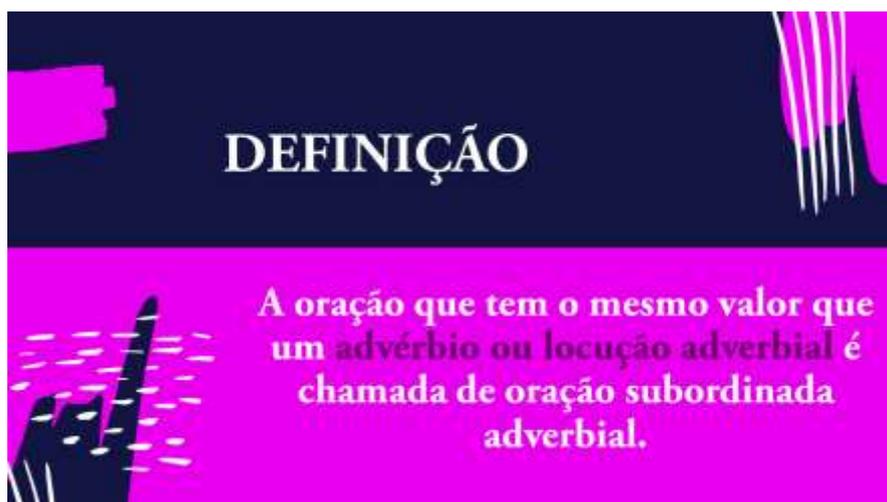


Imagem 2: *Slide 2*

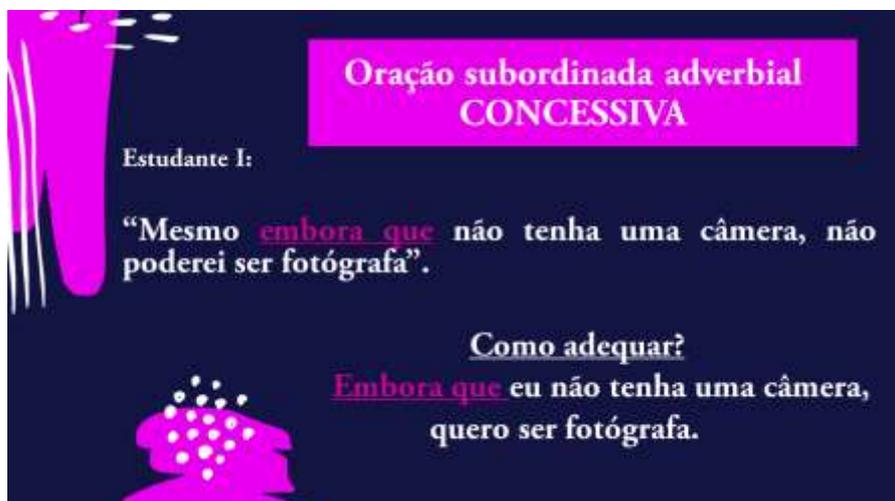


Imagem 3: *Slide 3*

Oração subordinada adverbial
CONDICIONAL

Estudante II:

“Eu quero ser médica, desde que eu estude”.

Como adequar?
Eu serei médica, desde que eu estude.

Imagem 4: Slide 4

Oração subordinada adverbial
PROPORCIONAL

Estudante III:

“Quanto mais eu jogar bola, melhor eu ficarei”.

Imagem 5: Slide 5

Oração subordinada adverbial
COMPARATIVA

Estudante IV:

“Mais do que estudar, eu prefiro não acordar cedo”.

Como adequar?
Prefiro mais não acordar cedo do que estudar”.

Imagem 6: Slide 6

Oração subordinada adverbial
TEMPORAL

Estudante V:

“Meu hobby é os treinamentos de Jiu-Jitsu, Boxe e Muay Thai. Isso irá me ajudar na minha profissão do futuro que é entrar no exército. **Enquanto** não acontece, eu estudo”.

Imagem 7: Slide 7

Oração subordinada adverbial
CONSECUTIVA

Estudante VI:

“**De modo que** eu estude muito, serei uma advogada”.

Como melhorar?
Serei uma advogada, **de modo que** preciso estudar muito.

Imagem 8: Slide 8

Oração subordinada adverbial
CAUSAL

Estudante VII:

“**Como** eu faço curso de ADM, eu gostaria de trabalhar em tal área”.

Imagem 9: Slide 9

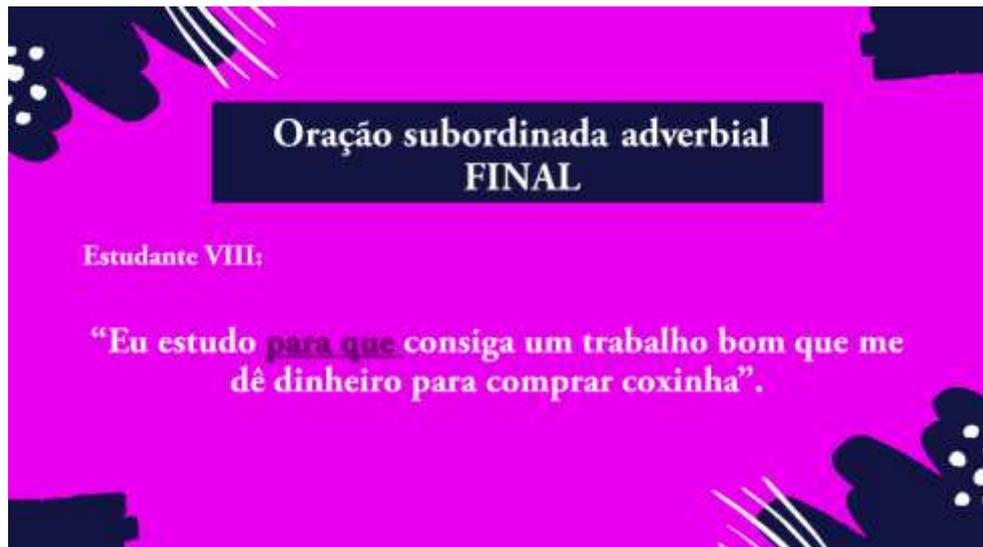


Imagem 9: Slide 9

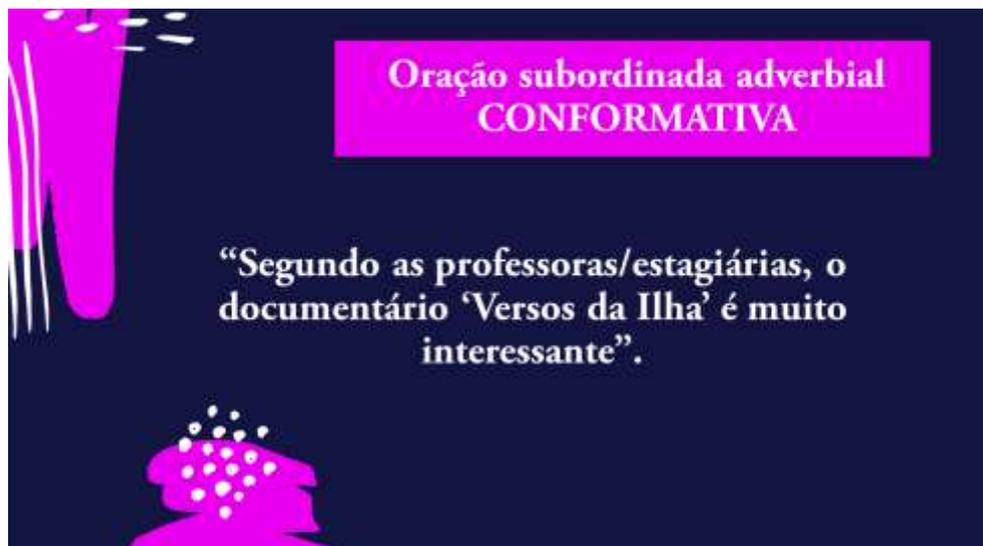


Imagem 10: Slide 10

ANEXO B – REGISTROS DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE A AULA



Imagem 11: Slide 11



Imagem 12: Slide 12

ANEXO C – AMOSTRA DOS RESUMOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES COMO ATIVIDADE AVALIATIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessoli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Shirley Domingoes e Maria Izabel de Borioli Hentz
Professor regente: *Isabel de*

ATIVIDADE AVALIATIVA – PRODUÇÃO ESCRITA I

Proposta de atividade: Construa um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Veross da Ilha*. Para isso, você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 sentenças.

O que é um resumo?
É a exposição de forma sintetizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu sentido. Utilize o processo de sumarização para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Veross da Ilha*.

Título: *Na Ilha de Santa Catarina, as mulheres eram muito subordinadas aos homens, nunca podiam sair de casa sem a companhia de homens. Na maioria do tempo, elas pegavam seus filhos e começavam a fazer seus artesanatos. Assim que os homens saíam para pescar elas ficavam fazendo seus artesanatos. Elas tem momentos muito felizes e elas requisam até hoje ficando, e isso demonstra que há um amor muito grande pelo artesanato, enquanto elas faziam café, já se pegavam seu filho e comparem as mães da ilha faziam isso para não perder tempo e acabar de torcendo! Bem curub*

1. artesanato

2. artesanato

- Li preciso desenvolver minha um parágrafo de conclusão.
- Não pode falar também de debate de fazer renda com música.
- Deixar meu texto com parágrafos.

Imagem 13: Amostra I

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

Enquanto faziam café, foi peguemos seu livro

Como que ~~os~~ os homens sabem

não esqueça de classificar!

Critérios de avaliação:

50% da nota: Uso adequado das orações subordinadas adverbiais e classificação correta.

50% da nota: Capacidade de síntese; conteúdo; coesão e coerência e ortografia.

Imagem 14: Amostra I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Professor regente:

Isabel M.

ATIVIDADE AVALIATIVA – PRODUÇÃO ESCRITA I

Proposta de atividade: Construa um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Versos da Ilha*. Para isso, você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 sentenças.

O que é um resumo?

É a exposição de forma sintetizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu sentido. Utilize o processo de sumarização para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Versos da Ilha*.

Título:

Rendizar da Ilha

por ser resumo, seja impessoal: use 3ª pessoa
presente

Nome documentário padrão -ter. que estão sendo entrevistados
verbozar, que desde jovens, a maioria delas já rendizam.
Usando apenas quatro "dedos" para dois, volta, dois" como / conforme
as técnicas passadas das avós, para as mães, para as
filhas; lindas rendas eram criadas cada uma no seu
estilo, com delicadeza, em cada etapa.
Suas atividades mais cardeais assumidas basicamente antes
pescas, cuidar da casa, no período matutino e chegando
a tarde, costuras - se com "horas companhas" para que
pudessem render, com a autorização de seus pais.
Muito comum antigamente, eram as crianças aparentemente
quanto mais contavam mais produziam, rendas com vida
pis a cada manuseio delas, a arte, seguir.

isso pode
ser a
conjunção
conformativa

- É preciso estruturar seu texto em parágrafos.
- Inclua também um parágrafo de conclusão.

Imagem 15: Amostra II

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

E...] e, chegando a tarde, encontra-se com "boas companhias" para que o pudessem ajudar. E...] condicional, *sempre a classificação final.*

E...] as cantigas aparentemente quanto mais cantavam, mais produziam. *proporcional.*

Classificação!

Critérios de avaliação:

- 50% da nota: Uso adequado das orações subordinadas adverbiais e classificação correta.
- 50% da nota: Capacidade de síntese; conteúdo; coesão e coerência e ortografia.

Imagem 15: Amostra II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

Isabel M.

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessoli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Shirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Professor regente:

ATIVIDADE AVALIATIVA – PRODUÇÃO ESCRITA I

Proposta de atividade: Construa um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Pessoas da Ilha*. Para isso, você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 sentenças.

O que é um resumo?

É a exposição de forma sintetizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu texto. Utilize o processo de sumarização para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Pessoas da Ilha*.

Coerência
global;
ligado
então
com o
texto.

Título: *Levas da Ilha*

1. Ela aprendeu a renda desde quando veio
para cá, da mãe. Ela sempre fez a renda, e
ligamos a bordado com o mesmo tipo de costura,
por exemplo. Ela, por aí. Ela também
costura com café e também costura. Ela também
2. Ela também a renda, que as mulheres costumam
para fazer um vestido ou para a roupa,
uma mulher que costura a renda da su-
ta, ela costura para quem quer que seja
a renda para a renda. Ela também para cost-
de para a renda. Ela também para a renda
custo e ela é a mais bella da renda
para. Ela também para a renda, as mulheres
para depois ela fez a renda para todos os vestidos
de renda. Ela também fez a renda para todos os vestidos

introdução
melhor
parte de
costuras

introdução
melhor

Observações:

- Li pouco introdução melhor o meu texto, fazendo uma
resumo em parágrafos.
- Abordar a relação de renda com a renda.
- fazer um parágrafo introdutório que aborde a temática
central (exemplo):
"No documentário *Levas da Ilha* a renda aborda a cultura
das rendas".
- fazer um parágrafo de conclusão.

Imagem 17: Amostra III

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

Quando era = temporal ✓
Porque = conativa da ação = causal ✗
Quando era pequena = temporal ✓
Antes disso! ✓

Critérios de avaliação:

50% da nota: Uso adequado das orações subordinadas adverbiais e classificação correta.
50% da nota: Capacidade de síntese; conteúdo; coesão e coerência e ortografia.

Imagem 18: Amostra III

3.9.5 Encontros 7 e 8 - 22 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTROS 7 e 8 – 22 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 10h – 11h35

Responsáveis pela aula: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Tema: *Workshop* com a psicóloga e bordadeira Susan Aparecida Mariot.

Conteúdos:

- Tipos de pontos de bordados.
- A relação do bordado com processos terapêuticos que se ocupam do autoconhecimento.
- Oralidade: Escuta e fala do outro.

Objetivos:

Objetivo geral:

Compreender a relação entre a arte de tecer e os processos terapêuticos que se ocupam do autoconhecimento, traçando relações com o conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti.

Objetivos específicos:

- Conhecer os tipos de bordados pesquisados pelos estudantes através da exposição organizada pela convidada especial.
- Conhecer processos terapêuticos que fazem uso de técnicas manuais, como o bordado.
- Ampliar o conhecimento sobre as rendeiras e a prática cultural catarinense de tecer.
- Praticar expressividade, entonação e fluência no diálogo com a convidada especial.
- Reconhecer outras leituras do conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti.

Metodologia

- Iniciar a aula informando aos estudantes que acontecerá o *workshop* com a bordadeira Susan Mariot e retomando as perguntas organizadas por eles durante a pesquisa.
- Logo após, organizar a turma para se dirigirem ao Laboratório de Língua Portuguesa para a realização do *workshop*.
- O *workshop* será organizado e conduzido pela psicóloga e bordadeira Susan Mariot.
- Quando for 11h20, organizar os estudantes para retornarem à sala de aula.
- Na sala, questionar aos estudantes o que eles acharam do *workshop* e tecendo ligações com a temática principal deste projeto de docência. Aqui, fazer indicações de leitura de expressões de arte (literatura e filmes) que contenham também a mulher rendeira.

- Finalizar a aula informando que no próximo encontro acontecerá uma atividade de recuperação das produções escritas do gênero resumo.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Para esse encontro, não será elaborada uma atividade adaptada para a estudante, visto que será realizado o *workshop* e se espera que a estudante participe juntamente com a turma.

Avaliação:

Instrumento: Pesquisa bibliográfica e participação no *workshop*.

Critério: Nesse encontro, os estudantes serão avaliados pela participação, comprometimento e seriedade durante o *workshop*. Também serão avaliados pela pesquisa realizada. Os critérios serão: pontualidade na entrega, ortografia e cumprimento das orientações do roteiro de pesquisa.

ANEXO A – REGISTROS DO *WORKSHOP*



Imagem 1: Registro do *workshop*



Imagem 2: Registros do *workshop*

3.9.6 Encontros 9 – 23 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 9 – 23 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 8h15

Responsável pela aula: Jordana Machado da Rosa

Tema: Recuperação da atividade de avaliação - resumo

Conteúdo:

- Reexibição do documentário *Versos da Ilha*.
- Reescrita do resumo sobre o documentário *Versos da ilha*.

Objetivos:

Objetivo geral:

Reescrever o gênero textual resumo, a fim de revisar o texto para, então, melhorá-lo.

Objetivos específicos:

- Reexibir o documentário *Versos da Ilha* para que os alunos relembrem as principais informações.
- Revisitar o texto produzido observando as indicações de possíveis melhorias da escrita indicadas pelas professoras/estagiárias.
- Reescrever o texto produzido adequando-a às normas da escrita formal da língua portuguesa.
- Compreender a importância da reescrita como estratégia de melhoria da primeira versão da produção textual.

Metodologia:

- Iniciar a aula devolvendo aos alunos o resumo corrigido com as indicações consideradas relevantes pelas professoras/estagiárias.
- Em seguida, recapitular o que é o gênero *resumo* a partir das observações das estagiárias nas atividades dos estudantes.
- Logo após, reexibir o documentário para que os alunos relembrem as principais informações expostas.
- Com a finalização da reexibição, a professora/estagiária distribuirá as folhas de recuperação para os alunos.
- O restante da aula será destinado à reelaboração do resumo.
- Ao final da aula, a professora recolherá as atividades dos alunos.

Avaliação:

Instrumento: Reescrita do resumo sobre o documentário *Versos da ilha*.

Crerios: Nesse encontro, os estudantes sero avaliados a partir da atividade de reescrita. Os crerios sero: adequao ao gnero, coeso e coerncia, ortografia e conteudo (aqui entrar o que eles falaro sobre os conhecimentos adquiridos sobre a cultura catarinense).

Aluna R. - Aluna portadora de sndrome de down e com alto nvel de deficincia intelectual:

Nessa aula, a Aluna R. ir colorir a imagem de uma menina rendeira, levando em considerao a personagem principal da cultura catarinense e do documentrio assistido por ela e pela turma, intitulado *Versos da ilha*.

ANEXO A – AMOSTRA DA REESCRITA DOS RESUMOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES COMO ATIVIDADE DE RECUPERAÇÃO

27/10/19

Nota final:
30
Parabéns!

Isabel ol.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

REESCRITA

Estagiárias: Isabel Aparocida Mafessolli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Christev Domingues e Maria Isabel de Bortoli Henri
Professor regente: _____
Estudante: _____

Proposta de atividade de recuperação: Nessa atividade, você poderá recuperar a nota de produção anterior. Para isso, considere as ponderações das professoras e preste muita atenção na hora de fazer as modificações necessárias. Você poderá elaborar novamente um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Resumo do Ilha*. Você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 sentenças.

O que é um resumo?
É a exposição de forma sintetizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu sentido. Utilize o processo de síntese para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Resumo do Ilha*.

Título: *Resumo do Ilha* ✓

*Nota: 30
Parabéns!*

está com 3 radicinhos

*littera a b
expõe do
parágrafo.*

*uma ideia
é melhor
que um
resumo.*

Na ilha de Santa Catarina, as mulheres eram muito respeitadas por homens, mas não de uma forma de companhia de homens.
Na maioria do tempo, passavam suas vidas e criavam a filhos sem interferência.
Existiam que os homens saíam para pescar, elas ficavam sendo contadas, alguns elas conquistavam sua própria independência ou até casavam.
Elas não tinham a muito respeito, com seu marido, se a mulher de ler as palavras certas, elas explicam com seu jeito, trabalho e com um pouco mais de experiência.
Elas também tinham liberdade que isso acontecia se tinham de um modo, ele sempre se firmava, só quando que ele demonstrava para seus pais, elas se tornaram suas mães.
Com isso, as mulheres explicavam ali, de tempo de agora e um parentesco, se tornava ele professor para algumas crianças com frequência.

Isabel,
Seu texto melhorou muito! Littera apenas falta de subter com a mesma!
Ho mais parabéns!

Imagem 1: Amostra I

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

Sequencia uma proposta em 100 dias que demonstra que
se houver um programa de renda - oração subordinada
adverbiais comparativa

Espero que os homens saiam - oração subordinada
adverbiais temporal

Critérios de avaliação:

50% da nota: Uso adequado das orações subordinadas adverbiais e classificação correta.

50% da nota: Capacidade de síntese; coerência; coesão e ortografia.

Imagem 2: Amostra I

Nota final:
9,5

Isabel R.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

REESCRITA

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessoli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Charley Dominguez e Maria Isabel de Bortoli Hentz
Professor presente:

Estudante:

Proposta de atividade de recuperação: Nessa atividade, você poderá recuperar a nota da produção anterior. Para isso, considere as ponderações das professoras e preste muita atenção na hora de fazer as modificações necessárias. Você poderá elaborar novamente um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Ferros da Ilha*. Você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 setenças.

O que é um resumo?

É a exposição de forma sistematizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu sentido. Utilize o processo de sumarização para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Ferros da Ilha*.

Título:

Rendizar da Ilha.

Além do documentário, que está sendo solicitado, escreva, que deve conter, a maioria, das lições. Urdida aporaz quatro distros "papa deo, volta deo" conforme as lições aprendidas, não só para os filhos, lindos, sendo um cuidado, com um no seu estilo, com delicadeza, em cada etapa. Suas ações, mais tardas, animadas, silenciosas, são, poucas, cuidas, da casa, no estudo, malitosa, e quando a tarde, serotina, e com "horas, surpresas", não que pudermos ainda, com a autorização, de, seus, pais. Muito, umem, anteriormente, para, os, tempos, ilustres, quando, mais, tardes, mais, produziam, sendo, com, vida, sua, a vida, manuseio, de, a, anti, mesa.

1
Sem tanta, tua, uma, melhora, significativa, lattes, apenas, um, principio, de, trabalho:
1. o! mais, parados!

Imagem 3: Amostra II

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

E-I e dependo de todas coisas -m com "base comparativa"
para que "podem ser usadas" (F. D. S.) e
as coisas separadamente: proposição e

Critérios de avaliação:

50% da nota: Uso adequado das orações subordinadas adverbiais e classificação correta.
50% da nota: Capacidade de síntese; conteúdo; coesão e coerência e ortografia.

Imagem 4: Amostra II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

REESCRITA

Nota: 6,0

Isabel M.

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Professor regente:
Estudante: _____

Proposta de atividade de recuperação: Nessa atividade, você poderá recuperar a nota da produção anterior. Para isso, considere as ponderações das professoras e preste muita atenção na hora de fazer as modificações necessárias. Você poderá elaborar novamente um resumo sobre o documentário assistido na aula anterior, intitulado *Versos da ilha*. Você deverá levar em consideração o conteúdo estudado previamente: orações subordinadas adverbiais. Durante a escrita do resumo, você deverá utilizar essas orações. Na segunda etapa da atividade, sublinhe e classifique essas sentenças. Atenção: Seu resumo deve conter, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 20 e você deve utilizar, pelo menos, 2 sentenças.

O que é um resumo?

É a exposição de forma sintetizada de algo que você leu ou assistiu, apresentando características básicas, com a finalidade de transmitir a ideia geral do seu sentido. Utilize o processo de sumarização para a sua produção. Nessa atividade, você deverá reunir informações acerca do que você assistiu no documentário *Versos da ilha*.

Título: Letten o título

Elas aprendiam a vender detalhe quando eram pequenas. As mães incentivavam para elas, e ligavam a fogueira com vários tipos de comidas por exemplo: Peixe, porco etc... Elas também mexiam com café e tinham várias plantações.

~~Tinha~~ a introdução, que as mulheres cantavam para acumular um momento, uma mulher que causava a impressão da outra, ela cantava pra outra que leu a nomeada dele.

reintença
infusa

Seu texto está mais organizado. Letten, me tente, um parágrafo de introdução e 1 um de conclusão de mais, parabéns!

Imagem 5: Amostra III

Destaque, no texto, as orações subordinadas adverbiais que você utilizou para fazer o resumo e classifique-as aqui de acordo com a ordem que aparecem no texto.

Quando ^{era =} ~~estava~~ temporal C

Quando era pequena = temporal

Logo depois uma sentença.

Crêterios de avalia o:

50% da nota: Uso adequado das ora es subordinadas adverbiais e classifica o correta.

50% da nota: Capacidade de síntese; conteúdo; coesão e coerência e ortografia.

Imagem 6: Amostra III

3.9.7 Encontro 24 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO DE 24 DE OUTUBRO DE 2019

No dia 24 de outubro de 2019, a turma do nono ano em que este estágio foi realizado teria aula faixa de Língua Portuguesa, das 7h30 às 9h. A estagiária responsável, Isabel Aparecida Mafessolli, faria a devolutiva das atividades de produção escrita, uma recuperação do workshop e, por fim, iria adentrar na Literatura Catarinense abordando o escritor Franklin Cascaes. Todavia, nesta data, a Instituição precisou aplicar a prova do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica. Por este motivo, as estagiárias não puderam dar aula e nem ficar na sala com os alunos. Tudo isso fez com que fosse necessário replanejar as aulas seguintes.

3.9.8 Encontro 10 – 29 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 10 – 29 DE OUTUBRO DE 2019

O encontro 10 foi conduzido pela professora/estagiária Isabel Aparecida Mafessoli. O conteúdo ministrado foi a retomada do *workshop*, a entrega das avaliações dos alunos e uma revisão gramatical. Todo esse conteúdo estava previsto para ser trabalhado no início da aula do dia 24 de outubro, que não aconteceu por conta da prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica. Em decorrência desse fato, as professoras/estagiárias e a orientadora decidiram ampliar a revisão de modo que ocupasse todo o tempo da aula do encontro 10. Como esse fato só aconteceu por conta das mudanças no planejamento do projeto em consequência da prova, não há plano de ensino para este encontro.

ANEXO A – POWERPOINT UTILIZADO COMO SUPORTE PARA A PARTE EXPOSITIVA DA AULA



Imagem 1: Slide 1



Imagem 2: Slide 2



Imagem 3: Slide 3



Imagem 4: Slide 4

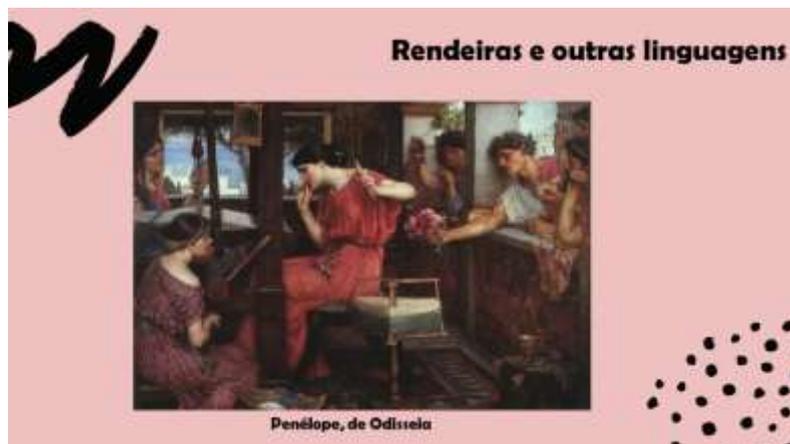


Imagem 5: Slide 5



Imagem 6: Slide 6



Imagem 7: Slide 7



Imagem 8: Slide 8



Imagem 9: Slide 9

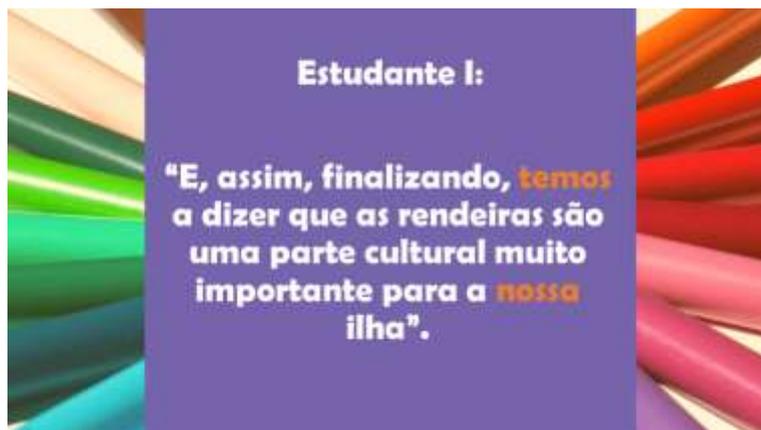


Imagem 10: Slide 10



Imagem 11: Slide 11



Imagem 12: Slide 12

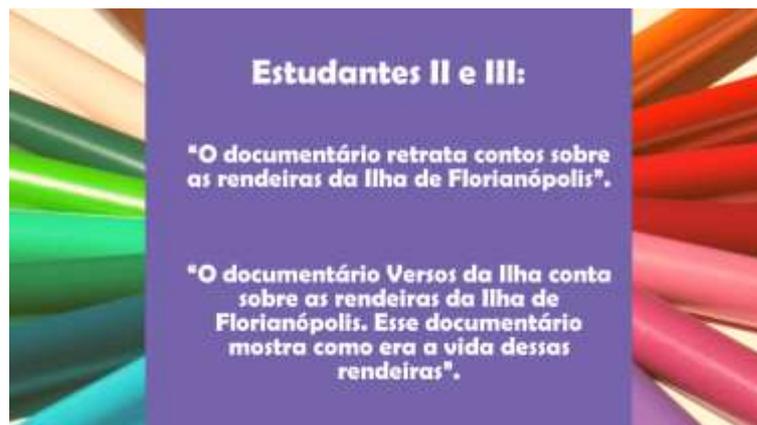


Imagem 13: Slide 13



Imagem 14: Slide 14

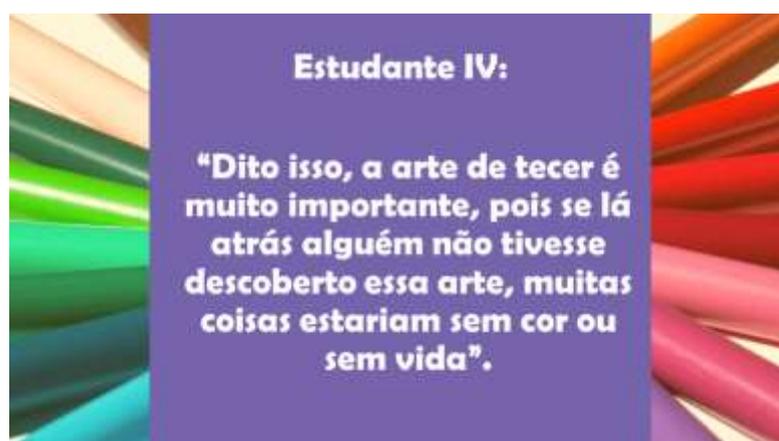


Imagem 15: Slide 15

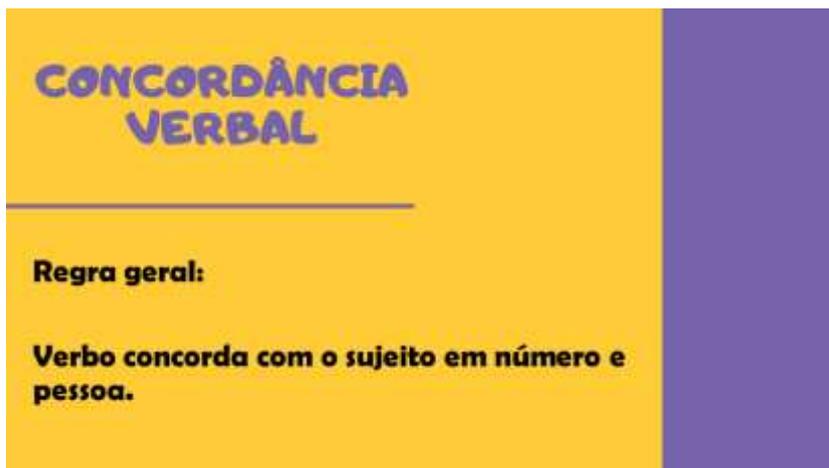


Imagem 16: Slide 16



Imagem 17: Slide 17

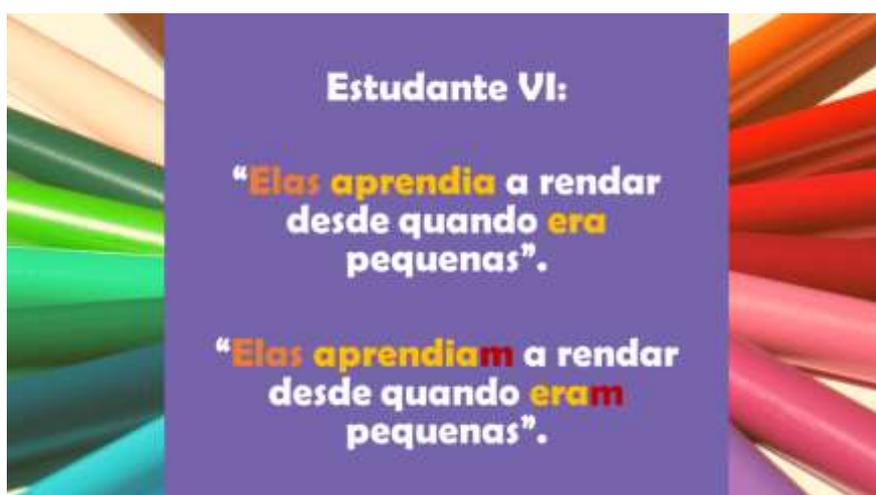


Imagem 18: Slide 18



Imagem 19: Slide 19

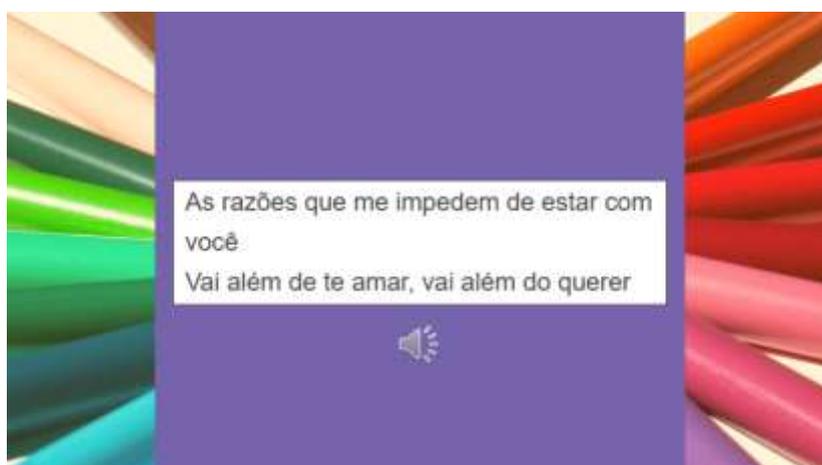


Imagem 20: Slide 20

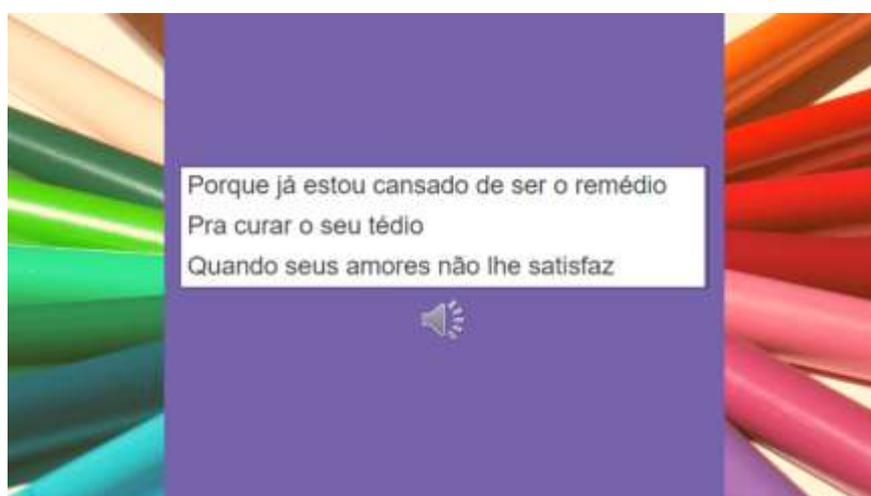


Imagem 21: Slide 21

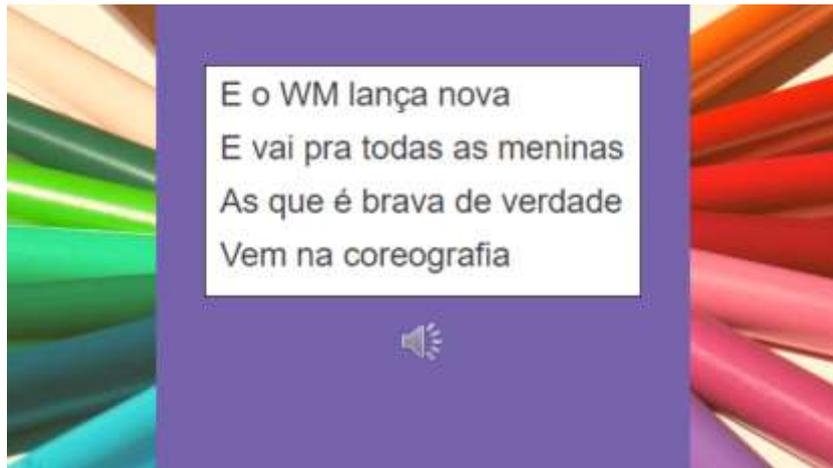


Imagem 22: Slide 22



Imagem 23: Slide 23

3.9.9. Encontros 11 e 12 – 30 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 11 e 12 – 30 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 9h

Responsável: Isabel Aparecida Mafessolli

Tema: Franklin Cascaes e variação linguística

Conteúdos:

- Biografia de Franklin Cascaes.
- Conceito de Variação Linguística.
- Variação Linguística em Florianópolis.
- Leitura de contos selecionados da obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes.
- Expressividade, entonação, fluência na leitura de contos de Franklin Cascaes.
- Roteiros de leitura de contos selecionados da obra *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes.

Objetivos:

Objetivos gerais:

Conhecer a vida e obra de Franklin Cascaes.

Refletir sobre o conceito de variação linguística e sua relevância para o entendimento das variantes de fala constantemente usadas em Florianópolis.

Realizar leitura literária de contos de Franklin Cascaes.

Objetivos específicos:

- Ampliar os conhecimentos sobre a importância de Franklin Cascaes para a cultura catarinense.
- Conhecer a obra de Franklin Cascaes.
- Praticar a expressividade, entonação, fluência na leitura oral do conto *Vassoura Bruxólica*, da obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes.
- Conhecer o conceito de variação linguística.
- Identificar as variações linguísticas existentes em Florianópolis.
- Aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise das especificidades que constituem o gênero do discurso como o conto.
- Produzir significado sobre os textos lidos a partir dos roteiros de leitura de contos de Franklin Cascaes.

- Identificar as variantes presentes nos contos de Franklin Cascaes.
- Desenvolver a habilidade de trabalhos em equipe.

Metodologia:

- A aula terá início com a professora/estagiária fazendo uma apresentação sobre as principais informações da vida e obra de Franklin Cascaes. Se possível, levará alguns desenhos feitos pelo autor e disponibilizados no museu da UFSC.
- Em seguida, a professora falará um pouco sobre Gelci José Coelho, conhecido como Peninha, que é o herdeiro da obra de *Franklin Cascaes*. Para isso, será exibido um vídeo do *Instagram* em que Peninha apresenta uma reza na praia de Coqueiros para um pequeno público. Esse vídeo será uma forma dos estudantes terem acesso também a cultura catarinense.
- Ao terminar essa introdução, a professora/estagiária irá destacar algumas das características da escrita de Franklin Cascaes, focalizando na linguagem utilizada pelo autor em sua obra e no fato dele utilizar histórias da Ilha de Santa Catarina como material de escrita. Para isso, a professora/estagiária fará a leitura do conto *Vassoura Bruxólica*, do livro *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Para a realização dessa leitura, cada estudante ganhará uma cópia do texto para poderem acompanhar. Após, será realizada uma breve conversa sobre aquilo que eles compreenderam do texto e sobre as crenças da Ilha.
- Logo em seguida, será destacado a linguagem utilizada no texto para que seja possível introduzir o conceito de variação linguística. A professora/estagiária irá perguntar aos os alunos se eles sabem o que é variação linguística. Depois da pergunta e das respostas, a professora começará a apresentação do conceito de variação linguística para os alunos, pensando o conceito de forma teórica. Aqui, será realizada uma breve discussão sobre linguagem formal e não formal e a importância de se respeitar a fala do outro, evitando que haja preconceito linguístico.
- Após, será exibido um vídeo que destaca as variantes existentes em Florianópolis. O vídeo selecionado para essa aula está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hAetohovv8c>>.
- A professora perguntará, então, se os alunos reconhecem essas variantes em seus cotidianos, ressaltando a importância de respeitar essa forma de expressão do português brasileiro, deixando claro que, por trás de toda mudança há um processo histórico.

Aqui, também será trabalhado com gírias populares de Florianópolis. Os estudantes receberão um arquivo contendo algumas das principais gírias da Ilha.

- Logo em seguida, serão organizados novamente nas suas equipes já divididas no segundo encontro desse projeto para realizarem o estudo de textos de Franklin Cascaes, focalizando no reconhecimento de variantes linguísticas.
- Organizados, cada equipe ganhará um texto selecionado de *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* e um roteiro de leitura. Os textos serão *xerox* do próprio livro. Os textos selecionados são os seguintes:
 - Equipe Boi de Mamão: Bruxas atacam pescador [1973]
 - Equipe Rendeiras: Bruxa rouba meio alqueire feito armadilha para apanhá-la [1949]
 - Equipe Bilro: Bruxa metamorfoseou o sapato do Sabiano [1954]
 - Equipe Franklin Cascaes: Bruxas metamorfoseadas em bois [1954]

- Equipe Pescador: A bruxa mamãe [1964]
 - Equipe Benzedadeiras: As bruxas e o noivo [1964]
 - Equipe Bruxas: Armadilhas para apanhar bruxas. Pais em vigília [1960]
-
- O restante da aula será destinado para a realização da leitura e recolhimento de variantes presentes no texto. Faltando 15 minutos para finalizar, a professora irá pedir para que os estudantes socializassem as variantes encontradas e anotarão no quadro, montando um grande banco de dados de variantes dessa obra. Esses dados serão utilizados para os estudantes compararem as variantes do passado com as atuais, quais continuam presentes, quais se modificaram, a fim de auxiliá-los a perceber que a língua está em constante mudança.
 - Ao final da aula, as professoras recolherão os roteiros que irão compor a nota final de participação dos estudantes.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Como a aula será sobre a vida e obra de Franklin Cascaes, a professora levará imagens das obras de Franklin Cascaes e bonecas de bruxas em vassouras para ela relacionar com a história que os colegas estão lendo. Também será realizada uma atividade de colorir as letras da palavra *bruxa*.

Avaliação:

Instrumento: Leitura guiada dos contos de Franklin Cascaes e participação.

Crerérios: Nesse encontro, os alunos serão avaliados pela sua participação, seriedade e comprometimento com as discussões após a realização da leitura literária e pela produção dos roteiros de leitura, através dos seguintes critérios: ortografia e coerência com as orientações propostas pelo roteiro.

ANEXO A - ROTEIROS DE LEITURA DE CONTOS DE FRANKLIN CASCAES
RESPONDIDOS PELOS ESTUDANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Professor regente:

Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Equipe: Boi de Mamão.

OK

ROTEIRO DE LEITURA

Título da obra: O fantástico na Ilha de Santa Catarina. ✓

Nome do autor(a): Franklin Cascaes ✓

Título do conto: Bruxa meta morfoseu o sapato do Sabiano ✓

Personagens: Sabiano, Migueli, Bernarino, Aquilina ✓

Espaço: Praia de Camasvieiras, atual Ponta das Canas. ✓

Relação entre o título e a história:

A relação é que a bruxa fica vendida pela Aquilina, ela tem mais de 100 anos e ela brinca, ela tem uma conchinha e ainda pegou o sapato de Sabiano para fazer como bruxa. ✓

O que você entendeu do conto:

A gente não pode julgar uma cultura que não conhecemos. ✓

Variantes linguísticas encontradas:

"bê-a-bê", "pra mo de", "trabaja", "magi mic", "mo de", "case", "qu'eu", "tôa discupçada", "eu cobrisse tudinho", "discupção", "mãe passiva", "mo de cozinha", "a comida", "manta", "pute", "adrepês", "pai o fio", "o sinha", "luga", "sem-aregenha", "sinha", "c'o demônio", "apa", "mulheres". ✓

Palavras que vocês têm dúvidas:

Ingato, adrepês, bê-a-bê. ✓

Imagem 1: Roteiro de leitura realizado pelos estudantes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Professor regente:

Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Equipe: _____

OK!

ROTEIRO DE LEITURA

Título da obra: Bruços atacam um período ✓

Nome do autor(a): Franklin Cascaes ✓

Título do conto: Bruços atacam um período ✓

Personagens: Duelinda um período, Dedela e os Bruços e os Fudeiros ✓

Espaço: Primeiro se passou em um sítio e depois na praia ✓

Relação entre o título e a história: O título resume a história em três palavras, a lenda ataca o período, quando ele vai à praia por conta de sua filha. ✓

O que você entendeu do conto: Entendi que havia um casal, Duelinda e Dedela que tinham uma filha de 10 meses, que estava muito doente e sobreviveram logo-lá. (talvez cominar essa resposta)

Variantes linguísticas encontradas:
fudeiros, rapado, ciaz
luma - brabo, bantaxador, jissimê
lyntas - luda, myie, anblê
limaghuê, limabca, peruca,
contaxador, igto, a diente
bluê, pidi, dlaty, anti
curupá, araxeta, preca
curá, xymedo,
centro pia,
morir, cum rancês,

Palavras que vocês têm dúvidas:
axotelo, xicelionano, Rabosta, Zulixon, Pi bdo, Catuto, Nativoço
lóbico ✓

Imagem 2: Roteiro de leitura realizado pelos estudantes

ANEXO B – CARTÕES COM PINTURAS DE FRANKLIN CASCAES MOSTRADOS AOS ALUNOS



Imagem 3: Cartões com pinturas de Franklin Cascaes

ANEXO C – REGISTRO DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA



Imagem 4: Parte expositiva da aula



Imagem 5: Leitura de *Vassoura Bruxólica*, de Franklin Cascaes

ANEXO D – POWERPOINT UTILIZADO COMO SUPORTE PARA A PARTE EXPOSITIVA DA AULA



GUARAPUVU

Tornou-se árvore símbolo de Florianópolis em 1992.

Floresce em Outubro, Novembro e Dezembro.

Pode chegar a 30 metros de altura.

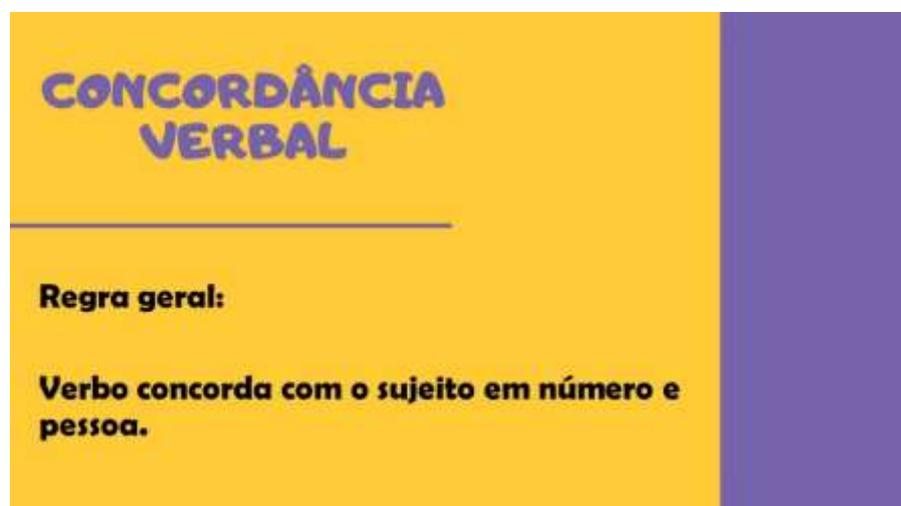
Outros nomes: Bacuruvu, Faveira, Garapuvu, Pau-de-vintém, Pataqueira, Pau-de-canoa, Paricá e Pau-de-tamanco.

Imagem 6: Slide 1



Canoa-de-um-pau-só feita de Guarapuvu.

Imagem 7: Slide 2



CONCORDÂNCIA VERBAL

Regra geral:

Verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Imagem 8: Slide 3

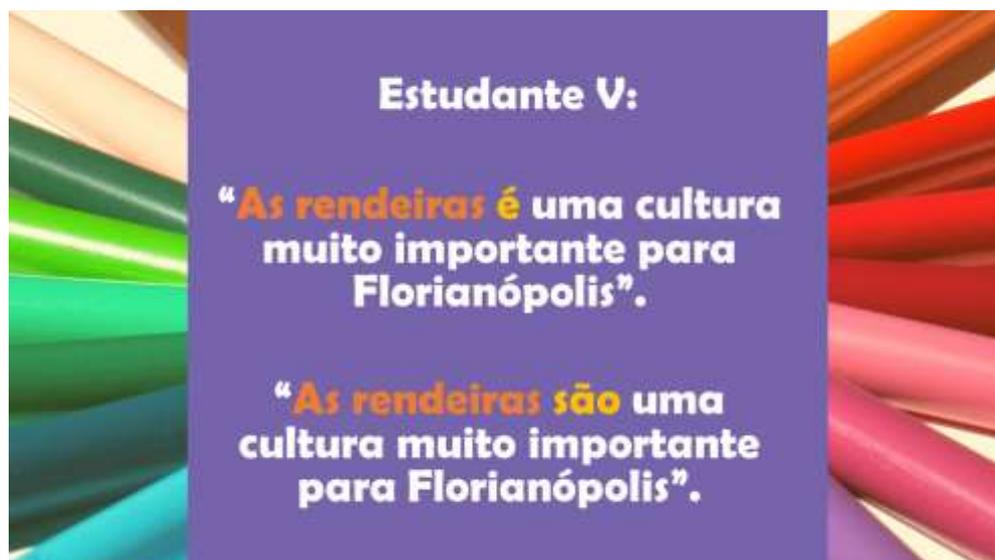


Imagem 9: Slide 4

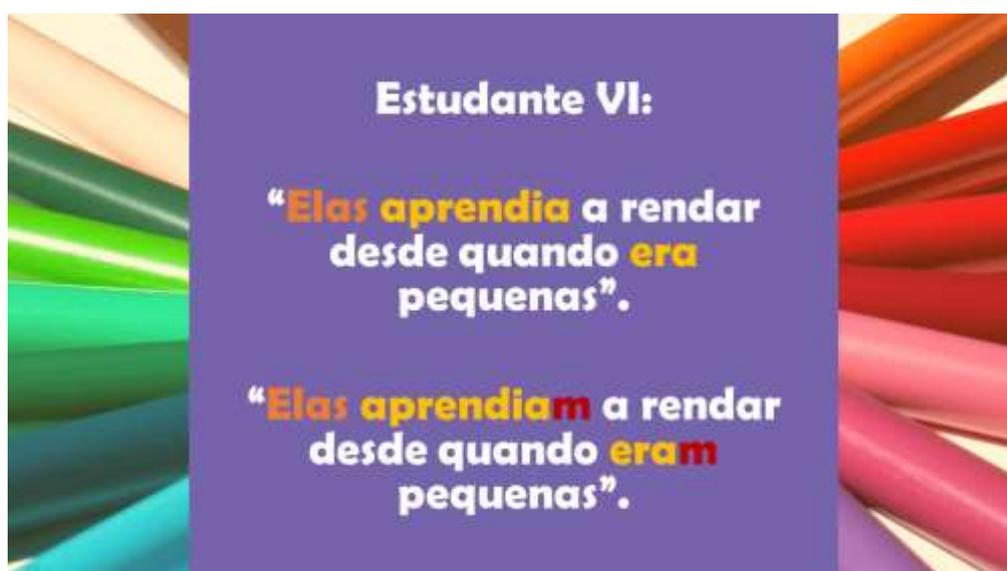


Imagem 10: Slide 5

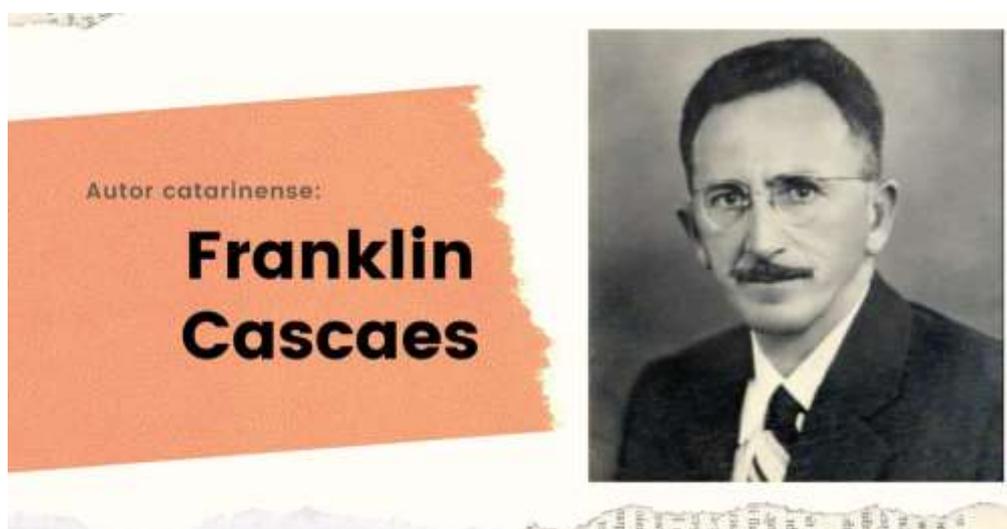


Imagem 11: Slide 6



Imagem 12: Slide 7



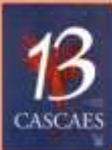
Franklin Cascaes
(16 de outubro de 1908 - 15 de março de 1983)

- Foi um pesquisador da cultura açoriana, folclorista, professor, ceramista, antropólogo, gravurista e escritor brasileiro.
- Dedicou sua vida ao estudo da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina e região, incluindo aspectos folclóricos, culturais, suas lendas e superstições.
- Seu trabalho somente passou a ser divulgado em 1974, quando tinha 66 anos.

Imagem 13: Slide 8



 1991: Minissérie "Ilha das Bruxas".
Direção: Paulo Figueiredo
Canal: Rede Manchete

 2008: Livro "Treze Cascaes".
Homenagem ao centenário de seu nascimento.
13 recriações de suas histórias.
Livro dedicado a resgatar a cultura açoriana da região da grande Florianópolis.

 2017: Arte urbana nas ruas do centro de Florianópolis.
Grafiteiro: Thiago Valdi.



Imagem 14: Slide 9



Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

Site:
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/>

 **Evento cultural:**

Espetáculo "BALANÇA, BRUXA!" foi exibido no último sábado, 26 de outubro, no Teatro Álvaro de Carvalho. Um espetáculo musical original, inédito e gratuito livremente inspirado nas obras de Franklin Cascaes.



Imagem 15: Slide 10



ATENÇÃO!

A peça foi apresentada gratuitamente no dia 26/10/2019, no Teatro Álvaro de Carvalho, em duas sessões: às 18h e 20h. O espetáculo estava acessível em LIBRAS e a disponibilização do ingresso aconteceu 1h antes de cada sessão.

Imagem 16: Slide 11

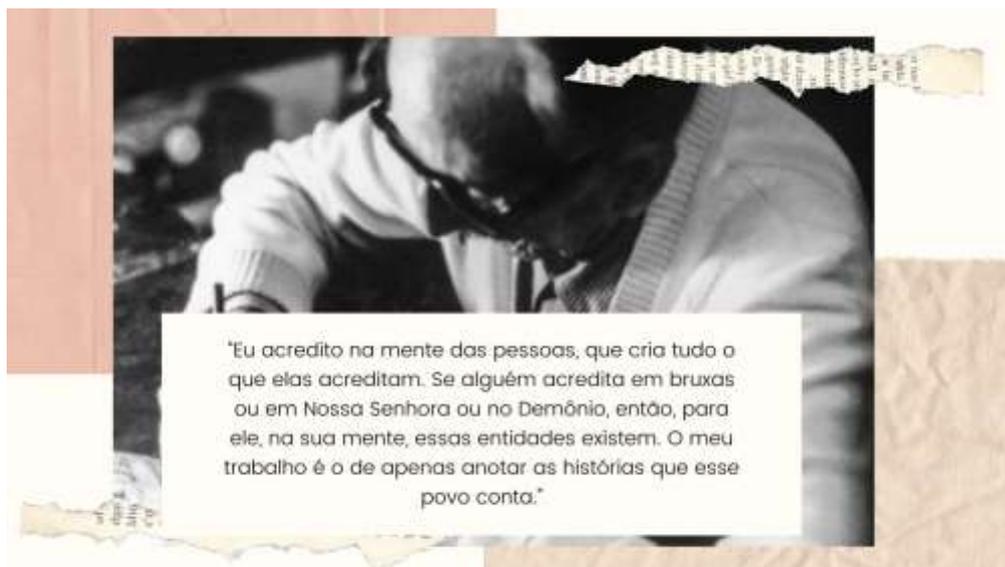


Imagem 17: Slide 12



Imagem 18: Slide 13



Imagem 19: Slide 14

LÚCIFER

É designada ao ex-anjo Lúcifer, a função de ser chefe das bruxas, que tem entre elas uma hierarquia retratada na obra.

Imagem 20: Slide 15

BENZEDEIRAS

São retratadas como agentes simbólicas benignas e cristãs que livram a comunidade das bruxas.



Imagem 21: Slide 16

Momento de leitura



Imagem 22: Slide 17

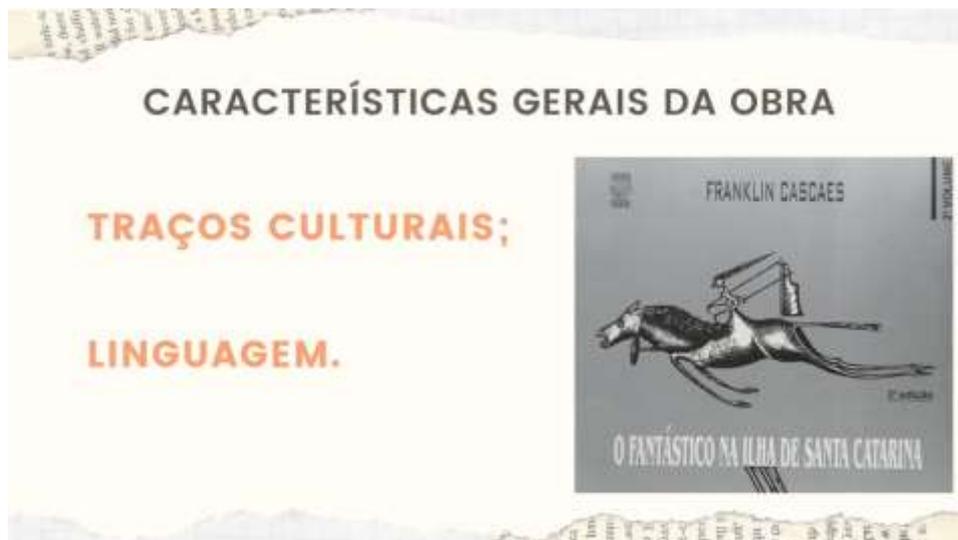


Imagem 23: Slide 18

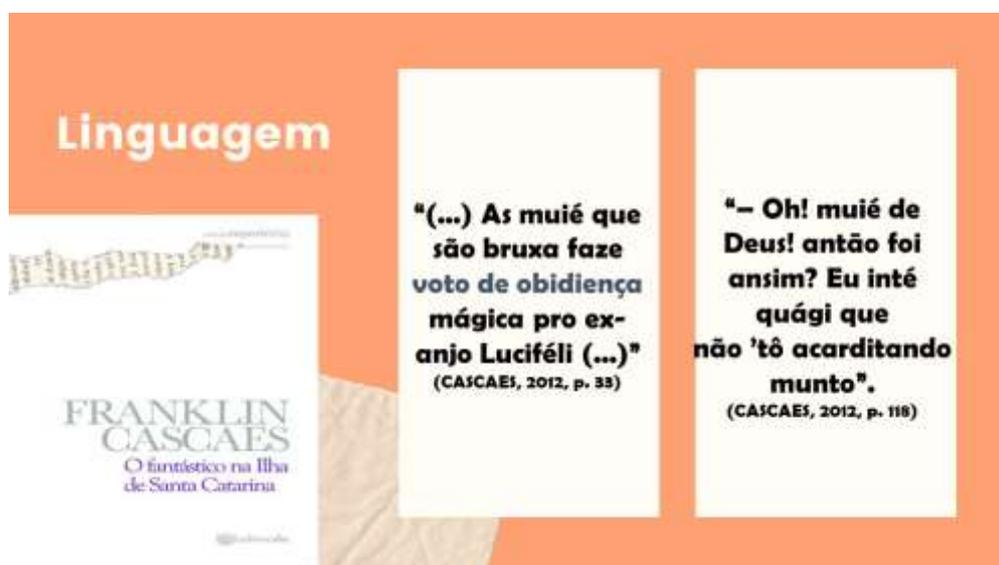


Imagem 24: Slide 19

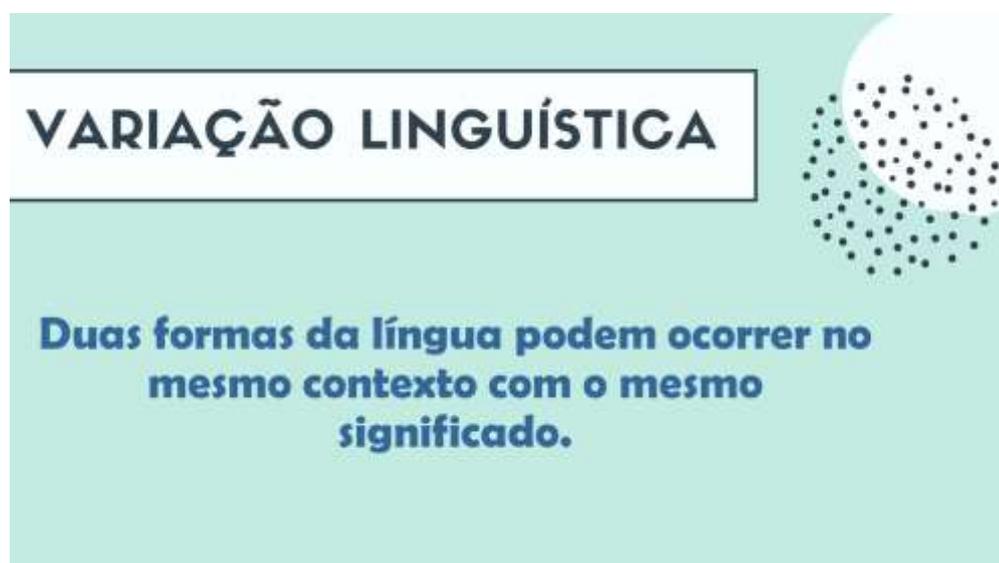


Imagem 25: Slide 20

Linguagem formal e informal



Imagem 26: Slide 21



Imagem 27: Slide 22

NOMES IMPORTANTES



Imagem 28: Slide 23

Assista!

Dezarranjo Ilhéu - O Manezinho

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=hAetohovv8c>



Imagem 29: Slide 24

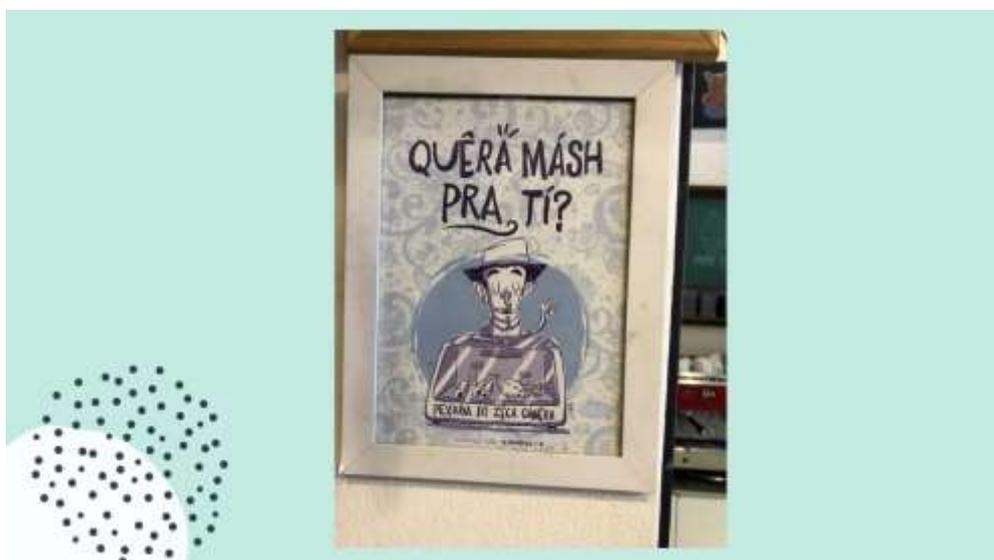


Imagem 30: Slide 25

ANEXO E – VASSOURA BRUXÓLICA, DE FRANKLIN CASCAES

Vassoura Bruxólica, de Franklin Cascaes

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187666>>

Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha dos famosos bois de mamão que, na Sexta-feira Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja para qual finalidade for. É também costume tradicional dos descendentes de colonos açorianos, na Sexta-feira Santa, a partir de zero hora, banharem-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para se purificarem e protegerem de todos os males do corpo físico e espiritual. As águas colhidas nessa hora servem para todo tipo de cura.

É a fé de tempos longínquos, aliada à superstição, ao medo e ao amor pela conservação do corpo físico, na cura dos males que atacam o homem, em franca vivência espiritual e física com o seu Deus.

As forças atuantes de práticas religiosas freiam os instintos animais do homem, encaminhando-o espiritualmente para viver com bons modos junto com Deus, com a cultura, na sociedade e consequentemente com o seu próximo.

Entretanto, sempre aparecem, nos meandros desses cenários fantásticos, e outros moderados, pessoas que se arrojam contra os poderes divinos, maltratando esses de sociedades freadoras, veículos insubstituíveis de abrandamento dos sofrimentos que martirizam e açoitam a criatura humana.

Um caso de desrespeito espiritual aconteceu há muitos anos passados, lá pras bandas do sul da Ilha de Santa Catarina.

A Maria Vivina, moradora da Praia dos Naufragados, fez uma aposta com a Carriça, de que, na Sexta-feira Santa daquele ano, ela tomaria uma vassoura e, com a mesma, varreria o quintal de sua casa e, certeza tinha, nada lhe aconteceria de extraordinário. Apostaram um par de tamancos contra uma botina. E firmaram a promessa da aposta, casando-a.

Na Sexta-feira Santa daquele ano, de manhã cedo, ela chamou a Carriça, apanhou uma vassoura e foi varrer o quintal “pra mo’de” mostrar a sua coragem contra o poder da fé guardada por seus ancestrais e também para cumprir a promessa da aposta. Quando a Vivina deu a primeira varredela, a vassoura soltou-se de suas mãos como um relâmpago, metamorfoseouse em bruxa, ganhou altura sobre o Morro do Ribeirão da Ilha e desapareceu, num repente, no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quiméria.

A Maria Vivina caiu de joelhos no terreiro, rezou, pediu perdão aos céus pelo ato impensado que havia cometido contra as ordens divinas e chorou copiosamente. A Carriça abraçou-se com ela e ambas choraram e sentiram o amargo do néctar da desobediência humana.

Nenhuma das duas era bruxa, porque a vassoura, que é um instrumento de montaria de bruxas, foi sozinha viajar pelo espaço sideral.

Oh! minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria, és a graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de cômoros errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxugada com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente teu corpo mitológico!

3.9.10 Encontro 13 – 31 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 13 – 31 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 7h30 – 8h15

Responsável: Jordana Machado da Rosa

Tema: Gênero *carta*.

Conteúdo:

- Sistematização do gênero *Carta*.
- Reconhecimento dos tipos de cartas.
- Leitura de cartas pessoais.

Objetivos:

Objetivo geral:

Reconhecer as características do gênero textual *carta*, desenvolvendo a habilidade de escrita deste gênero.

Objetivos específicos:

- Reconhecer as características do gênero textual *carta*.
- Identificar os variados tipos de carta.
- Ler cartas escritas por importantes figuras catarinenses, a fim de ter um panorama geral sobre cartas pessoais.
- Compreender a importância da carta pessoal.

Metodologia:

- Apresentar aos alunos o gênero textual *carta*, suas principais características e discutir com eles a evolução desse gênero.
- Apresentar essas características através de um slide, ilustrando as principais características do gênero textual *carta* de forma geral e com exemplos do cotidiano.
- Reconhecer os vários tipos de cartas existentes, principalmente a carta ao leitor, a carta aberta, a carta de reclamação e finalizar focalizando o estudo na carta pessoal.
- No estudo da carta pessoal, especificamente, levar cartas da Amostra Cruz e Sousa. Aqui, ressaltar que Cruz e Sousa é também um autor catarinense, aproveitando também para apresentar mais um importante escritor do Estado para os estudantes, ampliando assim o seu conhecimento sobre literatura catarinense. As cartas desse autor serão usadas na atividade de análise de cartas da aula seguinte.

As cartas da Amostra Harry Laus serão utilizadas para explicar aos alunos sobre características textuais das cartas, como o uso da pontuação e vocativos.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Para a aluna R, serão mostradas cartas diferentes impressas, além de envelopes. Também será explicado sobre o autor catarinense Cruz e Sousa e também sobre Harry Laus. Além disso, será explicado características do gênero *carta* com desenhos.

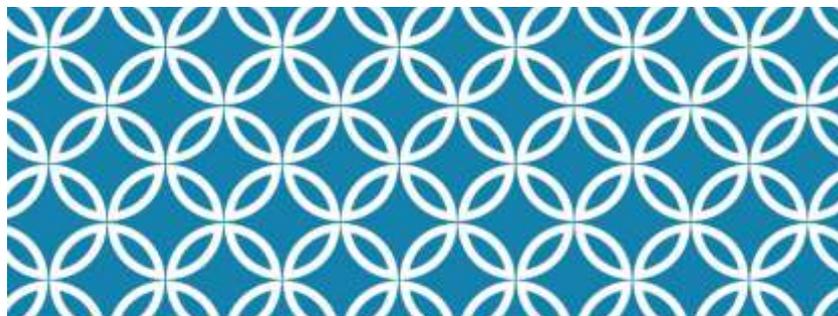
Avaliação:

Instrumento: Análise de textos

Critérios:

Nesse encontro, os estudantes serão avaliados pelo comprometimento, participação nas leituras e discussões feitas durante a aula.

ANEXO A – POWERPOINT UTILIZADO COMO SUPORTE PARA A PARTE EXPOSITIVA DA AULA



GÊNERO TEXTUAL: CARTA

Professora: Jordana
Machado da Rosa

Imagem 1: Slide 1

O GÊNERO E SUAS CARACTERÍSTICAS:

- A troca mais antiga e eficaz de comunicação.
- O corpo de uma carta permite vários tipos de comunicações: pedido, agradecimento, informação, cobrança, intimação, notícias familiares, conteúdos pessoais, prestação de contas, propaganda, entre outros.
- Funciona em campos comunicativos diversos, com diversas finalidades.
- Precisa de um locutor (aquele que escreve) e de um interlocutor (aquele que recebe).
- Hoje em dia, o gênero carta está próximo do que se conhece como e-mail.



Imagem 2: Slide 2

CARTA AO LEITOR

- Circula no contexto jornalístico, em revistas, jornais, etc.
- Está destinada a um público geral, sem um destinatário específico.
- O objetivo principal é o de informar conteúdos.
- Possui caráter informativo, de acordo com o ambiente em que circulam.



Imagem 3: Slide 3

EXEMPLO DE CARTA AO LEITOR

Carta ao Leitor

Uma lição dos jovens

Uma reportagem especial desta edição do VIEJA revela a existência de um fenômeno recente entre pais e filhos: a combinação de adolescentes e jovens brasileiros. Eles formam uma geração que critica a intolerância em seu nível já muito atingido em outros períodos da nossa história. É uma mudança positiva em especial para os jovens homossexuais, juntamente com aqueles que a aprovação dos pais é muito vital para o seu desenvolvimento emocional de que a da própria família.



Imagem 4: Slide 4

EXEMPLO DE CARTA AO LEITOR

rumo **CARTA AO LEITOR**

Dejato de seus amadurecidos conteúdos para o caso moderno, aquele que cultiva os valores essenciais, moda, cultura pop, viagens e também as atualidades, a Revista Rumo chegou ao fim de um ciclo.

A partir de agora, a Rumo se tornará parte da Kildare, integrando o blog da marca e passando a se chamar Blog Rumo. Seguiremos publicando conteúdos sobre o lifestyle de caras como você, mas agora com uma nova periodicidade e convidando todos os leitores por lá.

O começo de um novo ciclo é sempre sinal de renovação e espina dorsal a caminhada. E para você já ir mantendo a saúde, até o fim do mês disponibilizaremos os nossos conteúdos mais acessíveis e curtos, além de termos juntos mais de uma Copa do Mundo, Olimpíadas, eleições do Uruguai e da UE e diversos bons momentos ao longo desses anos.

Isso não é um adeus, e sim, um até logo. Nos vemos no Blog Rumo.

Imagem 5: Slide 5

EXEMPLO DE CARTA DE RECLAMAÇÃO

SOLICITAÇÃO DE PROVIDÊNCIAS AO SÍNDICO

A
Sr(a), (nome)
Síndico(a) do (nome do condomínio)

Prezado(a) Senhor(a),

(nome), na qualidade de proprietário do apartamento (ou da moradia) nº (informar), deste condomínio, vem à presença de Vossa Senhoria solicitar providências no sentido de coibir as infrações praticadas pelos proprietários do apartamento (ou moradia) nº (informar), que frequentemente (informe a irregularidade cometida pelo vizinho).

Dessa forma, solicito por meio desta a aplicação de advertência ou multa aos infratores, na forma do artigo (informar) do Regulamento Interno, visando que sejam cessadas as transgressões.

(...)

www.modelosimples.com.br

Imagem 6: Slide 6

EXEMPLO DE CARTA DE RECLAMAÇÃO

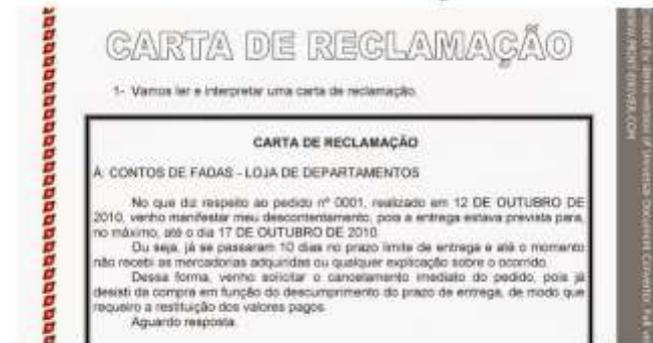


Imagem 6: Slide 6

CARTA DE RECLAMAÇÃO

- O remetente argumenta sobre algo que o destinatário pode resolver.
- Mantém um discurso argumentativo.
- Precisa informar, de forma clara, os problemas e as consequências, caso o conteúdo principal da carta não seja resolvido.
- O remetente precisa mostrar, em seu argumento, que possui razão.
- Sua finalidade: buscar soluções para uma problemática.
- A temática da carta pode variar, de acordo com o tipo de reclamação.



Imagem 7: Slide 7

CARTA PESSOAL

- É utilizada entre indivíduos que possuem uma relação próxima.
- A linguagem pode ser formal ou informal, de acordo com o destinatário.
- Deixa claro o remetente e o destinatário.
- É escrita em 1ª pessoa.
- Possui temática livre.
- Possui marca da personalidade (do remetente) na linguagem utilizada.
- Interlocução direta: fala diretamente com o destinatário, como em uma conversa.



Imagem 8: Slide 8

EXEMPLO DE CARTA PESSOAL: HARRY POTTER



Imagem 9: Slide 9

ESTRUTURA DE UMA CARTA PESSOAL

- **Local e data:** Sempre informados no início da carta.
- **Uso do vocativo:** O nome do destinatário aparece logo abaixo, ou algum tipo de expressão em forma de saudação.
- **P.S:** A pontuação do vocativo pode variar. Podem ser usados dois pontos, vírgula ou um ponto.
- **Corpo do texto:** Introduz, desenvolve e conclui um assunto.
- **Despedida:** O uso de saudações que deixam clara a intenção de despedida.
- **Assinatura:** O remetente assina, ao final da carta, seu nome.

Imagem 10: Slide 10

EXEMPLO DE CARTA PESSOAL: HARRY LAUS

- Nasceu em 11 de dezembro de 1922, em Tijucas.
- Foi autor de novelas, contos e um romance.
- Foi militar, crítico de arte e escritor.
- Morreu em 27 de maio de 1992, em Florianópolis.



Imagem 11: Slide 11

EXEMPLO DE CARTA PESSOAL: AMOSTRA HARRY LAUS

Florianópolis, 17 de janeiro de 1991.

Querida Claire:

Felicíssimo com o nascimento de teu neto Yannick John. Mil congratulações para ti, Alice e Ben. Deve ser maravilhoso a gente ver alguém nascer da gente. Espero conhecer o menino e os pais um dia, talvez em Bordeaux.

Infelizmente, a guerra! Que começou ontem. Aqui era noite. Espero que tudo acabe logo. Que outra coisa poderiam fazer com tanto armamento acumulado? Que pelo menos não seja ainda o fim do mundo.

Resolvi sair de Porto Belo, isto é, deixar aquela casa. Não dava mais. Não sei se sabes que foram construídas mais duas casas no terreno, tirando-me a paz e a paisagem. Ainda por cima, Ruth ofereceu um dos quartos de "minha" casa para um sobrinho morar. Comprei um terreno e uma casa pré-fabricada aqui na ilha, na praia da Campeche, a 19 Km do centro, quando PB fica a 65. Muito melhor, estou velho demais para essa viagem de ônibus e a terrível volta em ônibus lotado.

Tenho tomado notas para alguma coisa que poderia ser uma novela ou um romance, não tenho a menor idéia da extensão, mas, como sempre, imaginei um título provisório para organizar as idéias em torno dele: Estuário. Porque são vidas que desembocam num mesmo lugar. Talvez na casa nova eu possa trabalhar quando queira, pois há ônibus urbano para lá e o táxi não custa tão caro como para PB.

Mais uma vez, parabéns, alegria, a vida recomeça e continua. Salve! Harry

Imagem 12: Slide 12

CURIOSIDADE

Uso do P.S

Do latim, *post scriptum*, que significa escrito depois, normalmente traz uma informação que não foi adicionada ao corpo da carta, mas que é considerada importante.



Film: P.S. Eu te amo

Imagem 13: Slide 13

PROPOSTA DE ATIVIDADE: AMOSTRA CRUZ E SOUSA

- Nasceu em 24 de novembro de 1861, em Desterro.
- Era filho de escravos que foram alforriados.
- Suas obras deram início ao Simbolismo no Brasil.
- Morreu em 19 de março de 1898, em Antônio Carlos (Minas Gerais).



Imagem 14: Slide 14

3.9.11 Encontro 14 – 31 de outubro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 14 - 31 DE OUTUBRO DE 2019

Horário: 8h15 – 9h

Responsável: Jordana Machado da Rosa

Tema: Variação linguística: Análise de cartas

Conteúdos:

- Variação linguística.
- Biografia de Cruz e Sousa.
- Amostra de cartas de Cruz e Sousa.
- Variantes presentes em cartas pessoais.
- Cartas pessoais.
- Características do gênero textual *carta*.

Objetivos:

Objetivo geral:

Reconhecer a importância dos processos de variação linguística da Língua Portuguesa, compreendendo como eles ocorrem e a sua importância cultural.

Aproximar-se do gênero textual *carta*, especialmente de cartas pessoais.

Objetivos específicos:

- Analisar cartas de uma amostra do século XIX.
- Selecionar variantes encontradas nessas cartas.
- Reconhecer o conceito de variação linguística apresentado na aula anterior.
- Reconhecer características do gênero carta existentes nas amostras.
- Valorizar as mudanças e processos da língua portuguesa através dos séculos.
- Identificar características do gênero *carta*.

Metodologia:

- Iniciar a aula recapitulando o conceito de variação linguística apresentado pela professora/estagiária na aula anterior e o quadro de dados elaborado com as variantes encontradas pelos estudantes na obra de Franklin Cascaes.
- Após isso e tiradas as dúvidas, dividir a turma nas equipes organizadas previamente em outras atividades.

- Distribuir duas cartas da *Amostra Cruz e Sousa* para cada equipe e explicar que eles devem selecionar as variantes que encontrarem dando continuidade ao trabalho iniciado na aula anterior. Também devem anotar palavras que não reconhecem ou que, nos dias de hoje, falam de outra forma.

- Como a aula sobre o gênero textual carta já terá acontecido, será solicitado, também, que os alunos devem selecionar trechos que correspondem à características do gênero carta.

Essa atividade auxiliará os estudantes a melhor compreenderem o conceito de variação linguística tão importante na cultura de um local, já que se relaciona diretamente à linguagem e também aproximará os estudantes do gênero textual desse projeto: cartas.

Importante: Os estudantes receberão uma folha padrão para a realização da atividade.

- Durante a análise, as professoras/estagiárias estarão dispostas a tirar dúvidas e se mostrarão prestativas com os grupos e as discussões que irão surgir.

- Destinar os últimos 15 minutos da aula para a socialização dos resultados encontrados. Aqui, cada equipe deverá falar um pouco sobre o que encontrou.

Além de instigar os alunos a falarem das variantes, pedir para que falem sobre as características do gênero carta que eles reconheceram.

- Ao final da aula, organizar a sala para que esteja com as carteiras em fila para o outro professor e recolher as folhas das atividades elaboradas pelos alunos, deixando claro que aquela nota será de participação.

Avaliação:

Instrumento: Atividade de análise de cartas da *Amostra Cruz e Sousa*.

Critérios:

Nessa aula, os alunos serão avaliados pela organização nas equipes, seriedade e participação nas análises das cartas.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Nessa aula, a Aluna R. ficará com a equipe na qual foi colocada e observará os processos de análise, considerando que assim estará reconhecendo os conteúdos das cartas do século XIX juntamente com os colegas. Estará presente e participará de todas as análises realizadas pela equipe.

ANEXO A – ANÁLISE DE CARTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
Professor regente: Alexandre Teixeira
Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Equipe: _____

ANÁLISE OK!

Carta: 2

Local e Data: rua Rui Barbosa, quinta-feira 17 de novembro

Remetente: Luiz e Soraia

Destinatário: Vivi ✓

Conteúdo: saúde ✓

Identifique palavras que estão escritas de modo diferente:
"Estremecido", "na me sae", "minha alma", "sepre", "praer", "Estremecimento",
"Delicadessa", "Sabbas", "pode", "vós", "contigo", "gocando", "leudo", "ca",
"abeugões" ✓

Identifique características do gênero carta que você encontrou nos textos da amostra analisada:

Localização

Local data

Destinatário

Sinalização (exemplo: 30/10/2012) ✓

Imagem 1: Análise 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Professor regente: Alexandre Teixeira
Professoras estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Equipe: 2 de matrão

ANÁLISE

OK!

Carta: 1

Local e Data: Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1892 (Quarta-feira) horas e minutos

Remetente: Jun. de Sousa

Destinatário: Quarta

Conteúdo: Personal

Identifique palavras que estão escritas de modo diferente:

Satisfeito; consolo; estrela; distinções;
quero; chegou; salvado; merecedora; inteligência; que;
posse; amabilidades; minha alma.

Identifique características do gênero carta que você encontrou nos textos da amostra analisada:

O começo; data; nome do remetente e do destinatário; o conteúdo da
carta; romântico; português; forma de falar e o final no
caso e PS.

Imagem 2: Análise 2

Equipe:

ANÁLISE

OK!

Carta: Carta de Cruz e Sousa para Gaita

Local e Data: casa Rui Barbosa / Rio de Janeiro 14/10/1892

Remetente: Cruz e Sousa

Destinatário: Gaita

Conteúdo:

Identifique palavras que estão escritas de modo diferente:

Escreva, Flôr, consolo, sofrimento, quem, posso, Hei, amabilidade,
creatum, merece, distinção, inteligência, es, merecedora, estrella,
chêque, sábado

Identifique características do gênero carta que você encontrou nos textos da amostra analisada:

O gênero da carta é pessoal e mostra as seguintes caracte-
rísticas: Comunicado breve, sua estrutura é composta
de local e data, vocativo, corpo e assinatura e a
linguagem é mais íntima.

Imagem 3: Análise 3

ANEXO B – ALUNOS ELABORANDO AS ATIVIDADES



Imagem 4



Imagem 5

ANEXO C – AMOSTRA CRUZ E SOUSA

Amostra Cruz e Sousa

Carta 1

Carta de Cruz e Sousa para Gavita

Localização: Casa Rui Barbosa

Tipo: Correspondência

Fonte: Casa Rui Barbosa e Nupill (<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>)

Rio de Janeiro, quarta-feira, 14 de Dezembro de 1892, 7 horas da noite.

Minha estremecida Vivi. A' hora em que te escrêvo tenho diante de mim o teu retrato, que trago sempre comigo, que é o meu melhor companheiro e amigo. Adorada do meu coração, não calculas a saudade que sinto de ti, como desejava agora estar ao pé de ti, na alegria e na felicidade da tua presença querida, flôr da minha vida, consôlo do meu coração. Desejo que tenhas passado bem esses dias e que só tenhas como soffrimento, como pesar o não nos vermos, o estares longe de mim, porque isso é o que mais me faz mais infeliz e triste. Sabes quanto eu te amo, quanto eu te quero do fundo do meu sangue sobre todas as mulheres do mundo. Fico sempre alegre, contente, cheio de orgulho, quando te pôsso dizer que sou e serei sempre teu, que hei de amar te até á morte, enchendo-te dos carinhos, das amabiidades, dos extremos, das distincções que só a ti eu quero dar, idolatrada Gavita , adorável creatura dos meus sonhos, dos meus cuidados e pensamentos. Só tu, és a Rainha do meu amor, só tu meréces os meus beijos e os meus abraços, a honra do meu o nome , a distincção da minha Intelligencia, os segredos da minh'alma. Só tu és merecedôra de que eu te ame muito, como te amo, muito, muito, muito, e cada vez mais, com mais firmeza, sempre fiél, sempre teu escravo bom e agradecido, fazendo de ti, minha estrella, a esposa santa, a adorada companheira dos meus dias. Vê lá que orgulho tu não deves ter! Adeus! Adeus! Estou morto para que chêgue sabbado e ter o prazer, maior de todos os prazeres, de estar contigo.

Aceita beijos e abraços do teu Cruz e Sousa.

Carta 2

Carta de Cruz e Sousa para Gavita

Localização: Casa Rui Barbosa

Tipo: Correspondência

Fonte: Casa Rui Barbosa e Nupill (<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>)

Quinta-feira, 17 de Novembro á 1 hora da tarde.

Minha doce e muito estremecida Vivi. Sinto as maiores saudades de ti, que és a alegria do meu coração, o consolo da minha vida. Desde a ultima noite que te deixei tenho me lembrado sempre de ti e o teu nome adoravel não me sae da boca a toda a hora: Estimo de toda a minh'alma que estejas passando bem de saude. Eu vou bom, apenas com a tristeza de não

estar sempre ao teu lado, junto de ti, que és hoje para mim no mundo o maior prazer a maior satisfação. Sou teu como tu és minha, sem me importar com ninguém. Só me lembro que tu vives e que eu te quero estremosamente, com toda a delicadeza e carinho do meu amor. Tu é que me fazes feliz, orgulhoso, rei do mundo, porque as tuas qualidades, a tua bondade, o teu sorriso, os teus olhos me fazem o homem mais contente, mais alegre do mundo, minha pomba querida, luz da minha vida inteira Noiva adorada e santa!

Como sempre, estou ansioso que chegue sábado, morrendo de saudades por ti, flôr da minh'alma, que tanta coragem me dás para vida e tanta esperança. O teu bom coração póde descansar em mim, porque eu sou teu como se já fosse casado, vivendo na mesma casa contigo, gosando os teus carinhos! Ah! Gavita! o céu te abençõe, Deus te proteja e te acompanhe sempre para que tu saibas ver o amor eterno que eu te tenho e que está firme no meu coração. Adeus! Recebe o meu sangue, as minhas lágrimas os meus beijos, os meus abraços,

Teu - Cruz e Sousa.

Carta 3

Carta de Cruz e Sousa para Gavita

Localização: Casa Rui Barbosa

Tipo: Correspondência

Fonte: Casa Rui Barbosa e Nupill (<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>)

Rio, 31, Março de 1892.

Minha adorada Gavita.

Estou cheio de saudades por ti. Não podes imaginar, filhinha do meu coração, como acho grandes as horas, os dias, a semana toda. O sábado, esse sábado que eu tanto amo, como custa tanto a vir! Ah! como se demora o sábado! E tu, minha boa flôr da minh'alma, que és o meu cuidado, a minha felicidade, o meu orgulho, a minha vida, não sabes como eu penso em ti, como eu te quero bem e te desejo felis. Tu, Gavita, não me conheces ainda bem, não sabes que amor eterno eu tenho no coração por ti, como eu adoro os teus olhos que me dão alegria, as tuas graças de mulher nova, de moça carinhosa e amiga de sua boa mãe. Quanto mais te vejo mais te desejo ver, olhar muito, reparar bem no teu rosto, nos teus modos, nos teus movimentos, nas tuas palavras, nos teus olhos, e na tua voz, para sentir bem se tú és firme, fiél, se me tens verdadeira estima, verdadeira amizade bem do fundo do teu coração virgem, bem do fundo do teu sangue. Por minha parte sempre te quereirei muito bem e nada haverá no mundo que me separe de ti, minha filhinha adorada. Se o juramento que me fizeste dentro da igreja é sagrado e se pensas n'ele com amor, eu creio em ti para sempre, em ti que és hoje a maior alegria da minha vida, a única felicidade que me consola e que me abre os braços com carinho. Estar junto de ti, eu, que nunca dei o meu coração assim a ninguém, tão apaixonadamente, como te dei a ti, é para mim ser muito felis. Quando estou ao teu lado, Gavita, esqueço-me de tudo, das ingratidões, das maldades, e só sinto que os teus olhos me fazem morrer de prazer. Adeus! Aceita um beijo muito grande na bocca e vem que eu espero por ti no sábado, como um louco.

Teu - Cruz

3.9.12 Encontro 15 – 05 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 15 – 05 DE NOVEMBRO DE 2019

Horário: 10h50 – 11h35

Responsável: Jordana Machado da Rosa

Tema: Produção escrita

Conteúdos:

- Produção escrita de uma *carta*.
- Cultura catarinense.

Objetivos:

Objetivo geral:

Demonstrar os conhecimentos adquiridos ao longo deste projeto de docência através da escrita de uma carta.

Objetivos específicos:

- Exercer o protagonismo.
- Produzir uma carta pessoal reconhecendo a função social do gênero bem como sua forma de composição.
- Demonstrar conhecimentos adquiridos sobre cultura catarinense.

Metodologia

- Iniciar a aula informando aos estudantes que eles deverão escrever uma carta pessoal contando sobre o período de docência e explicando o que eles aprenderam sobre a cultura catarinense, em especial sobre Franklin Cascaes e sobre as rendeiras. As cartas produzidas pelos alunos serão entregues a algumas rendeiras, essas que fazem seu trabalho no centro da cidade e na Av. das Rendeiras, na Lagoa da Conceição.
- Entregar a cada aluno uma folha de carta, juntamente com um roteiro contendo as orientações. Eles terão essa aula para fazer a primeira versão da carta.
- Quando for 11h30, recolher as produções escritas dos alunos e informá-los que na próxima aula será realizada uma atividade de reescrita que valerá como nota de recuperação.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Como a aluna R. ainda não é letrada e alfabetizada, nesta aula ela deverá colorir um desenho de uma rendeira para que possa ser entregue juntamente com a carta dos colegas.

Avaliação:

Instrumento: Cartas

Crerios:

Nesse encontro, os estudantes serãO avaliados pela produçãO textual escrita, através dos seguintes critérios: adequaçãO ao gênero, coesãO e coerência, ortografia e conteúdo (aqui entra o que eles falarãO sobre os conhecimentos adquiridos sobre a cultura catarinense).

ANEXO A – CARTAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

Florianópolis, 05 de novembro de 2019, terça-feira.
 Aluna: ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ 
 Vesteiro ^{em nome queridos no final apenas}

Assistimos o documentário das rendas da Ilha e particularmente eu amei, não sou natural da Ilha e por isso sei pouco sobre essa cultura nova, aliás, sou natural de Paris.

Como tal, sei poucas coisas sobre a cultura daqui e esse é o primeiro ano que realmente aprendi algo voltado as rendas e achei lindo, pois apesar de ser nova, eu gosto muito de rendas... Mas apesar de gostar, não fazia ideia da como eram feitas, de quanto amor era distribuído nesse trabalho de rendar.

Queridas rendadeiras, muito obrigada por essa cultura linda que vocês conseguiram aqui nessa ilha, obrigada pelas histórias, canções e artes lindas que vocês construíram com tanto amor e carinho. Espero que outras gerações possam conhecer essa arte também de alguma forma e se encantarem como nós.

Com muito carinho, de Thalita! (para todas rendadeiras e mulheres incríveis da nossa Ilha) obrigada pela oportunidade!

é por sua parte do trabalho

Dando a sua carta! É importante que você não esqueça de escrever a frase um parágrafo introdutório, explicando sobre o projeto. Após, você dá continuidade a carta com o conteúdo já apresentado no vídeo, parabéns!

Imagem 1: Carta 1

Florianópolis, 05 de novembro de 2019

Queridas rendeiras,

Estou muito feliz em ter aprendido um pouco mais da cultura Catarinense, e ver como é bonita a arte da renda.

Nestas últimas semanas, uma das coisas que aprendi, foi sobre vocês. Vi um documentário sobre como era a vida de uma rendeira, como vocês começaram a aprender a fazer renda, bem pequenas, que vocês se reuniam em suas tardes para fazer renda e cantar cantigas de ratoeira e como é uma tradição antiga, vinda lá de Portugal.

Por isso, fico muito feliz por vocês terem continuado uma tradição tão bonita e terem me motivado a aprender mais sobre as tradições em nossa ilha.

Com carinho,

Que linda coisa! Logo as tradições que restaram e são tão lindas por isso! *

Imagem 2: Carta 2

Não precisa de caligrafia apenas local e data.

02/10/19

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO - IEE / FORTALEZA (SE) 11.05 AM

PARA AS MENINAS DE FORTALEZA! 
Lectio: "Lectio per unam" - "lecionar aprendendo";

EU E MINHA TURMA ASSISTIMOS UM DOCUMENTÁRIO EM SALA DE
MÚSICA, NO QUAL APRESENTAVA UM TEMA MUITO INTERESSANTE SOBRE AS
LINGUAGENS MENINAS DE FORTALEZA. EU QUERIA DIZER PARA
VOCÊS, QUE TUDO QUE VOCÊS FAZEM, BEM-QUEM, CUSTUMAM, ETC, É UMA
PARTE QUE EU GOSTARIA QUE TIVESSE UM MELHOR CONHECIMENTO
DA GERAÇÃO DE JOVENS DE HOJE EM DIA. ^{a geração de jovens hoje em dia é diferente, tem muito conhecimento/comportamento}
APRENDI COM VOCÊS QUE APRENDER É UM PROCESSO/COMPROMISSO
MUITO DIVERSIFICADO, TAMBÉM DE SE FAZER E LEMBRAR DE SE VER,
QUANDO VAIÁ PRÓXIMO O TAPALMO DE HOJE.

para ficar mais
claro

EM UMA OUTRA OPORTUNIDADE, UMA BORGUESA CHAMADA SUSAN
PARCET, VEU POR EXISTIR UM PAÍZ MUITO GRANDE COMO LEMBRAR
ANTE CIA PAÍZ QUE COMEÇOU DESDE PEQUENINHA E COTA PI HOJE HOJE
É OITAVO, MAS DEVE TER SIDO FÁCIL NA CRIANÇA, MAS DEPOIS QUE PERDEU
O SEU PAÍZ É MUITO DIFÍCIL VER ^{o mundo} aquela coisa GRANDE VIDA.

BOM, PARCET'S É OBRIGADO POR FAZERMOS QUE A PAÍZ DE TODA A
BORGUESA SEJA MUITO PRECIEZOSA HOJE EM DIA, E DE DA VIDA EM
MUITAS COISAS SEM LOR OU QUE EXPRESSE SENTIMENTO. ^{Saudades}

CONTINUEM COM O TAPALMO MARAVILHOSA DE VOCÊS, COM
MUITO CARINHO DE AMOR, COM VOS MEMÓRIAS DA NOSSA LEMBRANÇA! 

Saudades,
Aminatum

Que carta linda! Logo apenas as modificações indicadas!
Parabéns pela dedicação e comprometimento com a atividade!

Imagem 3: Carta 3

ANEXO B - ALUNOS PRODUZINDO AS CARTAS



Imagem 4



Imagem 5

3.9.13 Encontro 16 – 06 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 16 – 06 DE NOVEMBRO DE 2019.

Horário: 7h30 – 8h15

Responsável: Jordana Machado da Rosa

Tema: Reescrita das cartas

Conteúdos:

- Reescrita das cartas.
- Cultura catarinense.

Objetivos:

Objetivo geral:

Reescrever as cartas produzidas na aula anterior a partir das sugestões das professoras/estagiárias, como uma forma de revisitar o texto e adequá-lo às normas da escrita formal da língua portuguesa.

Objetivos específicos:

- Revisitar o texto produzido observando as indicações de inadequações da escrita indicadas pelas professoras/estagiárias.
- Reescrever o texto produzido adequando-a às normas da escrita formal da língua portuguesa.
- Compreender a importância da refacção como estratégia adequada para melhorar a produção anterior.

Metodologia:

- Iniciar a aula entregando aos estudantes as produções escritas corrigidas.
- Recapitular com os estudantes as principais características do gênero *carta* e explicar a eles os principais problemas encontrados, a fim de ajudá-los a reconhecer esses problemas e a melhorar a produção escrita.
- Logo após, entregar a eles uma folha para a reescrita. Os estudantes serão informados que essa versão da carta será a versão entregue as rendeiiras e que essa atividade contará como recuperação da nota. Para isso, orientá-los a caprichar na produção escrita. Entregar, junto, um envelope para que os estudantes possam colocar as cartas dentro e assinar.
- Finalizar a aula recolhendo as produções dos estudantes.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

A recuperação da aluna R. deverá ser elaborada pela professora auxiliar, visto que a avaliação final é realizada apenas pela professora.

Avaliação:

Instrumento: Reescrita da carta pessoal

Crerios: Nesse encontro, os estudantes serão avaliados a partir da atividade de reescrita. Os critérios serão: adequação ao gênero, coesão e coerência, ortografia e conteúdo (aqui entra o que eles falarão sobre os conhecimentos adquiridos sobre a cultura catarinense).

ANEXO A - REESCRITA DAS CARTAS REALIZADAS PELOS ALUNOS

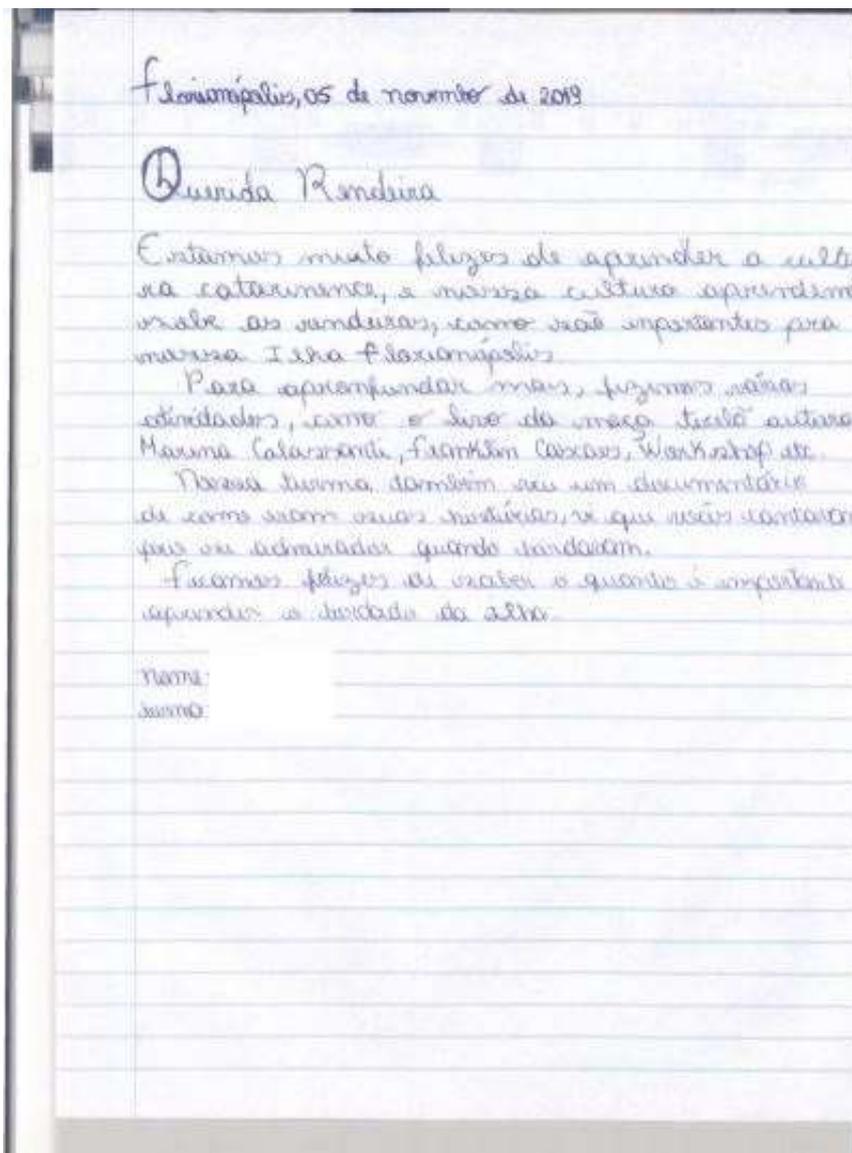


Imagem 1: Carta 1

Florianópolis, 05 de novembro de 2019

Queridos rendeiras,

Estou muito feliz por ter aprendido um pouco mais sobre a cultura Catarinense, e ver como é bonita a arte da renda.

Nestas últimas semanas, uma das coisas que aprendi, foi sobre vocês. Vi um documentário sobre como era a vida de uma rendeira, como vocês começaram a aprender a fazer renda, sem nenhuma, que vocês se reuniam em suas tardes para fazer renda e cantar canções de fofeira e como a renda é uma tradição antiga, vinda lá de Portugal.

Por isso, fico muito feliz por vocês terem continuado uma tradição tão bonita e recomendo me motivado a aprender mais sobre as tradições da nossa ilha.

Com carinho,



Floripa

Imagem 2: Carta 2

FLOMINÓPOLIS, 6 DE NOVEMBRO DE 2019.

Para nossas maravilhosas amigas de Flominópolis ♥

Eu e minha irmã assistimos um documentário em sala de aula, no qual abordava um tema muito interessante sobre as CRIANÇAS DAS FLORES DE FLOMINÓPOLIS. Eu queria dizer para vocês, que tudo que vocês fazem, fazem, costumam, etc, é uma mãe que eu gostaria que a criança de vocês fosse em dia vivendo um tempo semelhante.

Assim, com vocês que fazer é um momento / compromisso muito bonito, tempo de se fazer, e tempo de se ver, quando está pronto o momento ou a mãe.

Com uma bela atenção, uma bonequeira chamada Susan, Maria, veio nos ajudar um pouco mais sobre essa vida que ela vive, que começou desde pequena e está aí, não mais, é uma, não deve ser tão fácil no começo, mas depois que tem a vida é muito maravilhoso ver o boneco ganhando vida.

Com vocês é o desafio de fazerem que a mãe de vocês e vocês são mais reconhecida mais em dia, e por de vista em algumas coisas sem ser ou que sempre sempre.

Com muito carinho de:
Lina. ♥

, Para todas meninas da escola

Imagem 3: Carta 3

3.9.14 Encontros 17 e 18 – 07 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTROS 17 e 18 – 07 DE NOVEMBRO DE 2019

Horário: 7h30 - 9h

Responsáveis: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Tema: Carta

Conteúdos:

- Gênero carta
- Oralidade: Fala e escuta do outro.

Objetivos:

Objetivo geral:

Exercer o protagonismo através de um diálogo com a Professora Dra. Tânia Regina Ramos de Oliveira sobre o gênero textual carta.

Objetivos específicos:

- Dialogar com a professora doutora Tânia Regina Ramos de Oliveira sobre o gênero textual carta.
- Valorizar o gênero textual escolhido: carta.
- Reconhecer a importância da carta pessoal.
- Ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a carta pessoal, a fim de aproximá-los mais dessa tipologia para a realização posterior de uma produção escrita de carta pessoal.

Metodologia:

- Iniciar a aula informando aos estudantes que irão ter uma aula com uma convidada especial: a professora doutora Tânia Regina Ramos de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa apresentação, ressaltar a importância da presença da professora para que eles possam dialogar com uma pessoa que escreveu cartas pessoais, ampliando assim o conhecimento sobre essa prática e valorizando o gênero textual escolhido.
- Destacar aos estudantes que o diálogo com a professora, além de ser um diálogo entre gerações, já que a professora já é uma senhora idosa, também é um diálogo que os ajudará a reconhecer a importância histórica da carta pessoal como instrumento de comunicação.

- Feita essa introdução inicial, organizar os estudantes para irem ao Laboratório de Língua Portuguesa, local em que acontecerá o encontro.
- A aula ficará sob responsabilidade da professora Tânia, que levará cartas escritas por ela e por sua tia para mostrar aos alunos e também para dar o seu testemunho pessoal. As estagiárias irão mediar o encontro, bem como as perguntas dos estudantes para a professora. Durante o encontro, os estudantes que trouxeram cartas pessoais da sua casa poderão mostrar essas cartas para os colegas, bem como para a professora.
- Faltando 15 minutos para finalizar a aula, organizar a volta dos estudantes para a sala de aula.
- Na sala, finalizar a aula recapitulando as principais informações apresentadas pela professora Tânia e informando aos estudantes que na aula seguinte acontecerá a segunda produção escrita deles que contará como nota de avaliação.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Como esse encontro contará com a participação da professora doutora Tânia Regina Ramos de Oliveira, não será realizada adaptação de atividades para a aluna, que deverá participar dos diálogos juntamente com os colegas.

Avaliação:

Instrumento: Participação

Crterios: Nesse encontro, os estudantes serão avaliados pela seriedade e comprometimento apresentados durante a fala da professora Tânia Regina Ramos de Oliveira.

ANEXO A - CONVERSA COM A PROFESSORA DOUTORA TÂNIA RAMOS



Imagem 1: Professoras estagiárias, a convidada Professora Dra. Tânia Ramos e a orientadora Professora Dra. Maria Izabel Hentz



Imagem 2: Conversa com a Professora Dra. Tânia Ramos



Imagem 3: Conversa com a Professora Dra. Tânia Ramos



Imagem 4: Conversa com a Professora Dra. Tânia Ramos

3.9.15 Encontros 19 e 20 – 12 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Ano: Nono ano

ENCONTROS 19 E 20 - 12 DE NOVEMBRO DE 2019

Horário: 10h - 11h35

Responsáveis: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Tema: Visita à exposição “Bordando Florianópolis”.

Conteúdos:

- Cultura catarinense em geral.

Objetivos:

Objetivo geral:

Revisitar aspectos da cultura catarinense através da observação e análise de bordados na exposição.

Objetivos específicos:

- Lembrar características importantes da cultura catarinense, tais como a presença de personagens culturais importantes, a exemplo rendeiras e boi de mamão.
- Conhecer o BRDE, importante espaço de atividade cultural da cidade de Florianópolis.
- Ampliar o conhecimento sobre cultura catarinense, focalizando a cidade de Florianópolis, através do bordado.

Metodologia:

- Iniciar a aula organizando a turma para a saída de campo.

Primeiramente, verificar quais estudantes foram autorizados pelos pais a irem ao BRDE. Depois disso, informar aos alunos que não foram autorizados de que deverão ficar na sala, juntamente com um professor(a) de plantão, realizando uma atividade de roteiro de leitura das crônicas de Marina Colasanti. As crônicas foram retiradas do site pessoal da autora.

- Distribuir as atividades para os alunos que ficarão na sala e aguardar a chegada do professor de plantão.

Com as atividades divididas e o professor de plantão em sala, organizar a turma para a saída.

- Primeiramente, informar que os estudantes deverão ficar em grupos, para que seja mais fácil a locomoção caminhando juntos.
- Também serão dadas algumas informações sobre a exposição para que os alunos saibam o que estarão indo observar.
- Informar também que a bordadeira, Susan Mariot, nos acompanhará na visita e nos encontrará na saída do EDA, assim como a professora da UFSC Chirley Domingues.
- Dadas as informações, sair da sala em direção ao EDA, saída mais próxima do BRDE, ao encontro da bordadeira Susan Mariot.

A turma, juntamente com as professoras estagiárias, a orientadora e o professor regente, irão caminhar até o BRDE para observar a exposição.

- Chegando ao local, a bordadeira Susan Mariot fará uma visita guiada para que os alunos possam entender todo o contexto da exposição.

Ao terminar, agradecer a disponibilidade da bordadeira Susan Mariot e organizar os alunos para o retorno ao IEE.

- Retornando ao IEE, fazer uma breve conversa sobre a exposição, caso haja tempo.
- Antes do sinal bater, informar aos estudantes que, para a aula seguinte, eles deverão trazer o seu endereço completo, principalmente o CEP para a realização de uma atividade.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Nessa aula, se possível, a aluna R. acompanhará a turma na exposição, junto com a professora auxiliar da mesma.

Avaliação:

Instrumento: Visita à exposição “Bordando Florianópolis”.

Crítérios: Nessa aula, os alunos serão avaliados pelo comprometimento com a atividade proposta. bom comportamento durante a caminhada até o local da exposição e seriedade com o que estará sendo observado.

ANEXO A - VISITA À EXPOSIÇÃO “BORDANDO FLORIANÓPOLIS”



Imagem 1: Obra



Imagem 2: Alunos observando a exposição



Imagens 3 e 4: Obras



Imagem 5: Obra



Imagem 6: Bordadeira Susan durante sua fala



Imagem 7: Alunos observando a exposição



Imagem 8: Alunos observando a exposição



Imagem 9: Alunos observando a exposição



Imagem 10: Alunos observando a exposição



Imagem 11: Susan Mariot

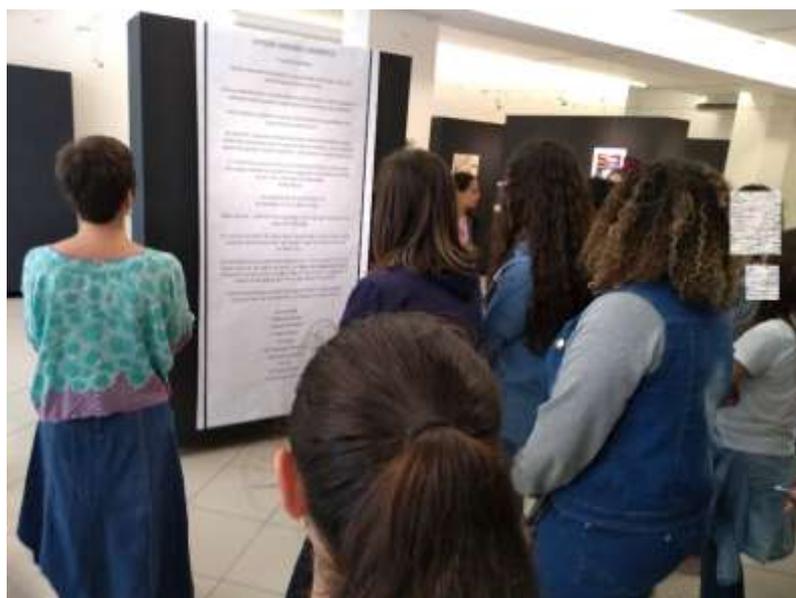


Imagem 12: A bordadeira Susan Mariot falando sobre a exposição.

3.9.16 Encontro 21 – 05 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTRO 21 – 07 DE NOVEMBRO DE 2019

Horário: 7h30 - 8h15

Responsáveis: Isabel Aparecida Mafessolli

Tema: Carta para o eu do futuro.

Conteúdos:

- Revisão geral dos conteúdos aprendidos ao longo do projeto de docência.
- Rendeiras.
- Literatura catarinense.
- Cartas.

Objetivos:

Objetivo geral:

Sistematizar o conhecimento aprendido ao longo do projeto de docência.

Objetivos específicos:

- Recapitular o conhecimento aprendido ao longo do projeto de docência.
- Sistematizar, por meio de um grande *mind map*, o conhecimento adquirido sobre cultura catarinense.
- Exercer o protagonismo através da produção escrita de uma carta que será enviada a eles próprios no ano seguinte.

Metodologia:

- Iniciar a aula informando aos estudantes que esse é penúltimo encontro do projeto e que nessa aula acontecerá uma recapitulação de tudo o que eles estudaram.
- Questionar aos alunos quais foram os conteúdos aprendidos, quais as novas informações e, enquanto eles forem falando, listar no quadro.
- Propor aos estudantes sistematizar o conhecimento em um grande *mind map*. Entregar a cada aluno uma folha A4 para que eles possam ir confeccionando os seus *mind maps* de acordo com as informações que forem sendo colocadas no quadro a partir da fala deles.
- Após, relembra o conto “A moça tecelã” e destacar o fato de que a personagem podia tecer o que quisesse. Com isso, pedir para os estudantes refletirem sobre esse dom, fazendo o seguinte

questionamento: “Se você tivesse o dom de tecer ou destecer algo da sua vida ou para a sua vida, o que você (des)teceria?”.

- Em seguida, entregar a cada um uma folha e pedir para eles escreverem uma carta para eles próprios a partir dessa reflexão. Lembrá-los da nova fase que iniciarão no ano seguinte e pedir para refletirem sobre esse poder de mudança que está em suas mãos através dessa carta.

- Entregar também um envelope de carta a cada estudante para que eles possam colocar o endereço da casa deles. No início do ano seguinte, essas cartas serão colocadas no correio para serem entregues aos estudantes. Todavia, a única coisa que eles saberão é que, em algum momento, receberão novamente essas cartas.

- Ao final da aula, pedir para cada aluno colocar a sua carta produzida nos envelopes e recolher.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Como a estudante não é letrada, nem alfabetizada, ela receberá uma folha para que possa fazer um desenho, juntamente com o envelope. Além disso, com o auxílio de uma das estagiárias, poderá falar o que espera e elas irão escrever para colocar junto no envelope.

Avaliação:

Instrumento: Carta pessoal

Crterios: Nesse encontro, os estudantes serão avaliados pela participação pertinente durante a sistematização, bem como pelo comprometimento com a atividade de escrita da carta pessoal destinada a eles próprios.

ANEXO A - ALUNOS ELABORANDO AS CARTAS PARA O “EU” DO FUTURO



Imagens 1 e 2: Escrita do eu do futuro



Imagem 3: Leitura de “A moça tecelã”



Imagem 4



Imagem 5: Alunos produzindo as cartas para o “eu” do futuro



Imagem 6: Alunos produzindo as cartas para o “eu” do futuro

3.9.17 Encontros 22 e 23 – 12 de Novembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Maria Izabel de Bortoli Hentz e Chirley Domingues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano

ENCONTROS 22 e 23 - 12 DE NOVEMBRO DE 2019

Horário: 7h30 - 9h

Responsável: Isabel Aparecida Mafessolli e Jordana Machado da Rosa

Tema: Finalização do projeto de estágio docência.

Conteúdos:

- Entrega das notas.
- Exibição do vídeo da entrega das cartas às rendeiras.
- Finalização do projeto de estágio docência.

Objetivos:

Objetivo geral:

Avaliar o desenvolvimento do projeto de docência durante as 19 aulas anteriores.

Objetivos específicos:

- Assistir ao vídeo da entrega das cartas às rendeiras evidenciando a relação que se estabeleceu com as figuras estudadas.
- Avaliar o projeto de docência desenvolvido até aquele momento.
- Expressar-se com clareza e fluência emitindo opiniões sobre o projeto de docência.

Metodologia:

- Iniciar a aula entregando a eles um documento individual contendo a avaliação de cada aluno durante o projeto de estágio docência e as notas finais.
- Em seguida, exibir um vídeo produzido pelas estagiárias do momento em que foram entregues as cartas as rendeiras.
- Organizar a turma, em círculos, para fazer uma avaliação de como foi o projeto de docência.
- Entregar a cada aluno uma carta de agradecimento que será confeccionada pelas estagiárias ao longo do projeto de docência. Pedir a um aluno para fazer a leitura.
- Finalizar o projeto com um *coffe break*.

Aluna R. - Aluna portadora de síndrome de down e com alto nível de deficiência intelectual:

Durante esse encontro, não será adaptada uma atividade para a aluna, visto que o tema principal da aula é a finalização do projeto.

Avaliação:

Instrumento: Participação

Critério: Nessa última aula, os alunos serão avaliados pela participação e comprometimento com a roda de conversa.

ANEXO A - FECHAMENTO DO ESTÁGIO DOCÊNCIA



Imagem 1: Gastronomia Catarinense



Imagem 2: Exibição do vídeo da entrega das cartas



Imagem 3: Leitura da carta escrita pelas estagiárias



Imagem 4: Cultura catarinense



Imagem 5



Imagem 6: Bilro



Imagem 7

ANEXO B – CARTA ESCRITA PARA OS ALUNOS

Florianópolis, 14 de novembro de 2019.

Queridos estudantes,

Chegamos ao final do nosso projeto de docência. Durante esse período, vivemos experiências que serão levadas por toda a nossa vida pessoal e profissional.

Para a vida pessoal, levaremos a felicidade de conhecer jovens como vocês, que com certeza possuem o poder de mudar o mundo e são pessoas incríveis, com um potencial gigante. Levaremos também os ensinamentos que adquirimos com cada um ao longo desse tempo juntos: acreditem, vocês nos ensinaram e muito!

Profissionalmente, levaremos a experiência da docência e do ensinar, essa que só foi possível acontecer graças à colaboração, dedicação e comprometimento de vocês, nossos alunos. Vocês foram os responsáveis por tudo que levaremos dessa etapa da nossa formação e ficarão para sempre guardados na nossa memória como a nossa primeira turma.

Aproveitamos para, antes de nos despedirmos oficialmente, aconselharmos vocês a aproveitarem cada segundo da vivência escolar, pois é um período que fará parte da memória afetiva de vocês por toda a vida e ajudará a tecer o futuro de vocês.

Acreditamos que nada é por acaso e sabemos que vocês foram nossos alunos por vários motivos muito especiais. Vocês, além de nos ensinarem muito, também nos tornaram professoras melhores e por isso dizemos: Obrigada!

Esperamos encontrar vocês futuramente, realizando seus sonhos e objetivos, lembrando sempre da importância de valorizar a cultura catarinense, aqui ou em qualquer lugar que vocês estiverem.

Desejamos um bom final de ano e um maravilhoso início de ensino médio. Que na vida de vocês sejam sempre tecidos acontecimentos maravilhosos e que tragam alegria para cada um!

Com muito carinho e gratidão,
Isabel e Jordana.

Imagem 8: Carta de despedida

4 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1 RELATO DAS AULAS

4.1.1 Encontro 1 - 09 de outubro de 2019

O primeiro encontro deste período de estágio de docência aconteceu no dia 09 de outubro de 2019, das 7h30 às 8h15 e teve como estagiária responsável a professora/estagiária Isabel Aparecida Mafessolli. O tempo desta primeira aula foi dedicado à apresentação do projeto de docência, dos alunos e a nossa própria apresentação.

Como esse seria o nosso primeiro contato com a turma, agora como professoras deles por um período, estávamos bastante ansiosas e nervosas. Chegamos à Instituição mais cedo e já deixamos todo o ambiente da sala de aula organizado para que, quando nossos alunos chegassem, já estivesse tudo pronto para iniciarmos as atividades planejadas para este dia.

Nós queríamos criar um clima mais agradável e queríamos quebrar um pouco com a ideia de hierarquia que existe em sala de aula. Por conta disso, deixamos todo o espaço organizado em um grande círculo. Assim, todos conseguiriam ver a todos e isso ajudaria também na parte de apresentação.

O sinal bateu e aos poucos os estudantes foram chegando à sala. Eles já nos conheciam do período de observação e mostraram empolgação em nos ver novamente. Percebemos que houve um estranhamento por parte deles ao se depararem com a sala reorganizada de maneira diferente. Alguns inclusive brincaram conosco falando: “Hoje não precisaremos seguir o espelho, professora?”. Sobre essas brincadeiras, é importante ressaltar que durante todo o período de observação notamos que os professores cobravam muito dos estudantes o sentar de acordo com o espelho.

Rapidamente todos estavam sentados, em silêncio e olhando para nós atentamente. Essa atitude nos surpreendeu positivamente, pois a turma é bastante agitada. Durante todo o momento de explicação, eles assim permaneceram.

A aula começou com uma fala da professora/orientadora Maria Izabel, que informou aos estudantes que durante cerca de um mês e meio as aulas de Língua Portuguesa estariam sob nossa responsabilidade e ressaltou a importância de cada estudante nesta etapa da nossa formação acadêmica.

Logo após, nós nos apresentamos, destacando o que esperávamos para este período com a turma e salientando o quanto estávamos animadas por esse período ao lado deles. Houve animação por parte deles, o que nos motivou muito.

Feita essa apresentação inicial, a professora/estagiária Isabel seguiu com a apresentação do projeto de docência. Como o gênero textual principal do nosso projeto é a carta, nós produzimos uma apresentando as atividades que desenvolveríamos com a turma ao longo do período de estágio. Entregamos uma carta a cada aluno e dedicamos um tempo da aula para que eles fizessem uma leitura silenciosa. Estávamos um pouco receosas em como a turma reagiria a essa leitura, mas, para a nossa surpresa, todos os estudantes leram a carta com muita atenção e comprometimento.

Após alguns minutos, a professora/estagiária Isabel pediu para que uma aluna lesse a carta em voz alta. Finalizada a leitura, a professora/estagiária responsável pela condução da aula questionou se alguém tinha alguma dúvida e se todos haviam entendido do que se tratava o projeto. Os alunos demonstraram ter entendido e, por conta disso, seguimos com as apresentações, agora dos estudantes.

Como o conteúdo ministrado pelo professor regente da turma durante a observação foi *orações subordinadas adverbiais* e como ele solicitou que revisássemos e avaliássemos os estudantes a partir também do entendimento desse conteúdo, elaboramos uma dinâmica de apresentação envolvendo as próprias orações subordinadas adverbiais.

Nessa perspectiva, cada estudante, ao receber a carta, recebeu também, dentro do envelope, uma conjunção específica de um tipo de oração subordinada adverbial. Assim, tiveram que elaborar uma sentença de apresentação fazendo uso da conjunção/tipo de oração que ganharam.

Alguns alunos demonstraram dificuldades em pensar sobre o que deveriam escrever e em entender o conteúdo. Durante todo o tempo destinado à elaboração das sentenças, nós os auxiliamos e respondemos às dúvidas que iam surgindo. Os estudantes utilizaram também o livro didático e as anotações que tinham no caderno como suporte de pesquisa.

Faltando cerca de 15 minutos para o fim da aula, demos início às apresentações. Cada estudante, primeiramente, precisava dizer o nome, a idade, qual conjunção havia pego e ler a sentença elaborada. Foi um momento muito divertido, pois surgiram informações pessoais que nem os próprios colegas sabiam uns dos outros. Alguns estudantes, ao lerem, falaram um pouco baixo, porém isso não comprometeu o andamento da atividade.

Consideramos que a atividade atingiu o objetivo, pois além de termos conseguido envolver os estudantes com a proposta, fizemos uma revisão do conteúdo que os auxiliaria nas próximas atividades avaliativas e, principalmente, pudemos conhecer cada estudante nas suas particularidades, mesmo que minimamente e isso nos auxiliou - e muito - durante todo o período de estágio, pois permitiu que nós nos aproximássemos da turma.

A aula terminou com a reorganização do ambiente da sala de aula em fileiras.

4.1.2 Encontros 2 e 3 - 10 de outubro de 2019

O segundo e o terceiro encontro deste período de estágio de docência aconteceu no dia 10 de outubro de 2019, em uma aula-faixa das 7h30 às 9h e teve como estagiária responsável a professora/estagiária Isabel Aparecida Mafessolli.

Como a primeira aula foi dedicada ao momento de apresentações, esse encontro foi aquele em que realmente adentramos na explicação do conteúdo que nortearia todo o projeto e, por isso, ele se tornou tão importante e significativo.

Novamente, chegamos mais cedo à sala de aula e já deixamos o ambiente preparado para as atividades que havíamos planejado. O sinal bateu e rapidamente a turma se organizou. O *powerpoint* que foi utilizado como suporte para a parte expositiva da aula já estava instalado e chamou a atenção dos alunos, pois, segundo eles, não é comum os professores utilizarem esse tipo de recurso.

Com todos em sala e nos seus devidos lugares, a professora/estagiária Isabel iniciou a aula fazendo uma breve apresentação da autora Marina Colasanti. Durante esse momento, os alunos se mostraram concentrados naquilo que a professora estava explicando e muitos se admiraram com o fato de estarem estudando uma autora viva e que mantém a sua página na internet ativa e atualizada semanalmente. Algumas alunas anotaram o nome da autora e as redes sociais para depois segui-la.

A professora/estagiária Isabel levou uma crônica de Marina intitulada “Os seguidores de Vivi” como exemplo de publicação semanal no *site* e fez várias provocações aos estudantes em relação ao título e o que eles esperavam encontrar no texto. De início, os estudantes não participaram muito, mas após foram surgindo algumas respostas. Aqui, percebemos que a turma não participa com facilidade das aulas nos momentos de exposição, mesmo que estejam em silêncio e prestando atenção. Isso foi algo que nós já havíamos notado no período de observação e nos mostrou que deveríamos pensar sempre em questionamentos acerca do conteúdo que estimulassem a participação dos estudantes.

Para encerrar a parte expositiva e adentrar na primeira atividade da aula, a professora/estagiária Isabel selecionou uma fala de Marina sobre a importância de narrar e pediu para um estudante ler. No início, ninguém queria ler, até que um dos alunos que sentava ao fundo se disponibilizou e fez uma leitura clara e em tom alto. Feita a leitura, a professora/estagiária responsável pela condução da aula pediu para os estudantes trocarem a palavra “narrar” por “ler” e os convidou a fazer uma leitura de um conto da Marina Colasanti.

Conforme planejamos, essa leitura não aconteceria na sala de aula, mas sim no pátio ao lado da sala dos estudantes, pois acreditávamos que essa troca de ambiente auxiliaria a envolver os estudantes na nossa proposta de leitura literária. Em decorrência disso, a professora/estagiária Isabel orientou os estudantes a se dirigirem ao gramado do pátio e, juntamente com a professora/orientadora Maria Izabel e a professora/estagiária Jordana, todos foram em silêncio e muito organizados.

Nós havíamos levado cangas para estender na grama para os alunos se sentarem, porém alguns alunos pediram para buscar cadeiras. Como nosso objetivo maior era que todos participassem da atividade, autorizamos. Os que voltaram à sala buscar a cadeira, foram em silêncio e rapidamente retornaram ao pátio.

Com todos os estudantes sentados em um grande círculo, a professora/estagiária Isabel iniciou a atividade, primeiramente instigando os alunos a pensarem sobre o título da obra e o que a história revelaria a partir do título e, depois de algumas respostas que se referiam à palavra lã, propondo então que fizessem uma leitura tecida do texto. Inicialmente, os alunos fizeram uma cara de quem não havia gostado muito da ideia de ler, mas quando a professora/estagiária explicou a dinâmica, a grande maioria se empolgou.

A hora de entregar os fragmentos do texto unidos pela linha de lã foi um pouco conturbada, pois o barbante era curto e o círculo era muito grande. Apesar de alguns problemas, conseguimos entregar um fragmento a cada aluno e todos ficaram unidos pelo fio de lã, que era o nosso objetivo. Alguns estudantes pediram para tirar foto do seu trecho, pois estava de cabeça para baixo e seria difícil de ler. Como a tecnologia deve ser pensada como uma aliada, nós autorizamos.

Logo em seguida, começamos a leitura do texto. A nossa aluna portadora de síndrome de down com deficiência intelectual avançada fez a leitura do título e os demais estudantes seguiram lendo seus fragmentos. Como alguns alunos leram baixo, em alguns momentos, ficou difícil ouvir alguns trechos do texto. Além disso, percebemos que alguns estudantes ficaram “presos” somente ao trecho que leram e esqueceram de que os demais trechos da obra também

eram importantes. Isso ficou nítido no momento em que a professora/estagiária Isabel, após a finalização da leitura, questionou os estudantes sobre o que haviam entendido e alguns relataram que só tinham conseguido pensar no seu trecho. Apesar disso, a leitura foi proveitosa, na medida em que os estudantes perceberam que dá de ler uma história de uma maneira divertida. Afirmamos isso, pois quando a professora/estagiária Isabel mostrou a eles o livro que leram, todos ficaram surpresos e perguntando “lemos esse livro todo em tão pouco tempo?”. Esse retorno foi bastante significativo para nós, como professoras responsáveis pela execução do projeto.

Antes de retornarem à sala, nós organizamos a turma em equipes - essas equipes foram formadas para a realização de todas as atividades em grupo que aconteceriam ao longo do desenvolvimento do projeto - fazendo a distribuição de um cartão com um personagem típico da Ilha de Santa Catarina e depois pedindo para os alunos se reunirem com os colegas que tinham tirado o mesmo cartão. Para isso, usamos um boi de mamão de pelúcia para colocar os cartões dentro e já irmos familiarizando os estudantes com os personagens culturais que iríamos abordar nas aulas seguintes.

Feita a organização, retornamos à sala e os estudantes se sentaram em grupos para responderem o roteiro de leitura sobre o conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Esse conto foi escolhido para, na aula seguinte, adentrarmos na cultura das rendeiras. Por conta disso, se fazia muito importante que os estudantes compreendessem bem a história e, assim, surgiu a ideia do roteiro.

Sentados em equipe, a professora/estagiária Jordana distribuiu os roteiros para os grupos, enquanto a professora/estagiária Isabel explicava a atividade e lia o roteiro para sanar qualquer dúvida que pudesse surgir.

Para que eles pudessem revisitar o texto na hora de formular as respostas, entregamos também a cada estudante uma versão impressa em formato de livrinho. Eles amaram, principalmente porque juntamos as páginas com um barbante, retomando assim a história.

Durante o trabalho em grupo, as professoras foram solicitadas com frequência e se mostraram prestativas, auxiliando sempre que necessário. A turma se mostrou atenta e interessada na atividade. Como não deu tempo de realizar a socialização, decidimos que essa finalização da atividade ficaria para o início da próxima aula.

Antes do fim desse encontro, foi entregue aos alunos o roteiro de pesquisa sobre pontos de bordado. Essa pesquisa tinha como objetivo melhor preparar os alunos para a vinda da bordadeira e psicóloga Susan Mariot, que realizaria um *workshop* sobre bordados com a turma

na semana seguinte. É importante ressaltar que a pesquisa deveria ser feita em grupo e que combinamos que eles deveriam nos entregar no dia 16 de outubro, pois teriam o feriado para realizar a atividade.

O sinal bateu e a professora/estagiária Isabel pediu para os alunos organizarem as carteiras, de forma que o próximo professor pudesse encontrar a sala arrumada. Os alunos rapidamente organizaram o espaço e em silêncio.

4.1.3 Encontro 4 - 16 de outubro de 2019

A segunda semana do nosso estágio deveria ter começado no dia 15 de outubro, mas como era feriado de Dia dos Professores, os estudantes não tiveram aula. Assim, nosso quarto encontro aconteceu no dia 16 de outubro de 2019, das 7h30 às 8h15. A aula foi conduzida pela professora/estagiária Jordana Machado da Rosa e teve como conteúdo ministrado a retomada dos roteiros de leitura com a socialização e a explanação dos personagens culturais marcantes da Ilha de Santa Catarina.

A aula começou com a organização da sala em grupos, pois havíamos decidido que a socialização da atividade da aula anterior seria no início dessa aula para não misturarmos os conteúdos. Dessa vez, os alunos tiveram um pouco de dificuldade em se organizar, mas, com o nosso auxílio, arrumaram o ambiente.

Sentados em equipe, nós entregamos os roteiros de leitura da aula anterior para os alunos. Como algumas equipes não tinham conseguido terminar na aula anterior, destinamos 10 minutos da aula para esse fechamento da atividade. Aqui se faz necessário destacar que duas equipes já haviam terminado a atividade no último encontro. Desse modo, para esses alunos, foram entregues crônicas da Marina Colasanti para leitura. Uma equipe, a equipe Boi de Mamão, levou a sério a atividade e fez a leitura, especialmente um dos estudantes, que leu todas as crônicas entregues atentamente e ainda nos chamou para fazer questionamentos acerca do texto. A outra equipe que já havia terminado, a equipe Franklin Cascaes, no entanto, aproveitou o tempo para finalizar a atividade de pesquisa sobre os pontos de bordado que deveriam nos entregar nessa aula e que não haviam feito em casa, mesmo com a folga proporcionada pelo feriado.

Durante o tempo destinado para a finalização do roteiro, as equipes se concentram. Havia um pouco de conversa paralela, mas era devido à configuração da sala em grupos.

Acabado o tempo, a professora/estagiária Jordana começou a socialização. A socialização foi muito difícil. Os alunos falavam muito baixo as respostas para as perguntas que

a professora/estagiária fazia e enquanto não era a sua equipe, ficavam conversando muito alto. A professora/estagiária pedia silêncio, mas os alunos não correspondiam. Por ser sua a primeira aula, a professora demonstrou nervosismo/ansiedade. Devido a isso, foi difícil compreender o que os alunos estavam respondendo. Tanto a professora/estagiária quanto a turma não escutavam, já que alguns estavam mostrando interesse na socialização.

Após a socialização um pouco conturbada, a professora/estagiária Jordana começou a exposição sobre os personagens culturais. Como os alunos continuaram em equipes para que não perdêssemos tempo reorganizando a sala, houve um pouco de conversa paralela.

Algo que observamos é que grande parte dessa conversa era sobre o próprio conteúdo que estava sendo apresentado. Nesse caso, consideramos que teria sido melhor se os alunos tivessem tecido esses comentários para a turma toda e não só entre eles. Todavia, a turma tem sérios problemas em socializar, algo já observado em aulas anteriores e durante a observação. Acreditamos, então, que a timidez acaba atrapalhando nesse aspecto de compartilhar conhecimento com o próximo.

Durante a explicação, a professora/estagiária Jordana passou alguns objetos para os alunos verem, enquanto a professora/estagiária Isabel acompanhou a aluna com síndrome de down. A aluna teve um bom desempenho, conversou com a professora, fez a atividade solicitada atentamente e interagiu com os colegas.

Sobre esses objetos, importante destacar que era uma miniatura de bilro, de um boi-de-mamão e de uma bernunça, personagens/símbolos culturais que estavam sendo apresentados aos estudantes.

Além de tudo isso já relatado, importante registrar que os alunos, nessa aula, deveriam entregar a pesquisa. Muitos não entregaram: apenas três grupos. A professora/estagiária responsável pela aula conversou seriamente com os alunos, explicando novamente a importância de realizarem a atividade e autorizou entregar a pesquisa no dia seguinte valendo nove.

A aula encerrou com a reorganização do ambiente.

Sobre os problemas identificados nessa aula, destacamos que a maior dificuldade foi a organização da sala em equipes durante o momento de exposição da aula. Os alunos estarem em equipes favorece a conversa paralela. Assim, decidimos tentar não mantê-los mais em equipes em momentos de exposição.

4.1.4 Encontro 5 e 6 - 17 de outubro de 2019

A quinta e a sexta aula aconteceram no dia 17 de outubro de 2019, no caráter aula-faixa, das 7h30 às 9h. A professora/estagiária responsável por essas aulas era a professora Jordana Machado da Rosa. Todavia, a professora/orientadora Maria Izabel solicitou que fosse feita uma revisão do conteúdo *orações subordinadas adverbiais*, que seria avaliado na produção escrita que os alunos realizaram nessa aula. Como a professora/estagiária Jordana não se sentiu confortável em ministrar esse conteúdo, a professora/estagiária Isabel Aparecida Mafessolli assumiu a primeira parte da aula fazendo a revisão com os estudantes.

Feitas essas observações iniciais, a aula começou, então, com a professora/estagiária Isabel retomando o conteúdo da sua primeira aula sobre oração subordinada adverbial, fazendo uma revisão com os alunos. Antes do início da retomada, a professora informou a eles que nessa aula assistiram um documentário e após precisariam fazer um resumo e nesse resumo utilizar orações subordinadas adverbiais. Essa seria a primeira atividade avaliativa deles e teria nota de prova. Assim, ressaltou a importância de prestarem a atenção em toda a parte expositiva da aula.

Essa revisão ocupou a primeira aula. A professora/estagiária Isabel utilizou uma dinâmica para explicar o que era subordinação e, para explicar o conteúdo aos alunos, usou várias metáforas e analogias com o cotidiano dos alunos para facilitar o entendimento.

Observamos que os alunos não lembravam de vários conteúdos básicos, por exemplo: quando a professora/estagiária Isabel perguntou o que era advérbio, ninguém sabia responder, mesmo o professor regente tendo explicado, revisado e reforçado essa classe gramatical durante o período de observação.

Além disso, durante essa revisão percebemos que a maioria dos alunos conhecia o conteúdo, mas não sabia como classificar as orações. As perguntas da professora/estagiária passaram a ter mais respostas quando ela começou a usar os exemplos de orações que a turma tinha elaborado. Essa metodologia de utilizar orações dos próprios alunos para explicar o conteúdo surtiu muito efeito e os alunos amaram. Percebemos que eles prestaram muito atenção e ficavam esperando para ver se alguma frase deles apareceria no *slide*.

Depois da explicação de todos os tipos de oração subordinada adverbial, a professora/estagiária responsável por essa parte da aula levou uma paródia disponibilizada no canal da plataforma *youtube* do professor Noslen sobre oração subordinada adverbial. Ela pediu para os alunos se levantarem e cantarem. Alguns, animados, levantaram-se e participaram. Outros ficaram mais tímidos. Um aluno, inclusive, chegou a pedir para a professora anotar no quadro a letra da música para que eles pudessem cantar, mostrando muito interesse no conteúdo.

Explicado e revisado o conteúdo, a professora/estagiária Jordana assumiu a aula, fazendo uma breve síntese sobre o gênero textual *resumo*. Os alunos prestaram atenção e se mostraram interessados e a professora/estagiária estava mais desenvolvida na sua segunda aula. Observamos também que os alunos copiaram o *mind map* que a professora fez no quadro e utilizaram como material de pesquisa para realizar a atividade avaliativa que seria entregue posteriormente.

Ao final da síntese, a professora/estagiária falou que iria exibir o documentário *Versos da Ilha* e pediu para os alunos anotarem todas as informações pertinentes e que considerassem importantes para a elaboração do resumo. Antes da exibição a professora/estagiária Jordana pediu as pesquisas aos alunos e, infelizmente, somente mais duas equipes entregaram. Então, a professora informou aos alunos que essas atividades (entregues um dia depois) valeriam 9. Como mais uma oportunidade, disse que os alunos poderiam entregar na sexta para a professora/orientadora Maria Izabel, mas que dessa vez as atividades valeriam 8. Salientou ainda que os alunos precisam levar a sério essas atividades, já que seriam as principais notas do trimestre e essa, em especial, guiaria o *workshop* com a convidada especial.

Depois desse momento, exibimos o filme. Durante a exibição, os alunos se mostraram bastante atentos, se colocaram em silêncio e fizeram anotações. Como tínhamos somente mais meia hora de aula e era esse o tempo necessário para a elaboração do resumo, não foi possível conversar sobre o documentário com os alunos.

As folhas da atividade avaliativa foram entregues e houve uma breve explicação (com a leitura do enunciado) sobre o que deveria ser feito. No decorrer da atividade, em vários momentos, os alunos pediram a nossa ajuda e nós, sempre que possível e necessário, os auxiliamos.

No início da atividade houve um pouco de conversa paralela. Porém, pedimos silêncio e os alunos continuaram a atividade com seriedade e demonstrando comprometimento e dedicação.

Quando o sinal bateu, recolhemos as atividades, mesmo as que ainda não estavam completas, para que pudéssemos corrigi-las e apresentarmos o retorno na aula destinada ao processo de reescrita que aconteceria na semana seguinte.

4.1.5 Encontro 7 e 8 - 22 de outubro de 2019

As aulas 7 e 8 aconteceram no dia 22 de outubro de 2019, das 10h às 11h35min e tiveram como responsáveis nós duas. Nessa aula, aconteceu o *workshop* com a psicóloga e bordadeira

Susan Aparecida Mariot. É importante aqui destacar e agradecer o auxílio do professor de História, que gentilmente nos cedeu a sua aula das 10h às 10h50 para que tivéssemos mais tempo para a realização dessa importante atividade do projeto. Além disso, se faz necessário informar que o encontro com Susan ocorreu no Laboratório de Língua Portuguesa da Instituição, mas que antes, a professora/estagiária Jordana foi à sala de aula da turma organizar os alunos para esse momento, enquanto a professora/estagiária Isabel ficou no Laboratório com a convidada especial organizando o espaço em um grande círculo.

A bordadeira Susan Mariot trouxe diversos materiais para expor aos alunos e montou uma miniexposição com esses trabalhos e com mais alguns livros sobre bordado. Enquanto organizava, a convidada se mostrou bastante ansiosa para a chegada dos alunos e para a realização da atividade. Além disso, a professora/estagiária Isabel pode perceber que ela havia se preparado bastante para a apresentação, o que nos deixou felizes, pois o comprometimento dela refletiu diretamente no retorno que os estudantes nos deram sobre a atividade. Até o final do projeto, eles comentaram sobre a vinda de Susan, destacando essa como uma das partes mais legais.

Assim que os alunos chegaram ao Laboratório de Informática junto com a professora/estagiária Jordana, cerca de 15 minutos depois de bater o sinal para o início da aula, a professora/estagiária Isabel apresentou brevemente a bordadeira Susan e passou a palavra a ela. Entre os assuntos abordados pela bordadeira, estavam: história do bordado; sua relação pessoal com o bordado; exposição no BRDE sobre a cultura catarinense e a leitura/reflexão da bordadeira sobre a obra *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, obra essa que lemos com os estudantes no início deste estágio.

Em relação à história do bordado, Susan apresentou um breve panorama sobre a origem dessa arte, destacando as suas funções sociais. Comentou sobre o bordado ser importante para as mulheres, dizendo que elas eram consideradas “mulheres para casar” se bordassem o seu enxoval e refletindo com os alunos sobre quando essa arte passou a ajudar financeiramente as famílias e não ser apenas um passatempo.

Já sobre a sua relação com o bordado, a bordadeira contou que ela borda a partir daquilo que sente e que, por isso, seus bordados não seguem um desenho específico. Também falou da relação do bordado com a vida. Contou sua experiência com a avó, que também bordava.

Um evento interessante que surgiu na fala de Susan foi a exposição no BRDE sobre a cultura catarinense em forma de bordado. Ela contou que as bordadeiras de Florianópolis estavam organizando uma exposição cultural que teria como temática a Ilha de Santa Catarina

e a sua cultura. A bordadeira Susan fez um bordado sobre as rendeiras, a partir de uma renda de bilro. Aqui, ela abordou a história do Guarapuvu e de Maria Celeste Carvalho, importante bordadeira de Santa Catarina. Os alunos demonstraram interesse em visitar essa exposição e como ela iria inaugurar em 05 de novembro de 2019, antes do nosso estágio acabar, e como o BRDE fica próximo à Instituição, decidimos tentar levá-los lá.

O último tópico do *workshop* foi a apresentação da leitura e das reflexões de Susan sobre a obra que estudamos com nossos alunos: *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. A leitura realizada pela bordadeira, em síntese, fala sobre os bordados acompanharem a história e a liberdade da personagem. O fato dela ser presa na torre liga-se ao fato dela se afastar da sua essência e o fato de bordar compulsivamente liga-se ao fato de quereremos buscar sempre mais e, por vezes, perdermos o controle das situações da nossa vida.

Susan, após finalizar sua apresentação, respondeu às perguntas formuladas pelos alunos nas pesquisas que havíamos enviado a ela e também abriu para um momento de conversa. Alguns alunos participaram, o que foi bastante importante.

Durante toda a exposição, os alunos mostraram-se concentrados. Alguns meninos, inclusive, o tempo todo ficavam comentando sobre o que a bordadeira falava, mostrando-se bastante interessados no assunto. Um deles, inclusive, perguntou qual a diferença entre tecer e bordar. A bordadeira fazia relações com o cotidiano dos alunos, perguntou se eles já bordaram algo - essa pergunta os envolveu bastante - e falou da relação dos estudantes com o celular, tecendo uma analogia com a personagem de *A moça tecelã*. Essa fala agradou muito o professor regente, que até comentou a importância dessa ponderação da bordadeira.

A aula acabou 11h35 em ponto e os estudantes, antes de saírem, tiraram uma foto com a convidada especial e entregaram a ela um vaso de flor que compramos em forma de agradecimento.

4.1.6 Encontro 9 - 23 de outubro de 2019

A nona aula aconteceu no dia 23 de outubro de 2019 e teve Jordana Machado da Rosa como professora/estagiária responsável. O encontro aconteceu das 7h30 às 8h15 e a principal atividade foi a reescrita das produções textuais dos estudantes sobre o documentário *Versos da Ilha*.

A aula iniciou com a professora/estagiária Jordana lembrando aos alunos que nesta aula aconteceria a atividade de recuperação de nota. Para isso, a professora/estagiária fez uma revisão das características do gênero *resumo* e apresentou as principais dificuldades dos

estudantes identificadas a partir da correção da primeira versão. Entre as principais dificuldades estava a falta de parágrafos de introdução e conclusão e o uso da impessoalidade na escrita. A revisão foi breve para não diminuir o tempo de escrita dos alunos. Importante destacar que essa revisão foi feita no quadro através de um esquema que apontava algumas características do gênero e quais delas os alunos precisavam melhorar na reescrita.

Alguns termos que a professora/estagiária utilizou geraram dúvidas aos alunos, como o termo sumarização. Durante a reescrita, os alunos foram nos perguntando diversas vezes sobre esses termos. Notamos aqui a importância de refletirmos melhor sobre os termos que escolhemos e tentarmos utilizar uma linguagem mais próxima da faixa-etária deles.

No decorrer da revisão, os alunos se mostraram atentos. Foi possível observar que alguns copiavam os tópicos do quadro, organizados de forma que fosse possível auxiliar durante a recuperação.

Logo após a revisão, nós entregamos as primeiras versões corrigidas para que os estudantes pudessem fazer a reescrita a partir dos nossos comentários. Ao longo da reescrita, os estudantes se concentraram e se dedicaram mais que na primeira vez que fizeram a produção escrita. Pediram o nosso auxílio diversas vezes e se mostraram comprometidos com a atividade. Três alunos não entenderam o documentário e a professora/estagiária Isabel fez um *mind map* explicando para eles, individualmente, para ajudá-los.

Os alunos fizeram a reescrita e, dessa vez, não faltou tempo para terminarem: estavam mais disciplinados e atentos às instruções. Faltando 5 minutos para finalizar a aula, nós recolhemos as atividades e ressaltamos que essa produção valeria então como nota de recuperação da primeira versão.

4.1.7 Encontro - 24 de outubro de 2019

No dia 24 de outubro de 2019, a turma de nono ano na qual realizamos o estágio teria aula faixa de Língua Portuguesa, das 7h30 às 9h. A estagiária responsável, Isabel Aparecida Mafessolli, faria a devolutiva das atividades de produção escrita, uma recapitulação do *workshop* e, por fim, iria adentrar na Literatura Catarinense abordando o Franklin Cascaes. Todavia, nesta data, a Instituição precisou aplicar a prova do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica. Por este motivo, nós não pudemos dar aula e nem ficar na sala com os alunos. Tudo isso fez com que fosse necessário replanejar as aulas seguintes.

Sobre este encontro é importante dizer que nós chegamos a entrar na sala para iniciarmos a aula, quando a coordenação chegou com a prova e nos informou que os alunos não teriam aula de Língua Portuguesa neste dia.

4.1.8 Encontro 10 - 29 de outubro de 2019

O décimo encontro surgiu da necessidade de reformularmos o nosso planejamento após a impossibilidade de ministrarmos a aula anterior, em decorrência da aplicação da prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica.

Primeiramente, é importante ressaltarmos que para não prejudicarmos o andamento do estágio, pensando principalmente na atividade com uma convidada especial que tínhamos programada para a semana seguinte, precisaríamos ministrar o conteúdo planejado respeitando o nosso cronograma inicial. O grande problema que enfrentamos é o fato de que um conteúdo preparado para ser ministrado em uma aula-faixa, precisaria ser reduzido a uma só aula. Infelizmente, essa diminuição de conteúdo não era viável, pois todas as informações selecionadas para aquela aula eram extremamente importantes para adentrarmos no gênero *carta*, principal gênero textual desse projeto. A solução que encontramos foi conversar com o professor da aula de quarta-feira, o professor de Geografia e pedir se ele nos cederia a sua aula. Assim, ganharíamos mais uma aula e conseguiríamos explicar todo o conteúdo. O professor gentilmente nos cedeu a sua aula e aqui registramos o nosso agradecimento pela disponibilidade e compreensão. Aqui, destacamos que optamos por pedir a aula de quarta-feira e não a aula de terça-feira, pois o professor da aula anterior a nossa na terça já havia nos cedido um dia para a realização do *workshop*.

O primeiro problema havíamos resolvido: quarta-feira teríamos aula faixa e mais tempo para explicarmos o conteúdo. Agora, nosso outro obstáculo era essa aula do encontro 10, pois até então ela não estava planejada. Em conversa com a nossa professora/orientadora Maria Izabel, optamos por ampliar o momento de entrega das atividades escritas do gênero *resumo*, fazendo uma sistematização das principais dificuldades dos estudantes, retomar o *workshop* para fazermos o fechamento dessa atividade e explicar o conteúdo gramatical de *concordância verbal*, já que o professor regente havia pedido para fazermos essa explicação e avaliarmos os alunos. Assim, na próxima produção escrita, poderíamos usar como critério de correção o uso adequado conforme a norma padrão da concordância verbal.

A aula começou, então, 10h50 e teve como professora/estagiária responsável a professora Isabel Aparecida Mafessolli. Os conteúdos ministrados foram os já mencionados.

Durante a semana do dia 29/10/19, estava acontecendo na Instituição uma semana multicultural com diversas atividades para os estudantes. Em decorrência desse evento, as turmas não tiveram as quartas aulas: essas emendaram com o intervalo. Por conta disso, ao retornarem para a sala, os estudantes estavam bastante agitados. Isso afetou diretamente o início da nossa décima aula, pois até que todos se sentassem, pegassem o material e se organizassem, mesmo com o nosso auxílio, demorou cerca de dez minutos.

Organizados, a professora/estagiária Isabel iniciou a aula questionando aos alunos o que eles haviam achado do *workshop*. Para isso, como suporte, a professora/estagiária montou uma apresentação em *powerpoint* que continha uma imagem da turma com a convidada especial. Vários alunos ficaram se procurando na foto e comentando, o que foi divertido para a turma.

Em relação ao *workshop*, o retorno foi muito positivo: aqueles que deram a sua opinião, elogiaram a nossa ideia em levar uma bordadeira e elogiaram, principalmente, a Susan e aquilo que ela apresentou a eles. Ficou claro que todos gostaram da convidada especial e da participação dela no nosso estágio.

Enquanto a professora/estagiária Isabel retomava alguns pontos principais do *workshop*, surgiram algumas perguntas. A professora/estagiária prontamente respondeu a todos, porém tiveram duas perguntas que ela não sabia a resposta: o porquê o Guarapuvu é considerado árvore símbolo de Florianópolis e qual havia sido o motivo da morte de Maria Celeste Carvalho Neves. Por conta disso, a professora/estagiária informou aos alunos que pesquisaria em casa as respostas e informaria a eles na aula seguinte.

Após a retomada do *workshop*, entregamos as produções escritas com as notas dos alunos, deixando claro que prevaleceria a nota maior, visto que, com essa produção, foi entregue a nota da primeira versão, a nota da segunda e a nota final. A primeira versão funcionou como P1, enquanto a reescrita como a recuperação. Como esperado, a maioria dos alunos conseguiu recuperar a nota anterior, levando em consideração que havia acontecido, na aula anterior, uma retomada dos conteúdos sobre o gênero textual resumo e o retorno da primeira escrita corrigida, para que eles pudessem elaborar a atividade com mais facilidade. Apenas uma aluna obteve nota inferior na reescrita, prevalecendo a primeira nota.

Com a entrega realizada, a professora/estagiária iniciou uma revisão a partir das dificuldades percebidas na produção escrita. O primeiro conteúdo abordado foi a questão da impessoalidade, seguido da função do parágrafo de introdução e conclusão e finalizando com concordância verbal. Ao longo de toda a explicação, a professora/estagiária tecia ligações do conteúdo gramatical com a vivência cotidiana dos estudantes e isso fez com que eles prestassem

atenção na aula e interagissem com a professora. Ademais, como exemplos, a professora/estagiária trouxe novamente trechos da produção escrita deles. Esse movimento de refletir sobre a própria escrita e aprender com essa reflexão se mostrou muito eficaz com essa turma.

Sobre os conteúdos gramaticais revisados, como já informado anteriormente, o foco foi na concordância verbal. Primeiramente, a professora/estagiária apresentou o conceito, depois trabalhou com exemplos retirados dos textos dos próprios alunos e, por fim, trouxe vários *tweets* e letras de música com erros de concordância verbal de acordo com a norma culta para que os estudantes refletissem. Essa última estratégia foi muito eficaz, pois os *tweets* fazem parte da vivência de grande parte dos jovens, inclusive dos nossos alunos, conforme apuramos no questionário aplicado durante a observação e as letras de música também se aproximam da vivência deles, tanto que alguns estudantes até cantaram as músicas.

Apesar da agitação inicial, durante a explicação os estudantes os alunos mostraram-se muito atentos e participativos. A aula foi curta, mas foi possível passar para os alunos todo o conteúdo previsto para esse tempo.

4.1.9 Encontros 11 e 12 - 30 de outubro de 2019¹

As aulas 11 e 12 aconteceram no dia 30 de outubro de 2019, das 7h30 às 9h, sob a responsabilidade da professora/estagiária Isabel Aparecida Mafessolli. Aqui, agradecemos novamente a disponibilidade do professor de Geografia em nos ceder a sua aula das 8h15 às 9h para que pudéssemos garantir o bom andamento do nosso projeto de estágio-docência.

Como de costume, chegamos antes do sinal bater e já deixamos os materiais organizados. Para essa aula, havíamos planejado várias atividades, porém o andamento delas foi bastante conturbado: a turma estava muito agitada e dificilmente atendia aos comandos da professora/estagiária que estava conduzindo a aula. Havia muita conversa paralela, ora sobre o conteúdo da aula, ora não e isso também prejudicou o andamento da aula. Era visível que a professora/estagiária Isabel tentava trazer a turma para a explicação, mas que os alunos não estavam interessados, mesmo com suportes de explicação diferenciados.

¹ **Observação importante:** Nas aulas de quarta-feira, a turma em que este estágio foi realizado possuía apenas uma aula de Língua Portuguesa. No entanto, em decorrência da aplicação da prova do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica, houve alterações no cronograma do projeto. Para que não atrasasse muito a finalização deste estágio obrigatório, as professoras/estagiárias conversaram com o professor da disciplina de Geografia e ele cedeu a aula dele das 8h15 às 9h para elas.

A professora/estagiária Isabel começou a aula retomando algumas questões que surgiram dos alunos na aula anterior, sobre questões históricas da ilha. Eles queriam saber melhor sobre a história do Guarapuvu e da bordadeira Maria Celeste Carvalho Neves. Além disso, foi feita uma retomada do que era a concordância verbal para fixar o conteúdo, a pedidos da professora/orientadora Maria Izabel. Essa primeira parte acabou tomando mais tempo que o esperado e isso contribuiu para que houvesse um período muito grande de exposição durante a aula, o que ajudou também a tirar a atenção dos estudantes.

Respondida as perguntas, a professora apresentou o autor que seria estudado naquela aula: Franklin Cascaes. Para apresentá-lo, escolheu um vídeo antigo onde ele mesmo falava sobre seus dados biográficos, porém o áudio era muito antigo e a acústica da sala não colaborou para uma boa reprodução. Por conta disso, a professora/estagiária retomou as informações ditas por Franklin Cascaes no áudio. Também utilizou um *powerpoint* como suporte para mostrar imagens tanto do autor, quanto da sua obra. Enquanto explicava, a professora entregou aos alunos 6 cartões com pinturas realizadas pelo autor de personagens típicos da Ilha para eles melhor visualizarem as imagens.

Feita essa apresentação inicial, a professora/estagiária propôs que os alunos acompanhassem a leitura de um conto de Franklin, intitulado *Vassoura Bruxólica*. A leitura foi realizada pela professora, no modelo de leitura dramática. Com essa atividade, esperava-se exercitar a habilidade de escuta dos alunos. Por esse ser um encontro em que eles estavam muito agitados, essa atividade colaborou para acalmar a turma. No momento da leitura, os alunos fizeram silêncio e a acompanharam, o que foi um momento muito prazeroso da aula.

Ao final dessa atividade, a professora/estagiária Isabel destacou aspectos da obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, como os três personagens principais: bruxas, benzedoras e Lúcifer, mas focalizando, principalmente, na linguagem utilizada pelo autor, especialmente nos momentos em que ele apenas transcreve fala dos moradores da Ilha.

Tal destaque possibilitou a professora a entrar no conceito de variação linguística. Explicado o conceito, ela levou algumas imagens para que os alunos pudessem falar como era o nome daqueles objetos. A escolha foi proposital, pois se sabia que havia variações de fala. Escolheu-se pão francês, vergamota e biscoito. Os alunos participaram ativamente nessas discussões, mesmo ainda agitados.

Após, a professora passou um vídeo do grupo *Dezarranjo Ilheu* e os estudantes amaram. Uma aluna comentou que tinha uma caneca e um quadro com temática Stars Wars, mas com a fala da Ilha. A professora pediu para ela trazer na aula seguinte e mostrar aos colegas.

Feita essa exposição do conceito de *Varição Linguística* e relacionando-o com a obra de Franklin Cascaes, a professora propôs uma atividade de análise de contos a partir desse conceito, levando em consideração o tipo de escrita que Franklin Cascaes utilizava: em muitos casos, a transcrição. Para isso, organizou-se a sala em grupos. Como a turma estava muito agitada, se esperou que essa organização fosse conturbada, porém os estudantes organizaram-se rapidamente.

Como faltavam apenas quinze minutos para o término da aula, os alunos apenas começaram as atividades (nas equipes já divididas em aulas anteriores) e ficaram de terminar e socializar os resultados obtidos na aula seguinte.

A aula encerrou com a turma reorganizando a sala.

4.1.10 Encontros 13 e 14 – 31 de outubro de 2019

A aula do dia 31 de outubro de 2019 ocorreu das 7h30 às 9h e teve com responsável a professora/estagiária Jordana Machado da Rosa. A aula teve início com a finalização da atividade de análise de contos, essa que foi proposta aos alunos no fim da aula anterior. Em conversa com a orientadora Maria Izabel, decidimos que seria melhor começar por essa atividade, antes de adentrar um novo conteúdo. Isso foi importante, pois o conteúdo que seria explicado nesta aula era essencial para as próximas atividades de produção escrita do projeto, visto que seria explicado o gênero textual que norteia os planos de aula: carta. Pela experiência da observação, sabíamos que os alunos chegariam a partir da segunda aula.

A professora/estagiária Jordana esperou alguns minutos para começar a atividade, já que havia poucos alunos em sala. Como já citado, estava acontecendo na escola a Semana Multicultural. Devido a isso, muitos alunos acabavam não vindo para a aula. No caso dessa aula, especificamente, a coordenação sugeriu que os alunos fossem com algum tipo de fantasia, já que era *halloween*.

Durante a primeira atividade, percebemos que alguns alunos acabaram terminando as atividades sozinhos, já que os colegas da sua equipe não estavam presentes. Devido a isso, na hora da socialização, poucos haviam terminado de fato (a maioria deles ainda não tinha terminado de ler o conto), mas todos participaram. Em relação à condução, a socialização neste momento foi mais tranquila do que da primeira vez em que a professora/estagiária Jordana conduziu, no roteiro de leitura do conto *A moça tecelã*. A professora/estagiária controlou melhor a turma, demonstrando estar cada vez mais inserida no ambiente escolar.

Um problema que observamos durante a socialização (e que já aconteceu outras vezes) é que, durante as socializações, os alunos costumavam falar muito baixo, o que dificultava o entendimento da turma do que estava sendo dito. Como a socialização acabou acontecendo entre a primeira e a segunda aula, houve um pouco de barulho durante a socialização devido à chegada de alguns alunos atrasados. Sendo assim, até que a turma se organizasse novamente e todos sentassem em seus devidos lugares, houve certo barulho, mas depois a turma se acalmou novamente.

Para a segunda aula, havíamos preparado a sistematização do gênero carta e depois uma atividade sobre mudanças na ortografia da língua portuguesa, através de uma análise de cartas da amostra Cruz e Sousa. Durante a sistematização, os alunos se comportaram muito bem e, durante essa exposição, a professora/estagiária Jordana, que estava responsável pela aula, se mostrou bem preparada, conseguindo sistematizar todo o conteúdo para os alunos. Para isso, utilizou como recurso a apresentação de *slides* e de alguns vídeos que ilustraram bem o gênero carta, facilitando assim o entendimento dos alunos. Foi possível perceber que eles gostaram muito de estudar o gênero, algo que eles não estavam familiarizados. Essa percepção fez com que as professoras percebessem que a escolha havia sido muito adequada.

Enquanto a professora/estagiária Jordana explicava o conteúdo para a turma, a professora/estagiária Isabel acompanhava a aluna com síndrome de down, fazendo atividades com ela. Aqui, notamos como a aluna, se estimulada, corresponde aos objetivos e a estudante até conversou com a professora sobre o conteúdo da aula, demonstrando que estava, sim, acompanhando o desenvolvimento do projeto.

Ao terminar a exposição do gênero carta, a professora/estagiária Jordana propôs a atividade de análise de cartas aos alunos, na qual eles tinham acesso a cartas pessoais de Cruz e Sousa e precisavam identificar as mudanças ortográficas. Para isso, os alunos voltaram aos grupos. Como também faltava pouco tempo, os alunos ficaram de finalizar a atividade em casa. Eles demonstraram ter uma dificuldade apenas em encontrar as mudanças ortográficas. Essa atividade serviu para que os alunos se aproximassem da carta pessoal, visto que nas aulas seguintes iriam produzir uma destinada às rendeiras, proposta de finalização do projeto.

A aula terminou de forma calma e foi possível finalizar o conteúdo, ficando somente a atividade que, como combinado, seria entregue na próxima aula. Os alunos organizaram as carteiras novamente para seus lugares, a fim de facilitar a aula do próximo professor.

4.1.11 Encontro 15 – 05 de novembro

A aula do dia 5 de novembro de 2019, que ocorreu das 7h30 às 8h15, começou de forma calma, com a professora/estagiária Jordana Machado da Rosa, responsável pela aula, lembrando algumas características do gênero carta no quadro, a fim de preparar os alunos para a atividade do dia. Depois da exposição, o conteúdo ficou exposto no quadro para que fosse possível auxiliá-los durante a atividade.

Logo depois, a professora/estagiária Jordana começou a explicar a atividade, deixando claro os pontos que eles precisariam apontar nas cartas, as características do gênero e a importância da atividade, já que a mesma seria entregue para as rendeiras. Mesmo sabendo que haveria a possibilidade de reescrita no outro dia, decidimos que seria melhor não informar os alunos do fato, já que eles deveriam levar a sério a atividade proposta desde a primeira versão. A professora/estagiária Isabel, que não era responsável pela aula naquele dia, também pontuou algumas coisas sobre a atividade, auxiliando para o entendimento dos alunos.

Durante a aula, nós ficamos auxiliando os alunos na produção da carta, principalmente no que diz respeito às características, já que era um gênero totalmente novo pra eles. Ficamos circulando pela sala, a fim de observar o que os alunos estavam produzindo e, sempre que possível, oferecer auxílio a eles.

Em alguns momentos, observamos que os estudantes tinham dificuldades para organizar o que iriam falar nas cartas, mas com o nosso auxílio, foram tendo ideias e escrevendo belíssimas cartas. A maioria escreveu, inclusive, recadinhos para as rendeiras em forma de agradecimento. Percebemos, também, que os estudantes ficaram muito felizes com o fato de que essas cartas seriam realmente entregues as rendeiras.

Ao fim, recolhemos todas as atividades, sem informar que na próxima aula (dia seguinte) eles poderiam reescrever a carta, como já dito anteriormente. Foram recolhidas todas as cartas, até as que não estavam finalizadas.

Como a atividade era individual, não houve nenhuma mudança na dinâmica das mesas. Sendo assim, não houve necessidade de mudanças na organização da sala para que o próximo professor assumisse sua aula. A aula terminou de forma calma e foi possível que concluíssemos a atividade proposta para aquele dia.

4.1.12 Encontro 16 – 06 de outubro de 2019

A aula do dia 6 de novembro de 2019, sob responsabilidade da professora/estagiária Jordana Machado da Rosa, aconteceu das 7h30 às 8h15. Nessa aula, os alunos puderam reescrever as cartas que tinham produzido na aula anterior. Dessa vez, tínhamos feito algumas

correções e comentários nas cartas que eles haviam produzido, no que diz respeito à estrutura do gênero, gramática e conteúdo da carta. Entregamos as cartas corrigidas para os alunos e, a partir disso, eles poderiam refletir sobre como melhorar a escrita.

Esse processo de correção chamou atenção dos alunos e eles demonstraram que gostavam muito de receber as produções comentadas e que isso não era uma prática recorrente. Aqui, é claro, vale ressaltar que sabemos da realidade do professor regente e sabemos que seria inviável uma correção como a realizada. Fica aqui a reflexão sobre as condições de trabalho do professor no cenário atual brasileiro.

Antes de começarem, a professora/estagiária Jordana fez, no quadro, as ponderações necessárias para que eles entendessem onde poderiam melhorar, assim como retomou algumas características do gênero carta através de um exemplo. Ademais, destacou que era importante que eles caprichassem, pois essa seria a versão a ser entregue às rendeiras. Foi entregue a cada um uma folha com pautas padrão de carta, justamente por ser a versão que seria entregue.

Depois de feitas as ponderações necessárias, propusemos que eles poderiam começar a reescrita. Os alunos que haviam faltado na aula anterior também tiveram a oportunidade de escrever a carta. Para aqueles que apresentaram falta justificada, o que foi o caso de uma aluna, deixamos claro que ela poderia reescrever, caso tirasse uma nota baixa.

Ficamos auxiliando, como na aula anterior, durante a produção da carta para as rendeiras. Dessa vez, além de auxiliar na parte gramatical e de características do gênero, também ficamos o tempo todo salientando a importância de a carta estar caprichada, sem rasuras, já que seria essa a versão a ser entregue para as rendeiras e não a anterior.

Como na primeira versão da carta a maioria dos alunos havia atingido os objetivos, a produção da atividade foi tranquila e poucas vezes os alunos precisaram do nosso auxílio. Porém, ficamos circulando pela sala e perguntando para eles, sempre que possível, se precisavam de alguma ajuda.

Ao fim, recolhemos todas as atividades e avisamos que eles poderiam colocar as cartas em envelopes na próxima aula, já que nessa não daria tempo. Todos os alunos conseguiram concluir suas produções, sendo assim, a aula atingiu todos os seus objetivos.

4.1.13 Encontro 17 e 18 – 07 de dezembro de 2019

A aula do dia 7 de dezembro de 2019, que ocorreu das 7h30 às 9h, seria de responsabilidade de nós duas, já que receberíamos a visita da Professora Doutora Tânia Ramos, da UFSC, para uma conversa com a turma sobre o gênero carta.

Para organizar a dinâmica da aula, decidimos que seria melhor nos dividirmos. A professora/estagiária Isabel foi para a sala, junto com a orientadora Maria Izabel. A professora/estagiária Jordana ficou aguardando a chegada da Professora Doutora Tânia Ramos na entrada da escola, para encaminhá-la ao laboratório e organizar o espaço para a conversa.

Enquanto a professora/estagiária Jordana esperava, a professora/estagiária Isabel ficou na sala com os alunos dando alguns avisos. Primeiro, avisados de que iriam fazer uma visita ao BRDE, para observar a exposição “Bordando Florianópolis”, da qual a bordadeira Susan Mariot faz parte. A professora/estagiária Isabel, juntamente com a orientadora, entregaram as autorizações para os alunos, explicando que essas deveriam vir assinadas pelos pais, caso contrário não poderiam realizar a visita.

Enquanto a professora/estagiária Jordana organizava o Laboratório de Língua Portuguesa, a professora/estagiária Isabel conduzia a decoração das cartas e envelopes que seriam entregues às rendeiras. Os alunos amaram decorar os envelopes e se mostraram muito empolgados com a atividade, tanto é que saíram envelopes muito bonitos. Enquanto realizavam a atividade, os alunos falaram sobre como estavam felizes que as rendeiras iriam receber as cartas produzidas por eles, alguns até pediram para filmarmos a entrega das cartas e as rendeiras lendo. Durante o período em sala, tudo foi tranquilo. Desde a explicação da exposição, em que a professora destacou a importância da seriedade nessa saída, até a decoração.

Depois de tudo organizado, os alunos se encaminharam para o laboratório, a fim de realizar a conversa com a professora. A ida para o espaço foi tranquila e os alunos se mostraram comportados durante a caminhada. Ao chegarem, os alunos se organizaram nas cadeiras, essas que estavam em círculos e foram organizadas pela professora/estagiária Jordana.

A professora/estagiária Jordana fez uma breve apresentação sobre a professora para os alunos, deixando clara a importância dela como professora de Literatura na UFSC, assim como sua importância na vida acadêmica das professoras/estagiárias, deixando claro, também, que a conversa seria sobre o gênero carta, mais especificamente sobre as experiências da professora com o gênero.

Após sua fala, a Professora Tânia Ramos começou sua conversa. Primeiramente, falou sobre nós e sobre como fomos ótimas alunas durante a graduação. Além disso, a professora Tânia Ramos fez alguns relatos sobre sua experiência com o gênero, como ele funcionava na época como meio de comunicação. Também contou um pouco de sua história. Os alunos se mostraram muito interessados durante a conversa, prestando atenção o tempo todo e respeitando a presença de alguém tão importante no IEE.

No fim da aula, a professora recebeu de duas alunas (representando a turma) uma pequena lembrança. Uma das alunas leu uma carta e a professora Tânia ficou muito emocionada. Agradecemos sua presença, tão importante naquele período de estágio, e tiramos uma foto com toda a turma. Ao fim, organizamos os alunos para a volta à sala.

Nossa percepção é que essa aula foi muito mais que uma exposição, foi um encontro de gerações que proporcionou aos alunos uma experiência única, tanto é que de todas as atividades desenvolvidas até então, foi a que eles mais prestaram atenção, ficando atentos a cada movimento e cada fala da professora convidada. Concluimos que a aula atingiu todos os objetivos propostos, que havíamos pensado durante sua organização.

4.1.14 Encontro 19 e 20 - 12 de novembro de 2019

A aula do dia 12 de novembro de 2019, que ocorreu das 10h às 11h35, foi de responsabilidade de nós duas. Nessa aula, como já comunicado anteriormente, os alunos foram fazer uma visita à exposição “Bordando Florianópolis”, exposição essa que tinha como uma das bordadeiras a convidada do workshop, Susan Mariot e que estava acontecendo no espaço do BRDE.

Nos dirigimos, juntamente com a orientadora para a sala de aula da turma às 10h, para começar a organizar a saída. Antes disso, já tínhamos recebido as autorizações assinadas pelos pais dos alunos que foram autorizados pelos pais a fazerem a visita. Os alunos que não foram autorizados ficariam em sala fazendo atividades. Chegamos na sala informando da visita. Como a aula não era de língua portuguesa e alguns haviam faltado na aula anterior, houve certa confusão de alguns alunos.

Começamos a explicar o que seria feito e como esperávamos que fosse a visita, tanto no que diz respeito ao comportamento, quanto à atividade realizada e a seriedade dos alunos com a mesma. Dados todos os avisos, chamamos a coordenadora para autorizar a ida dos alunos que tinham a assinatura dos pais nas autorizações. A coordenadora ia chamando um por um, de acordo com a autorização, e pedindo que ficassem no corredor para aguardar a ida ao BRDE.

Enquanto a coordenadora organizava os alunos para irem até o corredor, alguns que não tinham trazido a autorização entregaram na hora e outros mostraram interesse em ir, pedindo para que, se fosse possível, ligassem para seus responsáveis a fim de serem autorizados para a saída. Sendo assim, a professora/estagiária Isabel ficou esperando esses alunos pedirem autorização, enquanto o resto da turma caminhava para a saída da escola. Desses alunos,

infelizmente, apenas uma teve autorização. Então, a professora/estagiária e a aluna se dirigiram até o BRDE para encontrar o resto do grupo.

A bordadeira Susan Mariot ficou nos aguardando na saída da escola, essa que era a mais próxima do BRDE. Caminhamos em grupos até o BRDE, juntamente com a orientadora Maria Izabel, a bordadeira Susan Mariot e uma coordenadora de ala da escola, que foi nos acompanhar nessa saída de campo. Ao chegarmos ao local, encontramos nossa primeira orientadora, Professora Chirley Domingues e uma outra bordadeira da exposição, essa que iria auxiliar a bordadeira Susan orientando a visita para os alunos.

Durante a visita, as bordadeiras iam explicando a obra. Todas as obras tinham ligação com a cultura catarinense, mais especificamente com a cultura de Florianópolis. Foi um momento de grande aprendizado para a turma, e também de fechamento de tudo que vínhamos discutindo no decorrer do projeto de docência. Os alunos se mostraram bastante envolvidos e interessados com tudo que estava sendo exposto, tanto que observamos eles a todo momento tirando fotos e conversando com os colegas sobre as obras.

Ao final da visita, agradecemos imensamente a disponibilidade das bordadeiras que nos acompanharam e tiramos uma foto coletiva. A bordadeira Susan fez uma fala, se mostrando muito feliz por ter feito parte do nosso projeto, e se colocando disposta a dar um workshop de bordado exclusivo para quem tivesse interesse em aprender essa arte e alguns alunos se mostraram muito interessados com a possibilidade de aprender a arte do bordado com a bordadeira Susan Mariot.

Organizamos a turma para voltar ao IEE em grupos e o retorno, assim como a ida, foi tranquilo. Como estava chovendo muito, foi necessário que andássemos um pouco mais rápido. Mesmo assim, os alunos se colocaram de forma organizada e não houve tumulto.

Chegando na sala, ainda faltava um tempo para terminar a aula. A professora/estagiária Isabel fez algumas perguntas aos alunos sobre a exposição. A principal pergunta foi sobre o que eles tinham achado da exposição, e ouvimos respostas positivas de todos os alunos.

O coordenador de ala foi entregar as carteirinhas dos alunos, a fim de que entregássemos para eles no fim da aula. Sendo assim, a aula terminou com a entrega das carteirinhas e os alunos esperando o sinal bater para poderem ir embora. Antes que fossem embora, informamos que eles deveriam trazer, para a aula seguinte, seus endereços completos. Caso algum aluno não trouxesse o que foi pedido, não seria possível realizar a atividade que seria proposta. Feito isso, concordamos que a aula foi concluída com sucesso e de forma proveitosa.

4.1.15 Encontro 21 - 13 de novembro de 2019

A aula do dia 13 de novembro de 2019, que aconteceu das 7h30 às 8h15, ficou de responsabilidade da professora/estagiária Isabel. Nessa aula, seria feita a última atividade escrita do projeto, seguindo no gênero definido por nós como o principal: carta. Nessa aula, os alunos tiveram uma atividade bem reflexiva: escrever para o “eu” do futuro o que eles “teceriam” e o que “desteceriam” de suas vidas.

Antes de propor a atividade e para começar a aula, a professora/estagiária Isabel fez novamente a leitura do conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, a fim de introduzir a temática da carta. Depois da leitura, a professora/estagiária Isabel provocou os alunos, a fim de que eles pensassem sobre o principal dom da personagem. Houve algumas respostas e, por fim, chegamos no que era esperado: o dom de tecer. Além disso, também fez com que os alunos pensassem no que a personagem principal faz ao final do conto: destecer.

A partir dessas reflexões, a professora/estagiária Isabel fez a proposta da atividade: Escrevam uma carta pra vocês mesmos pensando no seguinte tema “Você possui o dom de tecer a sua vida: O quê teceria? O quê desteceria?”. Esse tipo de reflexão que decidimos propor a eles faria com que pensassem sobre o “eu” do futuro, e sobre quais mudanças eles desejavam para as suas vidas.

Quando a professora fez a proposta da atividade, deixando claro que seria uma carta, alguns alunos se mostraram resistentes. Porém, depois de mais algumas informações sobre o que seria feito, começaram a entender a importância daquela reflexão. Distribuímos então, os envelopes para que os alunos colocassem seus endereços (já pedidos anteriormente que trouxessem), pedindo também que eles retirassem uma folha de seus cadernos para escrever a carta.

A professora/estagiária Jordana elaborou, no quadro, um esquema sobre as características do gênero textual carta, já feito em aulas anteriores. Esse esquema, organizado como um modelo de carta, facilitou e lembrou para alguns alunos como funciona o gênero estudado durante o projeto de docência.

Durante a produção, acompanhamos a produção dos alunos e observamos que a maioria estava super envolvida, colocando de verdade o que sentiam e o que pensavam. Alguns alunos acabaram precisando de um auxílio mais direto, já que o tema mexia muito com eles, afinal, não é fácil escrever e falar sobre si mesmo. Foi possível observar, também, que alguns alunos se emocionaram escrevendo a carta. Tentamos acalmar a situação conversando com esses

alunos. Isso fez com que percebêssemos o quanto o encontro consigo mesmo mexeu com todos eles. As cartas foram verdadeiras confissões, atingindo o objetivo de escrita de carta pessoal.

Ao fim, recolhemos as cartas. Como alguns estavam muito envolvidos, deixamos que nos entregassem na última aula, que seria no dia seguinte, essa que seria a aula destinada à finalização do projeto.

4.1.16 Encontros 22 e 23 - 14 de novembro de 2019

A aula do dia 14 de novembro de 2019, que aconteceu das 7h30 às 9h, ficou de responsabilidade de nós duas, já que seria a aula de fechamento do projeto de docência. A aula aconteceu no espaço do laboratório de língua portuguesa e, para organizar a ida dos alunos ao espaço, decidimos nos dividir, como em aulas anteriores.

A professora/estagiária Jordana ficou responsável por organizar o laboratório. Já a professora/estagiária Isabel foi para a sala organizar a ida dos alunos. Usou esse tempo, também, para recolher as cartas dos alunos que ficaram para fazer em casa. Enquanto isso, a professora/estagiária Jordana ficou organizando as cadeiras em círculos e instalando o computador.

Quando os alunos chegaram, as cadeiras já estavam em círculo e a professora/estagiária Jordana tinha preparado a televisão para a exibição do *vlog*, gravado no dia anterior, no qual fomos até a Lagoa da Conceição levar as cartas dos alunos para as rendeiras. Os alunos se acomodaram e, enquanto isso, a professora/estagiária Jordana ficou dando os últimos ajustes.

Antes de exibir o vídeo, explicamos onde tínhamos ido, deixando claro a importância daquela experiência para a finalização do projeto de docência.

Durante a exibição, percebemos que os alunos se mostraram bastante empolgados e até emocionados ao verem as professoras/estagiárias entregando a produção deles às rendeiras. Após a exibição pedimos para que cada aluno fizesse uma breve fala, mesmo que uma palavra, sobre tudo que foi trabalhado durante o projeto de docência. As respostas de todos os alunos foram super positivas, e ficamos felizes em saber que os alunos gostaram do nosso trabalho.

Depois da fala de cada um, também fizemos nossas falas, destacando a importância daquele momento e deles para a nossa vivência como professoras, já que eles foram a nossa primeira turma e, por isso, se tornaram importantes para a nossa vida.

Já que nosso gênero textual no projeto docência foi carta, decidimos que a melhor forma de despedida, assim como no início, seria escrever uma carta. Distribuímos, então, a carta

escrita por nós e deixamos que eles lessem, primeiramente, em silêncio. Depois, pedimos para que uma aluna lesse a carta para a turma.

Depois da leitura da carta, as professoras/estagiárias entregaram uma carta também para a orientadora, a fim de agradecer por todo trabalho e orientação exercidos. Após a leitura da carta e entrega de uma lembrança, a orientadora fez uma fala sobre o projeto, a turma e sobre nós, salientando que havia aprendido muito com nossas aulas também.

Depois de todas as falas e agradecimentos, entregamos aos alunos as médias finais do estágio e as atividades de participação corrigidas. Vimos que todos ficaram felizes, já que haviam alcançado seus objetivos com as notas.

Para finalizar a atividade de estágio, a professora/estagiária Isabel explicou como funcionaria nosso *coffee break*. Falou que o cardápio escolhido tinha surgido da resposta de uma das alunas ao nosso questionário, que foi aplicado um pouco antes de iniciarmos a docência. Uma aluna respondeu que “coxinha e pureza”, para ela, eram parte da cultura catarinense. Sendo assim, decidimos trazer esse cardápio para eles.

Colocamos tudo na mesa, decorando a mesma com os bonecos que fizeram parte de muitas das nossas aulas - boi-de-mamão e berruça, e também com um bilro. Percebemos que os alunos ficaram muito felizes com aquela atividade. Enquanto todos comiam, foi possível que estabelecêssemos nossos últimos laços com os alunos. Infelizmente eles, assim como nós, estavam tristes com o fim do projeto.

Quando o sinal bateu, levamos os alunos de volta para a sala de aula e nos despedimos de todos, agradecendo pela experiência compartilhada. Todos nos abraçaram, o que foi uma bonita demonstração de carinho.

Sendo assim, finalizamos o projeto de forma leve e descontraída. Também nos sentimos felizes com o trabalho realizado, sabendo que conseguimos atingir o objetivo de todos os nossos planos, desde que começamos a pensar as aulas para aquela turma.

4.2. RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA COM A ALUNA R.

Em relação a estudante com Síndrome de Down e nível avançado de Deficiência Intelectual, consideramos importante relatar que todas as atividades que desenvolvemos para ela foram planejadas de acordo com as orientações da professora dois da aluna.

Além disso, durante o nosso estágio, sempre uma de nós, a que não era a responsável por conduzir a aula, acompanhava a aluna na realização das suas tarefas. Geralmente, sentávamos ao fundo, ao lado da carteira da estudante e orientávamos a atividade do dia. Apesar

de termos planejado uma atividade adaptada para cada encontro, não conseguimos realizar todas, pois a estudante faltou diversas das nossas aulas.

Nos momentos em que a estudante esteve presente, pudemos perceber que, apesar das dificuldades, a menina se mostrou bastante comprometida com o que nós organizávamos de material para ela. Tentamos ao máximo adaptar todo o conteúdo para que a estudante, além de ser incluída no projeto, também tivesse direito ao mesmo momento de ensino-aprendizagem que os demais colegas.

Em diversos momentos, além de realizar as atividades, a aluna também contribuiu trazendo informações que ela já sabia sobre os conteúdos, o que foi bastante significativo para nós.

Apesar de a professora dois não recomendar que a aluna participasse das equipes, optamos por incluí-la, sim, em uma das equipes e, enquanto os demais colegas faziam as atividades de leitura, ela fazia as atividades adaptadas, mas que se referiam ao mesmo conteúdo. Ela ficou em uma equipe com mais 5 meninas e um menino e a troca entre eles foi enriquecedora. Observamos que a estudante ficou contente em participar com os colegas, e concluímos que foi uma forma que encontramos para não excluir a aluna das nossas atividades.

No mais, a aluna sempre se mostrou muito carinhosa conosco. Chegava e a primeira coisa que fazia era vir nos dar um abraço, quando ainda não estávamos ministrando a aula, pois as vezes ela chegava atrasada. Ficamos também bastante surpresas com o retorno que obtivemos dela, pois pelo o que o professor regente e a professora dois tinham nos comunicado, seria um trabalho difícil, na questão de ensino-aprendizagem por conta da aluna não ser alfabetizada. No entanto, ela correspondeu positivamente a todas as atividades e inclusive participou da atividade de leitura tecida falando o título da obra, o que para nós foi até emocionante.

A experiência de ministrarmos aula em uma turma com uma estudante com necessidades especiais foi extremamente importante para a nossa formação acadêmica, uma vez que, através dessa experiência, pudemos refletir não só sobre a nossa prática docente, mas também sobre o ambiente escolar e como essas duas áreas da Educação agem frente à Educação Inclusiva.

Em seguida, apresentaremos as atividades desenvolvidas com a Aluna R.

IMAGENS

ATIVIDADES REALIZADAS COM A ESTUDANTE R. DURANTE O ESTÁGIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de BortoliHentz
Professor regente: .

ATIVIDADE AVALIATIVA

1) Escreva a palavra RENDEIRA.

RENDEIRA

RENDEIRA

2) Das personagens abaixo, circule aquelas que são rendeiras.



RENDEIRA
N



PROFESSORA

PROFESSORA
PROFESSORA



BALÉ
BALÉ



RENDEIRA
R



BRUJA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Chirley Domingues
Estagiária responsável pela aula: Jordana Machado da Rosa
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano



Pinte o boi de mamão, personagem cultural marcante de Santa Catarina.



FRANKLIN
FRANKLIN

CASCADES
CASCADES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Chirley Domingues
Estagiária responsável pela aula: Isabel Aparecida Mafessolli
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Nono ano -



Contorne a letra inicial do seu nome

 ROSA			
 RELÓGIO			
 ROLINHA			
 RAINHA			

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I

Estagiárias: Isabel Aparecida Mafessolli; Jordana Machado da Rosa
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Professor regente:

Pinte as letras da palavra BRUXA. Em seguida, escreva a palavra.

B R U X A



B R U X A

BRUXA

4.3 REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DO FAZER DOCENTE

Apresentados os planos de aula, os anexos e os nossos relatos de cada um dos vinte e três encontros que ministramos, agora traremos uma análise crítica sobre os principais acontecimentos desse período de estágio. Ressaltamos que essa análise tem como suporte todo o referencial teórico exposto no item 4.3, especialmente as concepções de língua, literatura, avaliação e protagonismo do sujeito.

Feitas essas considerações iniciais, no que tange às concepções de língua e linguagem aqui assumidas, retomamos que adotamos concepções interacionistas. Desse modo, buscamos metodologias que se voltassem para a interação social, mesmo para explicar questões gramaticais. Em relação a esse aspecto, consideramos que atingimos nosso objetivo, principalmente nas aulas em que abordamos o fenômeno de variação linguística. De início, encontramos resistência por parte dos alunos em entenderem que certas variantes não são “erros”, mas sim um modo diferente de se comunicar. Com o andamento das aulas, conseguimos fazer com que eles refletissem sobre o fato de a língua estar em constante movimento, principalmente no momento que trouxemos um vídeo com a fala típica *manezinha* atual e o apresentamos juntamente com o texto de Franklin Cascaes, que apresenta transcrições dessa mesma fala, só que agora do século XX. Esse encontro fez com que os alunos percebam que a língua está em constante mudança e que a interação com o outro é essencial para entendermos e promovermos essas transformações linguísticas. Ademais, conseguimos mostrar a eles o quanto a língua muda ao analisarmos cartas do século XIX, que continham uma ortografia diferente da utilizada atualmente, de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Nessa atividade, além de os estudantes perceberem alterações linguísticas na escrita, pudemos refletir, nos momentos em que íamos aos grupos, sobre as diferenças entre a fala e a escrita também, reforçando o conteúdo de variação linguística.

Ainda nessa mesma linha de reflexão, pensando sobre as concepções de língua e linguagem por nós adotadas, vale a pena fazermos algumas considerações sobre as aulas em que os conteúdos foram voltados à gramática. Foram dois os encontros que abordamos mais diretamente tópicos gramaticais. Nesses encontros, criamos dinâmicas que proporcionaram a interação do aluno com o próprio fenômeno linguístico, como foi o caso da dinâmica de apresentação, dos momentos que trouxemos escritos dos próprios alunos para que eles refletissem sobre a língua e da aula em que trouxemos músicas e *tweets* – dois aspectos que fazem parte da vivência dos estudantes – para eles analisarem a língua. Essas estratégias foram

o modo que encontramos de seguirmos o pedido do professor regente e abordar, principalmente, os tipos de orações subordinadas adverbiais sem não nos distanciarmos daquilo que acreditamos como concepção de língua.

O resultado em todas as atividades mencionados foi aquilo que esperávamos: os alunos, além de interagirem conosco, passaram por um processo de ensino-aprendizagem que contribuiu para que eles percebessem que a língua está em constante movimento e que a interação com o outro é essencial para o entendimento da mesma.

Já a concepção de sujeito a qual nos filiamos, nos ajudou a elaborar atividades que permitissem que os nossos alunos saíssem da Zona de Desenvolvimento Iminente e fossem para a Zona de Desenvolvimento Real, bem como tivessem oportunidades de exercerem o papel de sujeitos constituídos, considerando sempre o que nossos alunos construíram de aprendizado, mas também valorizando aquilo que eles traziam na sua bagagem. Por conta disso, em todos os momentos de aulas expositivas, tentamos envolver os estudantes com provocações de forma que eles falassem sobre aquilo que já sabiam do assunto, valorizando também o protagonismo do aluno através dessas informações que eles já carregavam consigo. No início, os alunos se mostraram mais tímidos e não compartilharam tanto conosco. Agora, no decorrer do projeto, foram participando mais das aulas. Apesar dessa participação não ter sido tão efetiva da forma como gostaríamos, surgiram momentos de trocas entre os próprios alunos sobre aquilo que eles conheciam do assunto. Essas trocas, por vezes, causaram conversas paralelas, mas, acreditamos que pelo menos, houve esse encontro de informações e de algum modo nosso objetivo foi atingido. Um exemplo disso foi a aula em que trabalhamos propriamente dito com os personagens da cultura catarinense. Os alunos não participaram tão ativamente como queríamos, mas entre eles comentavam cada personagem.

Em relação a nossa filiação literária, consideramos que atingimos o nosso maior objetivo: fazer com que os nossos estudantes praticassem leituras durante o nosso projeto e leituras literárias. As nossas estratégias colaboraram para a boa aceitação da leitura por parte dos estudantes. A leitura tecida, apesar de alguns problemas na sua execução foi um sucesso: os alunos se mostraram bastante empolgados, principalmente quando mostramos o livro a eles e eles perceberam que haviam realizado a leitura de uma obra integral em menos de quinze minutos e que essa leitura não havia sido chata, conforme eles imaginaram que seria. Outra atividade bastante significativa nessa questão foi a leitura dos contos de Franklin Cascaes. Todos os estudantes se mostraram bastante envolvidos com a dinâmica e fizeram a leitura atenta dos textos, fazendo também um trabalho de pesquisa das variantes linguísticas. Ademais,

quando sobrava algum tempo entre uma atividade e outra, distribuíamos crônicas de Marina Colasanti a eles. Alguns alunos realmente liam as crônicas, em um caráter de leitura de fruição e isso foi bastante significativo. Por último, vale mencionar o momento em que foi realizada a leitura de *Vassoura Bruxólica*, de Franklin Cascaes e do conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Estávamos receosas com a recepção da turma, pois pensávamos que eles poderiam conversar e não prestar atenção. Para a nossa surpresa, em ambos os momentos, os alunos se mostraram atentos, tornando esses momentos bastante prazerosos, além, é claro, de ter se treinado a habilidade de escuta dos estudantes.

Destacamos também que todas as nossas metodologias, bem como todas as estratégias e recursos foram pensadas de forma que colocássemos nossos estudantes como protagonistas do próprio processo de ensino-aprendizagem. Consideramos que atingimos esse objetivo, principalmente nas atividades em grupo, em que era possível observamos os estudantes debatendo, expondo suas opiniões e discutindo questões pertinentes da aula e também nas atividades de produção escrita de carta, principalmente a carta de escrita para o eu do futuro, em que eles puderam fazer uma autoanálise da sua própria vida.

Já sobre a concepção de produção escrita que decidimos seguir durante a preparação do projeto de docência, vale refletir sobre o que conseguimos e o que não conseguimos atingir como objetivos.

Primeiramente, pensando na reflexão feita no início do tópico definido para essa abordagem, destacamos que em vários momentos os alunos se perguntavam sobre o motivo de escrever algumas das produções, principalmente por ser o gênero *carta* nossa principal temática trabalhada. Essas perguntas surgiram, principalmente, durante a escrita da carta do “eu” do futuro, escrita essa que fez ressurgir temáticas muito pessoais dos alunos.

No primeiro contato que tiveram com o tema, houve certo desconforto, por se tratar de algo pessoal. Porém, como conseguimos construir com os alunos um forte laço de confiança durante nosso período de docência, surgiram muitas cartas e muitos relatos interessantes. Sendo assim, entendemos que o objetivo da atividade e o entendimento deles sobre perguntas como “para quê eu devo escrever? O que isso mudará na minha vida?” foi atingido.

Nossa maior preocupação sempre foi a de que os alunos não entendessem por qual motivo estavam produzindo aquele texto. Por esse motivo, pensamos sempre atividades que seguissem uma linha contrária a esse tipo de pensamento, nunca pensando no “escrever por escrever”, mas sim pensando no escrever com algum intuito, a importância do escrever para o

outro, como Geraldi (1993) propõe e para si mesmo, para a sua própria reflexão, colocando o aluno sempre como protagonista de sua própria escrita.

Levando em consideração isso, e pensando no que defendemos e já citamos anteriormente, vale ressaltar que toda nossa construção de atividades de produção escrita se pautou no que Geraldi (2008) argumenta, então, que “escrever significa conscientizar-se da sua própria “fala”, ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração”. (GERALDI, 2008, p. 169).

Pensando, também, no que Bunzen (2009) propõe, refletimos sobre uma das grandes problemáticas dos processos de produção textual ser o enfoque na estrutura composicional e não na liberdade do aluno, vale ressaltar que sempre deixamos os alunos livres sobre quais temas trazer para as escritas. Claro que concordamos ser importante seguir as instruções recomendadas, porém, toda e qualquer informação extra, que foi trazida de fora ou da vivência dos alunos, foi considerada importante, sendo assim possível que o aluno expresse sua criatividade.

Nas produções de cartas para as rendeiras percebemos muitos desses aspectos, já que os alunos trouxeram não só o que aprenderam conosco no projeto, mas também suas opiniões críticas, construtivas e positivas sobre a importância das rendeiras para a cultura catarinense.

Um ponto importante para refletir teoricamente sobre nossa vivência na docência foi a possibilidade de reescrita, que sempre foi proposta para os alunos, em todas as produções escritas. Como Menegolo; Menegolo (2005) propõe a importância de o sujeito autor dialogar com a sua própria produção, assim o fizemos. Nas correções, sempre colocamos os pontos positivos e as sugestões do que o aluno poderia melhorar no processo de reescrita. Também ficamos sempre à disposição durante esse processo, para qualquer dúvida que surgisse.

Nossas aulas utilizaram alguns recursos tecnológicos. Sobre isso, é importante ressaltar o que Domingues (2017) aponta e defende, que os professores precisam se aproximar dessa nova era, construir suas aulas pensando que essas ferramentas estarão sempre disponíveis, e utilizá-las de forma positiva. Sendo assim, a maior parte das nossas aulas expositivas foram feitas com apresentação de *slides*. Somente em uma dessas aulas o recurso não nos favoreceu, já que a aula ficou muito longa e, por isso, os alunos se dispersaram em alguns momentos. Concluímos, então, que não devemos organizar aulas expositivas (com a utilização de *slides*) tão longas, pois isso foi determinante nos problemas que tivemos nessa aula, em específico.

Já nas outras, em que não organizamos *slides* tão longos, ou que seguissem uma mesma ordem de temas (ou seja, temas que variam durante uma mesma aula), o recurso tecnológico

utilizado por nós foi muito positivo. Vale ressaltar que a escola sempre esteve apta a nos possibilitar os recursos tecnológicos necessários, como projeto multimídia, televisão e computadores.

A concepção de ensino que apresentamos estava pautada em alguns documentos, principalmente no que diz respeito à BNCC, pensando o que alguns teóricos discutiam sobre ela, algumas questões de currículo e o documento oficial da escola - o Projeto Político Pedagógico.

Levando em consideração aspectos de documentos como esses, mas também pensando nas discussões que acompanhamos durante formações de professores que aconteceram em nosso período de docência, concluímos que as atividades e aulas organizadas por nós estavam pautadas em muitas das concepções que esses documentos defendem. O Projeto Político Pedagógico da escola, por exemplo, aponta que as atividades precisam ter uma forma de recuperação. Pensando isso, como já dito anteriormente, todas as atividades pensadas por nós apresentavam a possibilidade de reescrita.

Para além disso, nossas aulas tinham outros aspectos importantes se considerarmos o ensino de língua portuguesa nas escolas e o processo de ensino-aprendizagem, como: leitura literária, leitura de fruição, o aluno sendo colocado como protagonista e, o mais importante, valorização da cultura local, já que nosso projeto de docência apresentou, como tema principal, “(re)tecer” a cultura catarinense, e assim fizemos em todas as nossas aulas.

Ainda sobre essa questão da valorização da cultura local, vale ressaltar nossa saída de campo até o BRDE. Esse tipo de atividade reflete muito sobre o que Szymanski; Méier (2014) já apontou: é importante que o aluno possa sair da escola não somente apto para o trabalho, mas também refletindo sobre a sociedade e o espaço em que vive. Valorizar a cultura local, como fizemos, é uma forma de garantir esse tipo de reflexão para o sujeito.

Para finalizar essa reflexão sobre as aulas podemos refletir por último, mas não menos importante, sobre a concepção de avaliação que adotamos para o projeto de docência e pensar sobre as possibilidades que a mesma nos proporcionou de avaliarmos da melhor forma os alunos do nono ano.

Sobre a importância da valorização da avaliação como um movimento processual, que Suassuna (2017) aponta, acreditamos que foi possível concretizar o que esperávamos. Durante a observação, houve momentos em que tivemos dúvidas sobre quais seriam as atividades a serem desenvolvidas com aquela turma, principalmente no que diz respeito à reflexão que os alunos teriam durante esses processos.

Na nossa convicção é importante, também, considerar a participação dos alunos nas aulas, não só as atividades escritas que valem uma “nota cheia”. Sendo assim, sempre desenvolvemos atividades que os fariam pensar, refletir e discutir em grupos, pensando exatamente nessa avaliação processual. Alguns conseguiram atingir seus objetivos, outros não. Os que não conseguiram foi, principalmente, por falta. Os que conseguiram, estavam sempre presentes nas aulas e participando, na medida do possível.

O nono ano que acompanhamos tinha certa dificuldade em socializar. Acreditamos que esse foi nosso maior desafio. Sendo assim, refletiremos sobre essas práticas pensando que, talvez, fosse melhor realizar aquelas atividades de outra forma. Como se sabe, nem toda turma é igual, cada uma reage de uma forma a cada tipo de atividade proposta.

Quando as avaliações eram escritas, percebemos que os alunos se envolviam mais. Quando as atividades eram em grupo, eles conseguiam atingir o objetivo principal; infelizmente, só não conseguiam socializar para a turma. Entendemos que esse tipo de comportamento vem de um histórico em que não é comum esse tipo de prática.

Acreditamos que a avaliação processual, ou seja, a possibilidade de reescrita, foi a melhor forma de avaliar os alunos levando em consideração esse tipo de prática avaliativa. A partir de nossas ponderações, os alunos conseguiam atingir seus objetivos, sempre entendendo e produzindo melhor sobre o gênero estudado. Sendo assim, atingimos o que Lórdelo; Rosa; Santana (2010) avaliam como importante ferramenta de ensino-aprendizagem.

Para finalizar, apontamos a importância de sistematizar o gênero durante nosso projeto de docência. Sempre que trabalhávamos um gênero, no nosso caso, carta e resumo, havia aulas expositivas sobre os mesmos. Essas aulas possibilitaram o resgate de conhecimentos para alguns, e o primeiro contato para outros.

Concluindo estas reflexões, entendemos que nossos alunos atingiram os objetivos que propusemos no nosso projeto. O retorno que tivemos foi positivo e motivador, para que possamos levar essas aulas e essas dinâmicas de trabalho para outras turmas, futuramente.

5. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Nesse tópico, abordaremos as experiências que tivemos no espaço da instituição escolhida para o estágio. Além disso, refletiremos sobre a importância das vivências nesse espaço, assim como a relevância de se fazer presente em todas as atividades de uma escola, já que estávamos convivendo e participando de tudo que era proposto para o corpo docente.

As atividades serão divididas em alguns subtópicos a fim de que seja mais fácil compreender cada uma das experiências vividas por nós.

5.1 CONSELHO DE CLASSE

Durante o período de observação, já no final, aconteceram os conselhos de classe do segundo trimestre letivo. Como estávamos na última semana de acompanhamento das aulas da turma, que terminou no início da mesma, acabamos não sabendo da data correta e, quando fomos olhar, infelizmente, o conselho de classe da nossa turma já havia acontecido. Vale ressaltar que essa atividade é dividida por turmas e, por algum motivo institucional, o conselho de classe do nono ano que estávamos acompanhando aconteceu um dia antes dos outros nonos anos. Além disso, o professor regente estava afastado e não conseguiria acompanhar o conselho de classe da turma. Sendo assim, não conseguimos acompanhar essa atividade dos professores.

Mesmo que não tenhamos conseguido acompanhar essa atividade, consideramos a importância e relevância dela, para compreender os processos de ensino-aprendizagem e rendimento da turma durante aquele período do ano escolar que foi nos possibilitado observar. Atividades como essa precisam ser para que os professores possam dialogar sobre as turmas e as formas possíveis de mudanças, para melhor aproveitar as aulas e os conteúdos de cada disciplina.

5.2 QUESTIONÁRIO DO GOVERNO

No dia 29 de setembro de 2019 estávamos na metade do período de observação. Chegamos para observar uma das aulas de língua portuguesa e, logo no início, fomos informadas de que os alunos iriam até o laboratório de informática para responder um questionário organizado pelo governo federal, a fim de refletir sobre as mudanças no ensino médio. Como estávamos observando um nono ano e, no próximo ano, eles iriam para o ensino

médio, era de suma importância que eles respondessem esse questionário, já que acompanhariam, desde o início, todas as mudanças propostas.

Tivemos a experiência de acompanhar os alunos enquanto respondiam os questionários, assim como também tivemos a possibilidade de responder as questões que os alunos estavam respondendo.

Refletimos, então, sobre a importância e seriedade de um questionário como esse, que pode ser o principal definidor das mudanças que estão por acontecer nos programas de ensino médio das escolas de todo o país. Participar deste tipo de experiência é gratificante, já que somos nós as profissionais que estarão, também, atuando em conjunto com esse novo panorama da educação. Lembrando sempre que, uma mudança assim, precisa ser pensada e revista por profissionais capacitados para a mesma.

5.3 SETEMBRO AMARELO

Na nossa última semana de observação acompanhamos algumas atividades semanais que aconteceram na instituição ligadas ao tema setembro amarelo. Nos dias que observamos, alguns alunos estavam vestindo camisetas do tema e, no hall de entrada da escola, havia várias mensagens importantes, que remetiam sempre à valorização da vida (ANEXO C).

Ao observar esse tipo de atividade, concluímos que é de suma importância a discussão de temas como esse no espaço escolar. Tivemos experiências com alguns alunos que confirmam a relevância desse tipo de diálogo para que haja a instrução correta em casos de alunos que precisam de acompanhamento. Além disso, a escola possui um espaço, chamado NEPRE (Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola), que é exatamente para realizar esse tipo de auxílio aos professores, quando se deparam com alguma situação que precise de uma atenção maior.

5.4 SEMANA MULTICULTURAL

Durante nosso período de docência, aconteceu na instituição a semana multicultural. Nesse período, os alunos tinham o recreio e a quarta aula livres para que pudessem realizar e acompanhar atividades diferenciadas. Como nossas aulas eram nas terças, quartas e quintas-feiras, sempre ficávamos assistindo as apresentações dos alunos no pátio, e também acompanhando as atividades culturais que aconteciam no hall de entrada da instituição.

As atividades variaram entre: apresentações musicais, apresentações de dança, apresentações dos grupos de ginástica rítmica da escola, exposições (que sempre aconteciam no hall de entrada da escola) e manifestações culturais. No último dia da semana multicultural (sexta-feira) aconteceu o show de talentos, esse que infelizmente não conseguimos acompanhar. Porém, fomos informadas de que alguns dos nossos alunos do nono ano tocaram e cantaram uma música, o que nos deixou muito felizes.

Nosso projeto de docência girava em torno da figura das rendeiras, a fim de resgatar a cultura catarinense. Em um desses dias da semana multicultural, tivemos o prazer de acompanhar a visita de algumas rendeiras na instituição (ANEXO C). Claro que informamos aos alunos sobre a vinda delas à instituição, pedindo que eles fossem acompanhar aquela atividade no hall de entrada.

A visita das rendeiras foi muito proveitosa para todos que acompanharam, e o hall de entrada ficou lotado de alunos e professores, interessados em acompanhar uma tradição tão importante para a cultura catarinense. Enquanto rendavam, um aluno acompanhava cantando algumas cantigas de ratoeira junto com elas. Foi um momento de grande aprendizado e nós, assim como para nossos alunos, pudemos desfrutar de uma experiência tão importante como aquela.

Durante a manifestação cultural, aproveitamos para conversar com algumas rendeiras sobre a possibilidade de entregar as cartas dos alunos, que seriam desenvolvidas nas atividades finais do projeto, para elas. A resposta foi positiva e agendamos a ida até o casarão na Lagoa da Conceição, onde elas costumavam ficar durante a semana fazendo renda. No dia marcado, as cartas foram entregues e gravamos o *vlog*, que foi exibido na última aula, fechamento do projeto de docência.

5.5 OUTUBRO ROSA

Durante uma semana do mês de outubro, a instituição trabalhou o tema outubro rosa, que é dedicado à prevenção de várias doenças que ocorrem em mulheres, principalmente o câncer de mama. Nesse período, aconteceram algumas exposições no hall de entrada da instituição e, também, algumas atividades de palestras para alunos e professores.

Além disso, fomos convidadas pelos professores a usarmos uma peça de roupa rosa na última quarta-feira do mês de outubro, a fim de nos manifestarmos positivamente sobre essa campanha, tão importante para a saúde da mulher. Nesse dia, então, chegamos à instituição com uma camiseta rosa, assim como todos os outros professores que estavam presentes naquele dia.

5.6 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É uma prática comum que as instituições ofereçam formações aos professores durante o período escolar. Dessas formações, duas aconteceram enquanto estávamos vivenciando o período de docência. Acompanhamos a última delas, que estava relacionada à primeira e apresentava discussões sobre a BNCC e o documento oficial de Santa Catarina, que está sendo organizado sob à luz da BNCC.

Durante a reunião, acompanhamos as discussões que estavam acontecendo entre professores da área de linguagens. A formação aconteceria durante os dois períodos, matutino e vespertino, mas nos foi possível acompanhar apenas o período matutino. Nesse caso, os professores estavam fazendo a leitura da base, já adaptada para o estado de Santa Catarina. Vale ressaltar que apenas o modelo para ensino fundamental está finalizado, o de ensino médio, devido às reformas, ainda não foi concluído.

Durante a leitura, a orientadora pediu para que pensássemos sobre quais práticas já havíamos conseguido atingir durante o projeto de docência, no que diz respeito às competências da disciplina. Ficamos felizes em saber que atingimos muitas dessas competências através das nossas aulas e práticas com a turma do nono ano que nos foi indicada para o projeto.

Para finalizar, vale ressaltar que essas mudanças nos documentos são processos necessários, mas que precisam sempre de atenção, já que a importância de ter um documento como esse de base é algo que não podemos deixar de pensar, porém, sempre devemos estar abertos às indicações de mudanças necessárias para um melhor processo de ensino-aprendizagem.

5.7 A EXPERIÊNCIA NA SALA DOS PROFESSORES

Nesse último subtópico, abordaremos a importância da convivência com os professores de uma instituição no espaço destinado a isso: a sala dos professores. Enquanto estávamos vivenciando esse período, conhecemos muitos professores, de todas as áreas. Esses professores, sempre que possível, trocavam suas experiências conosco, quase sempre de forma motivadora.

No que diz respeito à convivência, sempre mantivemos uma relação boa com os professores, tanto que alguns cederam suas aulas para que fosse possível concluir algumas das nossas aulas. Sendo assim, percebemos que a relação dos professores na instituição, entre eles, é muito boa e sempre é possível manter um diálogo quando algo é necessário.

Como forma de agradecimento a todo esse período, em que os professores nos cederam seu espaço e tempo, decidimos que seria muito proveitoso organizar um café para eles no nosso último dia na escola. Sendo assim ofertamos, junto com a orientadora Maria Izabel e as outras duplas de estágio, um café para os professores. A atividade foi de grande importância para nós, já que recebemos muitos agradecimentos, pelo reconhecimento que tivemos com eles e com o trabalho tão importante que realizam na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A graduação é um período em que estamos sempre cercados de dúvidas e incertezas. Em muitos momentos, nos colocamos em dúvida, principalmente, se devemos ou não seguir a profissão de ser professor, ainda mais se levarmos em consideração o cenário atual. Esse projeto, agora concluído, possibilitou termos as certezas que buscávamos. Conseguir colocar em prática todas as aulas que pensamos, com tanto carinho e dedicação, é o que nos motiva a continuar e a querer seguir em frente com a profissão que escolhemos, tentando de todas as formas possíveis mudar o atual cenário da educação.

Acreditamos, então, que conseguimos alcançar todos os nossos objetivos com as aulas. Sentimos que nossos alunos realmente saíram desse projeto agregando conhecimentos que serão levados para a vida. Para além disso, também possibilitamos que eles refletissem sobre si mesmos e sobre a importância de aproveitar, de todas as formas, a vivência escolar.

Através do gênero textual carta, nossos alunos refletiram sobre muitas coisas. Além disso, consagrar como gênero principal de um projeto esse que é um gênero desconhecido para muitos adolescentes foi um desafio, mas também algo que trouxe para eles (e para nós) memórias que jamais vamos esquecer.

Além disso, durante a elaboração e preparação do projeto e de todas as aulas, foi possível compreender e refletir sobre a importância do fazer docente. É importante destacar o quanto é significativo que o professor esteja sempre envolvido e entregue em todas as atividades que propõe, fato esse que tentamos (e acredito, conseguimos) demonstrar e realizar com veemência. Porém, entendemos que a maioria dos professores, nos dias atuais, vive em uma realidade que não possibilita uma carga horária suficiente para tal, já que a maior parte já é ocupada com a carga horária das aulas. Sendo assim, destacamos o quanto foi importante conviver e aprender com um professor regente que, para além disso, nos ensinou o quanto é importante a dedicação total, mesmo com tão pouco tempo possível para a preparação das aulas.

Finalizamos o projeto de (re)tecer a cultura catarinense com a certeza de que realizamos, de fato, isso através de todas as nossas aulas e processos de aprendizagens que vivenciamos, como professoras, agradecidas por toda a vivência dentro da Instituição escolhida e muito mais preparadas para a próxima (e última) etapa que está por vir antes da nossa formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eudes; FRANCISCHINI, Rosangela. A constituição do sujeito: Vigotski e a perspectiva histórico-cultural. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/7569/7466>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

ANDRADE, Rosimeire Costa de. A rotina da pré-escola na visão das professoras, das crianças e de suas famílias. 2007. 301f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO. 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929].

BUZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS A. R.; RITTER, L. C. B. (org.) Concepções de linguagem e ensino. Maringá: EDUEM, 2005. (Formação do professor. EAD 18). v. 1, p. 27-79.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 2004.

CEIA, Carlos. Horizonte de expectativa. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/horizonte-de-expectativas-erwartungshorizont/>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

CRUZ, Aline. Onde está a literatura catarinense?: Dos PCN's à biblioteca escolar. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Gestão da Informação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/3015/aline_cruz.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2019.

DOMINGUES, Chirley. Entre o sensível e o inteligível: a formação do leitor literário, no ensino médio, é possível? 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180693>>. Acesso em: 20 set. 2019.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, 2010.

_____. O texto como parte do conteúdo de ensino. In: GERALDI, João Vanderley. Portos de Passagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Ciclos em revistas: Mediações pedagógicas no processo de produção de textos. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

_____. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1999.

GROSSI, Gabriel Pillar. Leitura e sustentabilidade. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, abr. 2008.

IURKIV1, Renilce Aparecida; MATSUDA, Alice Atsuko. Leitura: Ampliando os horizontes de expectativa. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_port_artigo_renilce_aparecida_iurkiv.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2019.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Livia Mara Menezes; RIBEIRO, Viviane Salvador. O estudante como protagonista da aprendizagem em ambientes inovadores de ensino. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

LORDÊLO, José Albertino Carvalho; ROSA, Dora Leal; SANTANA, Lisa de Almeida. Avaliação processual da aprendizagem e regulação pedagógica no Brasil: implicações no cotidiano docente. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4555>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

MENEGHEL, Stela Maria; KREISCH, Cristiane. CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO E PRÁTICAS AVALIATIVAS NA ESCOLA: ENTRE POSSIBILIDADES E DIFICULDADES. 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3393_1920.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

MENEGOLO, Elizabeth Dias da Costa Wallace; MENEGOLO, Leandro Wallace. O significado da reescrita de textos na escola: a (re)construção do sujeito-autor. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v4/v4a08.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

NICOLA, Jéssica Anese; PANIZ, Catiane Mazocco. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. Disponível em: <<https://ojs.ead.unesp.br/index.php/nead/article/view/InFor2120167>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

Projeto Político Pedagógico. 2017. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/a-escola/8-secretaria/27859-projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em: 12 set. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. 1999. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>>. Acesso em: 23 set. 2019.

SILVA, Janaina Cassiano; HAI, Alessandra Arce. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal na educação infantil: apropriações nas produções acadêmicas e documentos oficiais brasileiros. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n2p602>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; MOURA, Maria Aparecida. A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100010>. Acesso em: 03 jul. 2019.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SUASSUNA, Livia. Avaliação da escrita escolar: a importância e o papel dos critérios. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n66/0104-4060-er-66-275.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

SZYMANSKI, Maria Lúcia Sica; MÉIER, Wander Mateus Branco. CONCEPÇÕES DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: SUPERANDO A BUROCRACIA CURRICULAR. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/2329>>. Acesso em: 24 set. 2019.

TOMAZONI, Eloara. A importância da produção textual escrita em concepções de professores de língua portuguesa de terceiro e quartos ciclos. 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22432/22432.PDF>>. Acesso em: 23 set. 2019.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A. N. Vigotski. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 12.ed. São Paulo: Ícone, 2012, p. 21 -38 (Texto original publicado em 1924).

ANEXOS

ANEXO 1 - IMAGEM DA ANEDOTA DO LIVRO DIDÁTICO

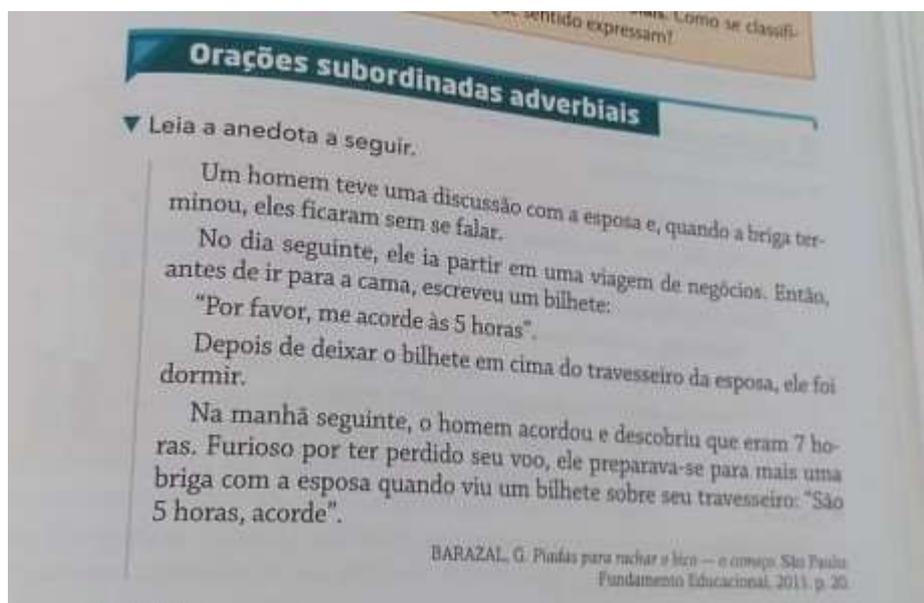


Imagem 1: Livro didático

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DA TURMA DE NONO ANO

QUESTIONÁRIO | PERFIL E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Querida(o) estudante, este QUESTIONÁRIO visa coletar dados e informações que nos possibilitem conhecê-la(o) de modo mais abrangente. Solicitamos que, por gentileza, responda com bastante sinceridade a todas as questões aqui apresentadas, uma vez que é relevante conhecermos suas vivências, preferências e práticas de leitura e escrita. Sua participação é extremamente importante!

Equipe de Estágio do Curso de Letras Português (MEN-CED-UFSC/LLV-CCE-UFSC)

PARTE I - PERFIL

1. Nome Completo:

2. Idade:

3. Indique:

• Cidade e Estado onde nasceu:

• Cidade e Bairro onde mora atualmente:

• Com quem você mora:

• Como você vem para a escola:

5. Nível de escolaridade dos responsáveis:

Responsável I: _____

() Ensino Fundamental I

() Ensino Fundamental II

() Ensino Médio

() Ensino Superior

() Outro: _____

5. Você trabalha? Se SIM, qual é a sua profissão?

6. Você costuma participar de atividades culturais? Caso a resposta seja SIM, o que você faz nos momentos de lazer? (Pode assinalar mais de uma opção.)

A. Navega na internet.

B. Vai ao teatro.

C. Ouve rádio.

D. Vai ao cinema.

E. Assiste a programas na televisão.

F. Frequenta exposições de arte, museus etc.

G. Outros: _____

PARTE II - FAMILIARIDADE COM O USO DE TECNOLOGIAS

7. Você tem acesso à internet em casa?

A. SIM

B. NÃO

5. Nível de escolaridade dos responsáveis:

Responsável I: _____

- () Ensino Fundamental I
- () Ensino Fundamental II
- () Ensino Médio
- () Ensino Superior
- () Outro: _____

Responsável II: _____

PARTE II - FAMILIARIDADE COM O USO DE TECNOLOGIAS

7. Você tem acesso à internet em casa?

- A. SIM B. NÃO

8. Você acessa à internet pelo celular?

- A. SIM B. NÃO

9. Você tem computador em casa? Se SIM, com que frequência costuma usá-lo?

- A. SIM: _____ B. NÃO

10. O que você gosta de fazer quando usa a internet? Em quais sites, dentre as opções abaixo, você costuma navegar?

- A. Blogues e sites de jogos e/ou filmes
- B. Jornais e revistas digitais
- C. Fóruns de discussão
- D. Outros: _____

11. Quais redes sociais você costuma utilizar cotidianamente?

- A. Facebook
- B. Whatsapp
- C. Instagram
- D. Tinder
- E. Snapchat

17. Qual metodologia você prefere?

- A. Trabalhos individuais
- B. Trabalhos em grupo
- C. Aula expositiva
- D. Debates

18. Indique espaços em que você tem interação mais abrangente com o aprendizado dos conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa.

- A. Sala de aula.
- B. Laboratório de Língua Portuguesa.
- C. Laboratório de informática.
- D. Biblioteca.
- E. Outros: _____

F. YouTube
G. Outros: _____

12. Você considera a internet uma fonte de pesquisa confiável?

A. SIM B. NÃO

13. Você utiliza a internet para realizar seus trabalhos escolares?

A. SIM B. NÃO

14. Se sim, costuma citar a(s) fonte(s) consultada(s) para não correr o risco de ser acusado(a) de plágio?

A. SIM B. NÃO

PARTE III - VIVÊNCIAS DA(O) ESTUDANTE NA ESCOLA

15. Você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? Por quê?

16. Quais são as atividades que você mais gosta de realizar, quando são solicitadas?

- A. Produção textual individual.
- B. Leituras.
- C. Exercícios de interpretação de texto.
- D. Atividades gramaticais.
- E. Projetos que envolvem leitura e produção de textos.
- F. Outras: _____

19. É a primeira vez que a sua turma tem estagiárias?

A. SIM B. NÃO

PARTE IV – LEITURA, PRODUÇÃO ESCRITA, GRAMÁTICA E CULTURA CATARINENSE

20. Você tem o hábito de ler?

- A. Sim
- B. Não
- C. Apenas o que os professores pedem na escola.
- D. Somente posts de redes sociais.

21. Caso tenha respondido “sim” a pergunta anterior, responda: O que você costuma ler?

22. Você considera que a leitura seja importante? Por quê?

23. Você conhece algum autor de literatura catarinense?

A. Sim Qual? _____
B. Não

24. O que você conhece da cultura catarinense? (Personagens, histórias, costumes, comidas típicas).

25. De acordo com as opções, classifique se você considera que compreendeu os conteúdos referentes a orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais)?

- A. Ruim
- B. Pouco
- C. Médio
- D. Bom
- E. Ótimo

Se você tem facilidade em alguma das classificações de orações subordinadas, aponte.

26. Você costuma produzir textos?

- A. Sim Qual gênero (conto, crônica, diário, etc)? _____
- B. Não
- C. Apenas o que os professores pedem na escola.
- D. Somente posts de redes sociais.

27. Você considera que seja importante produzir textos em sala de aula? Por quê?

28. Qual a sua maior dificuldade quando lê um texto?

- A. Não entendo.
- B. O autor escreve difícil.
- C. Não tenho tempo.
- D. Não gosto de ler.
- E. Não gosto do assunto tratado no texto.
- F. Nenhuma.

29. Qual gênero do discurso você gostaria de escrever nesse projeto de letramento?

- A. Entrevista
- B. Artigo
- C. História em quadrinhos
- D. Crônica
- E. Conto
- F. Reportagem
- G. Notícia
- H. Resenha
- I. Receita (culinária)
- J. Debate regrado
- K. Outro(s): _____

Q28. Qual suporte você escolheria para publicar os textos dos colegas de sua turma (incluindo você)?

- A. Blogue(s)
- B. Rádios
- C. Redes sociais
- D. Murais
- E. Jornais
- F. Revistas
- G. Fóruns de discussão
- H. Outros: _____

AGRADECEMOS POR VOCÊ TER COLABORADO

ANEXO 3 – CRÔNICAS DE MARINA COLASANTI

Texto I: Os seguidores de vivi

Aproxima-se de dois milhões o número de seguidores de Vivi Guedes.

O que é Vivi Guedes? A mais plena inexistência.

Quase dois milhões de pessoas acompanham no celular passos que nunca pisaram chão, atraídos por uma pessoa que nunca existiu. Voam, como cupins, ao redor de uma lâmpada apagada.

A personagem Vivi Guedes sequer é simpática. Menina mimada cheia de trejeitos ridículos, só faz posar no estúdio com roupas puramente cenográficas, não frequenta desfiles, não se debruça sobre revistas de moda, nunca foi vista com um livro na mão ou pegando um copo d' água, não viaja para as semanas de desfiles internacionais- embora dinheiro para isso não lhe falte- e nem ao salão de beleza ela vai. Vivi Guedes, ao contrário dos digital influencers, pouco ou nada faz, além de jogar os cabelos para um lado e para o outro. Quem rala em lugar dela é Kim, que talvez por isso vive tomando pílulas e mamando na sua garrafinha.

O que buscam esses quase dois milhões de pessoas ao acessar uma fake digital influencer, empenhando nisso parte do seu tempo?

Soube, mas pode não ser verdade, que quem cuida das redes sociais de Vivi é um homem, um roteirista. A ser assim, não teríamos sequer a identificação feminina, a cumplicidade.

Podemos aventar algumas hipóteses:

- querem ser influenciados pelo sucesso achando que influência é o início do caminho para os tapetes vermelhos.
- buscam a proximidade com o sucesso, qualquer sucesso, deslumbradas por ele, sem questionar de que forma foi obtido.
- pouco se importam com a veracidade do que seguem, desde que a mentira seja apresentada com roupagens de verdade e permita um desfrute prazeroso.
- esquecem ou preferem ignorar que Vivi é um suporte publicitário, e que “suas” redes sociais foram criadas pela emissora da novela para expandir o campo de ação iniciado com a vitoriosa campanha da Fiat.
- pouco acostumados com literatura, confundem realidade, personagens, e atores – Agatha Moreira foi agredida na rua por conta das maldades cometidas por sua personagem Jô.
- sabem, no fundo, que na modernidade tudo é máscara, tudo é construção de imagem. Afinal, não há grande diferença entre seguir a família Kardashian e seguir Vivi Guedes. Ambos são invenções. Uma de Kris Jenner, a matriarca da família, construtora e empresária de todos os filhos, a outra de Walcyr Carrasco. Kim Kardashian ganhou o prêmio CFDA como maior influenciadora do mundo e pode ter servido de inspiração para a criação de Vivi, embora seu reality e sua marca de cosméticos KKW Beauty devam lhe dar trabalho.

Cerca de dois milhões de pessoas – por enquanto, pois a tendência é que o crescimento de seguidores estimule mais pessoas a aderir ao bando – não se importam de serem manipuladas. Vivi Guedes não pode dar conselhos de vida, já que sua vida virou um mingau após o casamento e mesmo antes estava bem confusa. Vivi Guedes só pode dar conselhos de beleza ou de moda, e os conselhos de Vivi são conselhos de vendedora. Para isso os dá, para vender produtos sob a chancela do sonho. Assim na arte como na política. Leio no jornal a respeito de Witzel que já está em campanha: “Há dúvidas no seu núcleo

duro sobre qual a melhor versão a se construir da sua imagem até 2022”. Não duvidemos de que alguns milhões de pessoas votarão nessa imagem construída.

Texto 2: Há sempre alguém

Chovia, e eu a caminho do banco — ainda sou daquelas que vão ao banco pagar contas. Dobrei a esquina e, diante do botequim que em dias mais amenos acolhe os moradores da comunidade, vi o pombo. Um pombo escuro, todo molhado, as penas coladas no corpo magro. Visivelmente doente. Ciscava na calçada à cata de migalhas, mais prováveis naquele lugar onde há sempre gente comendo. Não parecia disposto a voar. “Coitado do pombo!” — comentei com um popular que tomava café de copo na porta do botequim — “Está doente e com fome. Pombos sadios não se molham na chuva”. O homem concordou olhando para ele, o bicho estava doente mesmo.

Fiquei alguns minutos observando aquela busca nos vãos entre as pedras portuguesas, modesta caçada para a qual só o bico era arma ou ferramenta. Depois fui no meu rumo, levando uma ponta de tristeza.

Poucos passos adiante passei pelo gazista que já me atendeu mais de uma vez, pessoa boníssima a quem dei alguns livros para os netos. Perguntou como eu estava, respondi que eu ia bem, mas o pombo da esquina parecia doente. Olhamos ambos a criatura. “E além do mais tem fome”, acrescentei. “A senhora é que tem bom coração” arrematou ele.

Bom coração coisa nenhuma, murmurei silenciosamente para mim mesma enquanto seguia caminho pisando nas poças como castigo embora calçasse galochas. Tivesse bom coração, continuou meu pensamento, comprava alguma coisa para o pombo comer.

Bolo parecia uma boa ideia, fácil de esfarelar. Mas eu estava com pressa, ia dar a hora do almoço. Fui em frente.

Fiz o que tinha que fazer no banco e vinha voltando, quando passei pela padaria. Um pão daria muita migalha. Entrei contente, comprei um pãozinho francês ainda morno. Mas quando cheguei à esquina o pombo não estava lá. Procurei por ele na rua, do outro lado, virando a esquina. Nem sinal. Havia sido espantado pela chuva ou pela fome.

Protegi com a mão o saquinho de papel, não fosse o pão murchar com a umidade. E pensava que utilidade lhe dar, quando vi se aproximando na calçada, em sentido contrário, um homem descalço, de bermuda, olhos grandes no rosto magro, que se abrigava debaixo de uma barraca de praia grande, colorida e gotejante. Quanto cruzamos caminho, ele me pediu, sem grande expectativa e continuando a caminhar, algo para comer. “Quer um pão?” perguntei virando-me, já dois passos à frente. “Tá fresquinho” acrescentei, como a dizer que não era coisa pouca. “Aceito”, ele respondeu com delicadeza, “Deus lhe pague”. O saquinho de papel trocou de mãos, o pão tinha achado sua função.

Há sempre alguém com fome.

Atravessei a rua em direção ao meu prédio. Ia sorridente por ter conseguido atender pelo menos uma das duas necessidades.

Antes da entrada, mas já debaixo da marquise, fechei o guarda-chuva e o deixei longamente gotejar. Não queria molhar nem mármore nem elevador. Esperava as últimas gotas caírem, quando um porteiro do prédio se aproximou. “Dá licença, D. Marina?” disse já se apropriando do guarda-chuva. Fechou-o no punho, deu com ele duas ou três firmes chicotadas no ar expelindo toda a água, e o devolveu quase seco. “Que jeito ótimo de impedir poças indesejadas!”, exclamei à guisa de agradecimento. E redobrei o sorriso.

Há sempre alguém para nos ensinar alguma coisa.

Texto 3: A bolsa com cara de gato

Entrou no elevador com os pais, numa parada intermediária. Calculei que tivesse 3 anos, quase chegando aos 4. Portava, com visível orgulho, uma bolsa de pelúcia cor de rosa em feíto de cara de gato.

- Que bonita a sua bolsa! – eu disse para ela, sabendo que estava de total acordo.

Nem olhou para mim diretamente, olhou para a bolsa que segurava pela alça, e a abriu. Estava me mostrando, de forma transversal, a utilidade que pode ter uma bolsa. Tirou de dentro dela um cachorro, não um cão estilizado, mas um cachorro pequeno erguido sobre as quatro patas, de plástico rígido e marrom, realista, provavelmente elemento de algum jogo.

- Um cachorro dentro de um gato?!- exclamei eu – Gatos não gostam de cachorros. Teu gato não deve estar gostando nada disso.

Ela botou o cachorro de volta na bolsa.

- Miauuu!- fiz eu, externando o desagrado do gato.

Ela revirou a bolsa nas mãos, como se procurasse alguma coisa.

-Minha bolsa não tem som - disse quase desalentada. Revirou mais, e acrescentou – Também, dura só um minuto e a pilha acaba.

A bolsa sem som acabava de perder parte do seu valor. O elevador chegou ao térreo, saímos todos e ela se foi ladeada por pai e mãe.

Os dois, certamente, não haviam notado nada de estranho, cuidando apenas do bom sentimento despertado pelo fato de uma senhora se encantar por sua filha. Mas eu ia mastigando observações que passavam por cima do encantamento.

A menininha, cujo nome nem cheguei a perguntar, não havia dito “minha bolsa não fala” ou “não mia”. A bolsa, apesar da pelúcia, do feíto, dos olhos, nariz e bigodes bordados, não equivalia para ela a um gato. Equivalia a um aparelho de som.

Certamente não tinha gato, não estava familiarizada com gatos. Mas em sua casa havia vários aparelhos. Nem falo dos de tomada, como liquidificador, micro-ondas, geladeira, máquina de lavar. Falo dos de som, dos que falam. Duvido tivesse rádio, os pais dela sendo jovens não fariam apelo para objeto tão pré-histórico. Celular, sim, tinha mais de um ao seu redor. E televisão. E é provável que em algum momento em que ela pedia para ver desenhos no celular, a mãe ou o pai, considerando que era hora de fazer outra coisa, tenham dito para simplificar que “a pilha acabou”.

Uma coisa é certa, a menina não sabia nada de animais - ignorava até que cachorros e gatos são inimigos históricos – mas sabia bem de aparelhos e suas fontes de energia.

Devido ao politicamente correto, nem deve ter cantado “Atirei o Pau No Gato”, senão teria identificado o meu miado com o “berrô que o gato deu!”

Não tiro desse episódio conclusão alguma. Embora sejamos o tempo todo atingidos por

conclusões, não são ginásticas mentais fáceis de alcançar e não podem ser imediatistas. Penso apenas no deslizamento de valores. Se ontem era importante que os primeiros conhecimentos fossem da vida, na qual o gato se insere, hoje o conhecimento que chega primeiro é o dos equipamentos, cuja utilização - e conseqüente necessidade - se expandiu de forma tão tentacular a ponto de confundir-se com a vida em si.

É provável que a menina do elevador venha a ter um pet. Mas o que primeiro se imprimiu nela como necessidade vital foi o som emitido por um equipamento que, em algum momento, precisa recarregar sua energia.

Texto 4: Minha pequena ilha

Vi a foto e me apaixonei pela ilha. Não me apaixonei pela realidade, mas pela ilha imaginária que guardei para mim.

Migingo é uma ilha tartaruga que flutua no Lago Vitória.

Uma ilha tartaruga, porque inteiramente coberta por uma carapaça de tetos metálicos, os tetos dos casebres de uma só janela e porta feitos de chapas de alumínio corrugadas, e mais os telhados dos 15 bares, o da farmácia, o do salão de beleza, e os dos inúmeros bordéis. Parece que os hotéis têm o mesmo telhado.

Como tartaruga, Migingo é enorme. Como ilha, é minúscula. São dois mil metros quadrados e 400 habitantes.

Basta girar levemente a cadeira enquanto escrevo, para ter à minha frente um inteiro arquipélago, as Ilhas Cagarras, que recortam o horizonte marítimo em Ipanema. Mas ilhas em mar aberto têm a amplidão a seu serviço e são mais difíceis de amar, escapam entre os dedos, enquanto uma ilha lacustre é como uma pérola na concha ou uma matrioska dentro de outra matrioska, tesouro contido, ilha protegida dentro de outra ilha. Pois se a ilha é, como aprendemos na escola, “um pedaço de terra cercada de água por todos os lados”, um lago, por sua vez, é um pedaço de água cercado de terra por todos os lados, ou seja, uma ilha líquida.

Vista de um satélite, Migingo deve parecer pequena como um pedaço de pão boiando em prato de sopa. Mas eu a vejo no imaginário como em um mapa antigo, rodeada por monstros marítimos e por embarcações piratas.

Os monstros são os enormes peixes Perca do Nilo, predadores originários da Etiópia que foram clandestinamente introduzidos no Lago Vitória para remediar a falta de fauna lacustre causada pela pesca predatória. Remediaram a seu modo, reproduzindo-se enormemente e devorando as espécies locais, antes de se tornarem canibais, os mais fortes comendo os mais fracos. Uma Perca do Nilo pode medir até dois metros, e pesar de 200 a 250 quilos.

As embarcações piratas da realidade não têm velas infladas de caravelas, são semi canoas com motor de popa que chegam na noite para roubar dinheiro, motores de outros barcos, e os peixes Perca postos a secar. É provável que esses piratas sem gancho, mas armados com bocas de fogo, gastem nos mesmos prostíbulos onde seria entregue pelos pescadores o dinheiro que acabaram de roubar.

“Meus amigos foram às ilhas/ Ilhas perdem o homem” escreveu Drummond. E tinha razão. Os dois primeiros pescadores que, pensando em economizar combustível nas suas pescarias, foram morar em Migingo, tiveram sorte. São hoje proprietários da maioria dos casebres. Mas os que seguiram seu exemplo e se amontoaram no espaço apertado, gastam nos bares o tempo em que não estão nos barcos, e gastam com as prostitutas o dinheiro ganho quando estão nos barcos.

Eu não sou um homem. Mulheres não são citadas no poema de Carlos. Não há de ser por machismo, mas porque mulheres têm parte com as sereias.

Eu então, que levo Mar no nome, posso me apaixonar por uma ilha sem me perder. Ponho Migingo na bolsa, e a levo comigo para ser meu refúgio. Se a miséria brasileira pesar demais, se a educação for castrada nos seus mais legítimos princípios, se a cultura for transferida para os últimos lugares do interesse nacional, se a focinheira de machismo e homofobia for retirada, abro a bolsa e vou me deitar na ilha pequena e desabitada que só a mim pertence, pés na água de um lado, mãos na água do outro. E o céu, sem nuvens ameaçadoras, acima.

Texto 5: A primeira história em quadrinhos

A gente passa pelas coisas e mal vê, a gente lê os livros e mal lembra. Um dia estica a mão, cata o livro quase ao acaso na estante, e se surpreende com o que encontra. Foi o que me aconteceu enquanto esperava dar o ponto de cozimento no prato do almoço. Estendi a mão garantida pelo autor, Italo Calvino, e pesquei “Coleções de areia” que havia completamente esquecido. A primeira edição é de 1984, eu o comprei em 2008, e o releio às portas de 2019. É o tempo passando como areia entre as páginas.

Porque uma estrutura metálica temporária o permitiu, Calvino faz uma leitura da coluna Traiana, colosso de mármore mandado erguer pelo imperador Traiano em Roma para contar as suas duas guerras contra a Dácia.

Penso que o friso espiralado de baixo relevos narrativos que envolve os quarenta metros de altura da coluna possa ser considerado o precursor das histórias em quadrinhos, ou até mesmo o primeiro álbum de HQ ao ar livre.

Tudo é esculpido em minúcias, obedecendo a um código. O imperador, super-herói da narrativa, marca com sua presença cada episódio. Mas, ao contrário dos super-heróis, não se distingue por qualquer roupa especial. Nem coroa leva. Distingue-se pela posição de destaque, pela atenção dos outros, pela gesticulação de quem ordena, por estar no ponto de convergência dos olhares. Os legionários romanos se diferenciam dos dácios pela couraça em tiras horizontais, e os dácios se diferenciam dos romanos pelos cabelos compridos e barbas idem.

Calvino subiu nas estruturas metálicas porque a poluição ameaçava acabar com o relato histórico. O mármore da superfície estava se tornando friável, ameaçado por qualquer chuva. E o pessoal do patrimônio histórico italiano envolveu a coluna buscando um meio químico de protegê-la.

Eu não precisei subir em canto algum para fazer minha leitura, parcial embora, dessa mesma narrativa. Criança, morava em Roma com minha avó e meu tio, quando este trouxe para

casa uma pasta cheia de fotos dos baixo relevos da coluna. Eram documentação, referências necessárias para ele, naquele momento figurinista de um filme sobre antigos romanos. Que farra para o meu imaginário aquelas fotos espalhadas sobre a prancheta do tio!

As tropas em marcha, com os capacetes pendurados nos ombros e panelas carregadas na ponta de varas que eu considerei como lanças. E as cenas de batalha, cheias de cadáveres no chão, os romanos sempre em posição favorecida, sempre vencedores. Lamento não ter tido a foto da cena que leio agora descrita por Calvino, o soldado romano segurando com os dentes, pelos cabelos, a cabeça cortada de um dácio. Aliás, cabeças decepadas são o que não falta de lado a lado. Dos dácios, apresentadas como troféu ao imperador Traiano, e dos romanos cravadas no alto de estacas atrás dos muros de uma cidade Dácia.

Os dácios eram bons de muro, haviam inventado o Muro Dácio, que faria grande inveja a Trump, e protegia suas cidades fortificadas. Protegia de fato, porque, após prolongado cerco, os romanos só conseguiram entrar na capital Sarmizegetusa após descobrirem e destruírem os canais que alimentavam de água a capital. Mas esse detalhe menos heroico a coluna não conta.

Conta, porém, como a irmã do rei dos dácios, Decebal, foi separada dos filhos e mandada para Roma, parte do butim de guerra.

Onde, além do mármore da coluna Traiana, ficava a Dácia? Nas atuais Romênia e Moldávia, e em parte da Transilvânia, não a toa terra de vampiros.

ANEXO 4 - IMAGENS DAS VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR



Imagem 1: Setembro Amarelo



Imagem 2: Setembro amarelo



Imagem 3: Semana multicultural



Imagem 4: Semana multicultural



Imagem 5: Semana multicultural



Imagem 6: Rendeiras

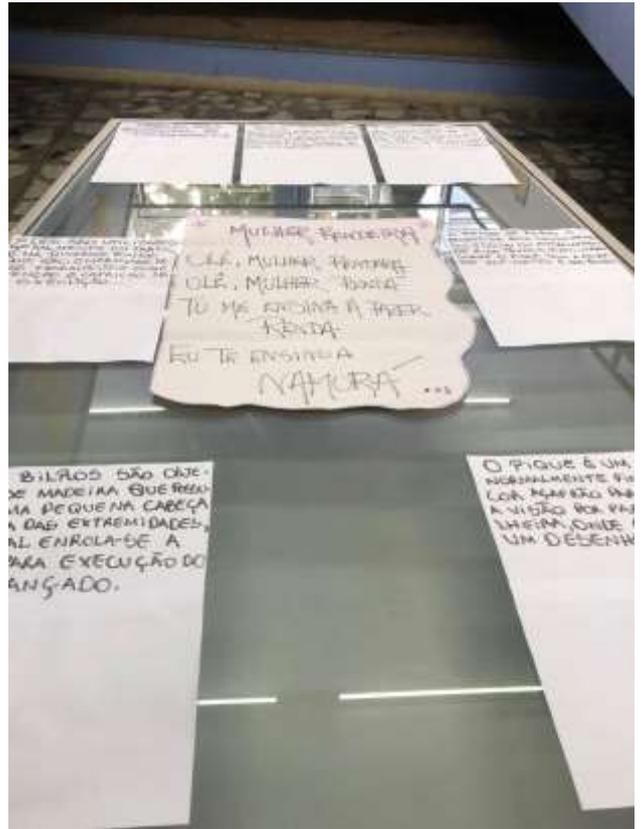


Imagem 7: Rendeiras



Imagem 8: Rendeiras



Imagem 9: Rendeiras



Imagem 10: Rendeiras



Imagem 11: Rendeiras

ANEXO 5 - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Estadual de Educação
Turma: 9º ano - 905
Professor(a): Alexandre Teixeira
Estagiário(a): Isabel Aparecida Rafaeli
Período de observação total: 20/08/19 - 05/09/19

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	20/08/19	10h50	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 2	21/08/19	07h30	Atividade aritmética	[Assinatura]
Aula 3	22/08/19	08h15	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 4	27/08/19	10h50	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 5	28/08/19	07h30	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 6	29/08/19	07h30	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 7	29/08/19	08h15	Instituições do governo - Informática	[Assinatura]
Aula 8	03/09/19	10h50	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 9	04/09/19	07h30	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 10	05/09/19	07h30	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 11	05/09/19	09h15	Inação Subordinada Adverbal	[Assinatura]
Aula 12				

Isabel Aparecida Rafaeli
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Estadual de Educação
Turma: 905
Professor(a): Alexandre Feveica
Estagiário(a): Anderson Machado da Rosa
Período de observação total: 20/08/19 a 05/09/19

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	20/08/19	10:50h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 2	21/08/19	07:30h	Atividade Analítica	[Assinatura]
Aula 3	22/08/19	08:15h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 4	27/08/19	10:50h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 5	28/08/19	07:30h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 6	29/08/19	07:30h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 7	29/08/19	08:15h	Questionário - EM Sala de informática	[Assinatura]
Aula 8	03/09/19	10:50h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 9	04/09/19	07:30h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 10	05/09/19	07:30h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 11	05/09/19	08:15h	Oração subordinada adverbial	[Assinatura]
Aula 12				

Lizete de Freitas Gonzaga
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola
Mat. 2013029-04

ANEXO 6 - TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9298 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2019830

O(A) **Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina - SED SC**, CNPJ 82.351.328/0001-68, doravante denominado(a) **CONCEDENTE** representado(a) pelo(a) sr(a). **Vendelin Santo Borguezon**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 63.899.526/0001-82, representada pelo(a) **Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto de Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Isabel Aparecida Mafessolli**, CPF 091.786.879-00, telefone (48) 3265-2782, e-mail letrasisabelm@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 16101963 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE** e a **UFSC em 20/06/2017** e vinculado à disciplina **MEN7001- Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I (252h/a)**
- Art. 2º:** O(A) **Prof.(a) Chirley Domingues**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de **10.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias)**, a ser desenvolvida na **CONCEDENTE**, no(a) **Instituto Estadual de Educação**, de 06/08/2019 a 06/12/2019, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Alexandre Teixeira (CPF 604.152.310-00)**.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000997 da seguradora **Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02)**.
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a **10 dias de recesso**, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional a deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **CONCEDENTE**, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da **CONCEDENTE**, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2019830

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Vivência de situações pedagógicas e conhecimento da realidade escolar; Encontros pedagógicos na escola; Estudo das referências teórico-metodológicas. Elaboração do Projeto de Ensino e do Planejamento das Aulas; Regência de classe; Planejamento e implementação das atividades extraclasses; Elaboração e entrega do trabalho escrito final: ensaio acadêmico e planejamentos revisados e atualizados; Retorno dos resultados à Unidade Educativa; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:

Florianópolis, 15 de agosto de 2019.

Vendelin Santo Borguezon

Coordenador(a) Geral IEE

Ato. 287 - Mat. 311.397-3-04

Vendelin Santo Borguezon - Representante na CONCEDENTE

Chirley Domingues

Chirley Domingues - Prof.(a) Orientador(a)

Isabel Aparecida Mafessolli

Isabel Aparecida Mafessolli - Estagiário(a)

Jose Ernesto de Vargas

Jose Ernesto de Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Alexandre Teixeira

Alexandre Teixeira - Supervisor(a) no local de Estágio

Lizete de Freitas Gonzaga

Supervisora Escolar

Mat. 307 - TCE 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | http://portal.estagios.ufsc.br | dp.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2019827

O(A) Secretária de Estado da Educação de Santa Catarina - SED SC, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE** representado(a) pelo(a) sr(a). **Vendelin Santo Borguezon**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto de Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Jordana Machado da Rosa**, CPF 055.247.919-58, telefone (48) 9188-4946, e-mail **jordanamachado.r@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **16106807** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE** e a **UFSC** em **20/06/2017** e vinculado à disciplina **MEN7002- Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** (252h/a)
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) **Chirley Domingues**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de **10.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias)**, a ser desenvolvida na **CONCEDENTE**, no(a) Instituto Estadual de Educação, de **06/08/2019** a **06/12/2019**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Alexandre Teixeira** (CPF 604.152.310-00).
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **0000997** da seguradora **Gente Seguradora S.A.** (CNPJ **90.180.605/0001-02**).
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a **10 dias de recesso**, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **CONCEDENTE**, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da **CONCEDENTE**, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2019827

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Vivência de situações pedagógicas e conhecimento da realidade escolar; Encontros pedagógicos na escola; Estudo das referências teórico-metodológicas. Elaboração do Projeto de Ensino e do Planejamento das Aulas; Regência de classe; Planejamento e implementação das atividades extraclasses; Elaboração e entrega do trabalho escrito final: ensaio acadêmico e planejamentos revistos e atualizados; Retorno dos resultados à Unidade Educativa; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:

Florianópolis, 15 de agosto de 2019.

Vendelin Santo Borguezon
Coordenador Geral IEE
Ato. 287 - Mat. 311.397.3-04

Vendelin Santo Borguezon - Representante na CONCEDENTE

Chirley Domingues
Chirley Domingues - Prof.(a) Orientador(a)

Jordana Machado da Rosa
Jordana Machado da Rosa - Estagiário(a)

Jose Ernesto de Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Alexandre Teixeira - Supervisor(a) no local de Estágio

Lizete de Freitas Gonzaga
Supervisora Escolar
Mat. 701.325.5-04